

124

1871 - 1872

JOÃO RIBEIRO

CARTAS  
DEVOLVIDAS

LIVRARIA SÃO JOSÉ

Outras obras de João Ribeiro  
que serão publicadas pela

LIVRARIA SÃO JOSÉ

PAGINAS DE ESTÉTICA

FABORDAO

CURIOSIDADES VERBAIS

COLMEIA

NOTAS DE UM ESTUDANTE

FOLCLORE

*Brevemente:*

MUCIO LEÃO

JOÃO RIBEIRO — O homem e a obra



LIVRARIA SÃO JOSÉ

RIO DE JANEIRO

380

—

UH

*Frage Antonio Lasi*

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

JOÃO RIBEIRO

CARTAS  
DEVOLVIDAS

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO



LIVRARIA SÃO JOSÉ  
RUA São José, 38  
RIO DE JANEIRO  
1960

JOAO ALBERTO

DEVOLVIDAS  
CARTAS

1880



ALVARO DE LIMA

1880

1880

1880

## Prefácio

*A suave erudição dêste livro reflete, sem dúvida, a maneira sutil com que João Ribeiro, dando evasão à sua inquietude intelectual, versava múltiplos assuntos sem perder aquela substância de unidade que dava admirável consistência aos seus escritos.*

*É que, neste livro, está presente o seu espírito com tal permanência como à flor acompanha o perfume. É qualquer coisa indelevel que define a sua personalidade e a singulariza nas suas características mais puras.*

*A variedade dos temas não extravia a linha geral de uma atitude mental que imprime às suas considerações um sôpro vigoroso de coerência e de fino equilíbrio crítico.*

*Antes de tudo, nele, o "sage" não abandona o "savant". Daí a fluidez de sabedoria que perpassa em suas páginas.*

*Em tudo o que afirma há sempre uma franja de subentendidos complementares, não raro envôlta em leve ironia.*

*Esse secreto sorriso, que anima o seu pensamento, revela um profundo senso de relativismo e, ainda mais, traduz um impulso vital que o estimula para uma perpétua renascença de idéias.*

*Realmente, João Ribeiro não era homem de inclaurar-se em fronteiras. Jamais traçava limites definitivos para os seus domínios espirituais. A cultura para êle era como a nebulosa de Hershell; um mundo em via de formação.*



Encarava a ilustração como um "zwerden" inacabável, uma procura incessante de novos rumos.

Aí está, sem dúvida, a sensação de inédito, o sabor de novidade que transparece em tudo que escreve.

Visível e harmoniosa é a sua plasticidade intelectual para conciliar antagonismos, liquifazer ambivalências e ajustar oposições. É uma tendência fundamentalmente dialética que argamassa toda a sua crítica. E, na verdade, o sim e o não pertencem a uma mesma escala de associação. Não estão tão distantes quanto aparentam.

Se, por vezes, apelava para o abstrato, não desprezava o concreto.

Da mesma forma amava a síntese sem repudiar a análise.

Nesta "coincidentia oppositorum" residia a força de seu raciocínio, sempre amplo, flexível e satisfatório.

As idéias gerais casam-se, sem atrito, com as pesquisas particularistas deste ou daquele problema erudito. E sabe ajustá-las harmoniosamente.

Em nenhum outro escritor brasileiro patentêa-se, com maior nitidez, a conciliação do espírito germânico com o espírito latino.

Não há dúvida que João Ribeiro assimilou, em grande intensidade, a cultura germânica, quer no domínio do pensamento, quer no campo da erudição e da pesquisa de ordem histórica, folclórica e linguística. Em toda a sua obra há testemunhos objetivos dessa assimilação. Foi um dos nossos germanizantes. E, por certo, nessa atitude, se prende à tradição cultural de seus conterrâneos, Tobias Barreto e Sílvio Romero. Não deixou apagar a fogueira acêsa por aqueles ilustres sergipanos. E, nisso, contribuiu para vivificar a cultura nacional. O Brasil precisava receber idéias novas d'além-Reno como também recebia, nas camadas étnicas, o sangue vivificador dos colonos alemães...

Mas, sem embargo dessa disseminação de idéias germânicas, João Ribeiro jamais se exilou da Latini-dade.

Nele o espirito latino latejava, animando a substância e a forma de todas as suas manifestações literárias.

O gênio latino palpita na sua prosa, sempre identificada com a índole românica do idioma.

Embora sem caturrices de puristas, foi um defensor da vernaculidade. Dominava perfeitamente a língua portuguesa, sem desprezar o seu enriquecimento aquem Atlântico. E via nos clássicos tão somente uma fonte para retemperar o próprio estilo.

Nesse culto ao idioma mergulhavam as raízes de seu espirito latino.

Não havia, pois, contradição entre a idéia e a forma. Conhecia os caminhos da Germânia e os da România.

O nervo, porém, de sua erudição estava na subtilidade.

Aborrecia a erudição enxundiosa, excessiva e opressora, tão do agrado dos estudiosos sem imaginação.

Ao contrário, nas suas mãos, o tema erudito esgarçava-se em levezas e cristalinidade. Possuía agudo discernimento para desbastar a documentação hirsuta e dispensável. Só trazia à baila o necessário e o imprescindível. E com êsse material elaborava o seu ensaio, sempre concludente e esclarecedor.

Todo o seu comentário, toda a sua exegese e todo o seu exame crítico vinha insuflado dessa virtude elucidativa em que a sua contribuição pessoal se fazia sentir, ainda que no campo da hipótese ou da conjectura.

A erudição o atraía pelo que de novo podia trazer de sua documentação, não raro adormecida durante séculos.

Amendo o passado, voltava-se constantemente para o presente.

A erudição não sufoca o seu espírito de renovação e o seu contacto com as idéias novas e modernas.

É outra conciliação que a sua mentalidade alimenta. É pesquisando o passado que podemos, realmente, avaliar, com precisão, o que é novidade incontestável.

Para João Ribeiro renovar-se não implicava em desconhecer a herança ancestral, por mais remota que fôsse.

Justamente consegue ser um erudito e um homem novo.

Isso, aliás, explica o aplauso, que sempre recebeu, das gerações velhas e das gerações mais recentes.

Viajava por diversos mundos do espírito com a curiosidade, que lhe era inata, de procurar algo que satisfizesse a sua inquietação interior.

Nesse afã de andarilho, nunca fêz pousada definitiva.

Embora tivesse peregrinado pelo Velho Mundo, a embarcação mais fácil de suas travessias espirituais eram os livros.

João Ribeiro, como todo humanista, vivia na biblioteca.

Ler era o seu prazer quotidiano.

E tôda a sua obra reflete êsse delicioso "ópio do Ocidente" como disse Anatole France de nosso vazo tradicional de leitura.

Os livros eram os seus companheiros. E nessa companhia abasteceu o seu cérebro de um patrimônio incomensurável.

E é curioso verificar que êsse trato com os livros não destruiu na sua personalidade uma das notas mais típicas: o fundo humano.

Nunca encontrei criatura mais humana do que êle. Jamais conheci alguém que o igualasse na compreensão humana. Era, nesse sentido, sem rival.

É, pois, compreensível que se tornasse um sementeiro.

O que aprendera deveria ser distribuído.

E ei-lo transformado em mercador de idéias, em mascate de lição e caravaneiro de pensamento.

Assim escreveu livros — como estas “*Cartas Devolvidas*” que são mensagens de erudição e de idéias que definem, em toda plenitude, o espírito de João Ribeiro. Nelas o estilo alcança a cristalização apropriada para traduzir a limpidez do pensamento e a riqueza da erudição.

É uma imagem perfeita das qualidades do escritor. E dá sugestiva amostra dos diversos matizes culturais cultivados pelo filólogo, pelo historiador, pelo folclorista, pelo crítico e pelo erudito que foi João Ribeiro.

É um sugestivo painel de seu perfil intelectual.

\* \* \*

Por ocasião dos centenários dos homens de letras, creio que é o momento azado para se promoverem reedições de suas obras.

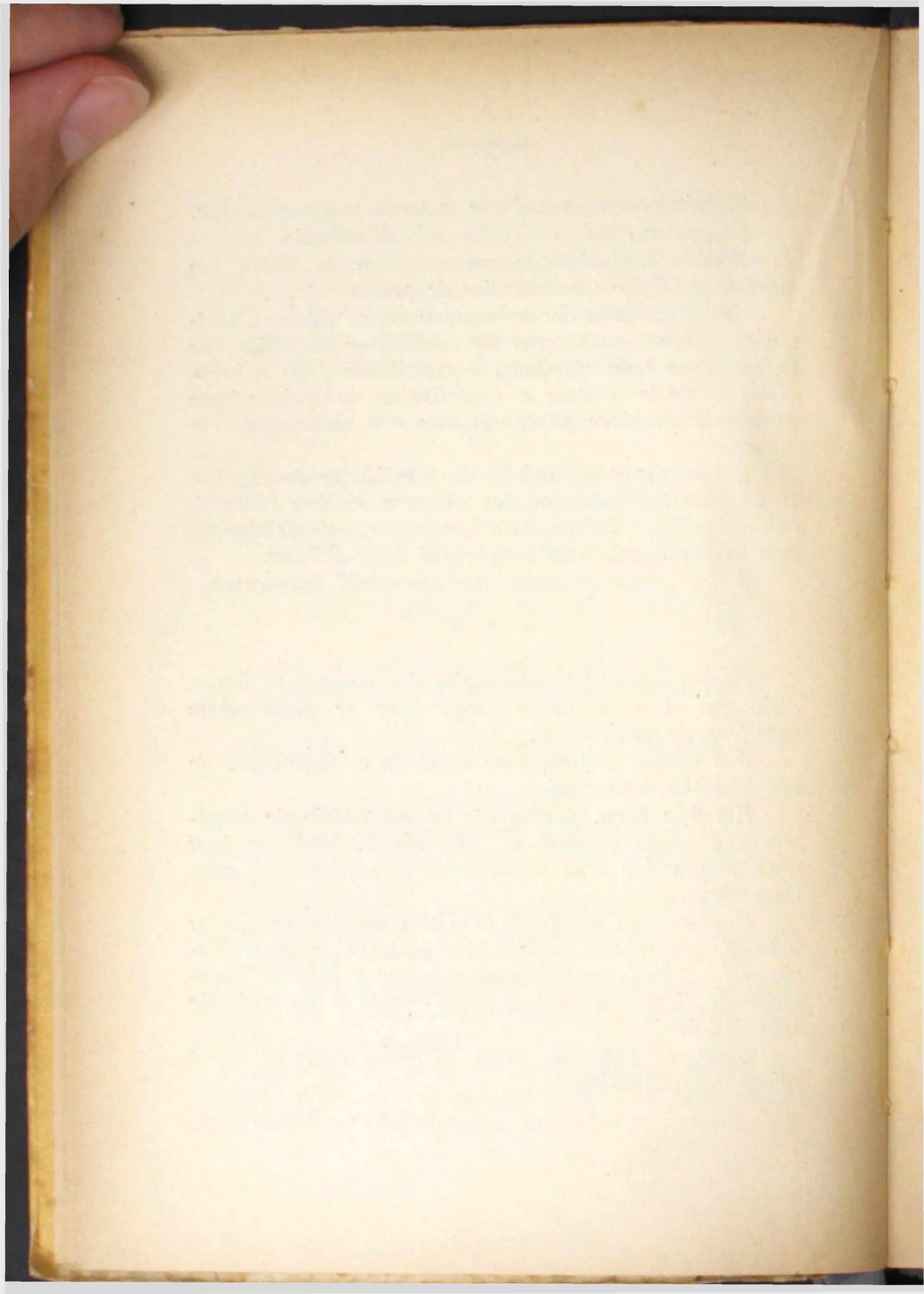
É o melhor critério para aferir-se a significação de seu trabalho intelectual.

Em bôa hora, justamente no centenário de nascimento de João Ribeiro, a “*Livraria S. José*” resolveu reeditar um dos seus livros mais estimados, as *Cartas Devolvidas*.

Deve-se esta edição à iniciativa do livreiro Carlos Ribeiro, que tantos serviços tem prestado às letras brasileiras. É mais uma homenagem que o famoso “*mercador de livros*” da rua S. José presta à memória de João Ribeiro.

Sinto-me feliz de, neste prefácio, cooperar nesta edição comemorativa.

JOAQUIM RIBEIRO



## Acêrca da difícil simplicidade

Estava eu para pedir a Vossa Mercê, sempre bem-avisado nas suas respostas, o verdadeiro conceito em que se hão de ter as novas escolas poéticas.

Sabe Vossa Mercê que ando às vêzes prevenido com as migalhas que me concede para o govêrno da vida.

Os poetas novos parecem-me realizar a máxima simplicidade de que é capaz a literatura.

Não só aqui, mas em todo o orbe êsses supostos iconoclastas, tão da minha simpatia, puseram fogo a tôdas as velharias retóricas do nosso tempo e... caminham desassombradamente para o nu...

Hoje, as raparigas e as modas adotaram igual estilo para regalo das concupiscências ultrajadas pelo tempo; vestem-se de roupas transparentes, finíssimas, quase tecidas de ilusão óptica, de tal jeito, que nem Eva no Paraíso poderia gabar-se de tão dificultosa simplicidade.

Ora, estou a ler uns versos da Alemanha, após a guerra, e vejo que os seus malsinados simbolismos não passam de verdades cruas, claras e axiomáticas.

Por que dizer mal dos nossos jovens poetas se a doença, ou antes, a saúde, é terráquea e universal?

Aqui está, por exemplo, o poeta Jakob von Hoddis, que descreve em oito versos um tufão nas ruas de Berlim.

Como é êle exato e admirável de simplicidade!

O vento redomoinha, levanta-se a poeira. "Da cabeça do burguês voa o chapéu".

Dem Burger fliegt vom spitzen Kopf der Hut...

Haverá coisa mais exata? Muda-se o tempo,  
 “Quase tôda gente espirra, endefluxada”.

Die meisten Menschen haben einen Schnupfen.

Eis a escola nova. Registrar o espirro, a catarreira e os chapéus às bolandas com o vento.

Se Vossa Mercê me permite pensar, acredito que a escola nova consiste apenas em reabilitar os nomes e as coisas ditas antipoéticas. Eu bem desconfiava de que as novidades não passam de anacronismos ressuscitados.

Por que se há de admitir um antipoético? Tudo é poesia ou antes, nós é que a somos.

Já o nosso tão amado Luís Delfino escreveu com admirável coragem êste verso:

Cabelos louros, louros qual manteiga.

Houve mesquinha crítica que não percebeu nesse precursor a necessidade de afrontar os preconceitos do vocabulário antiquado das musas. As musas precederam os tesouros vocabulares.

Quanto a mim, agrada-me êsse impávido desembaraço. Também eu, em tôda a minha vida de letras, pratico, verso e converso uma espécie de antiliteratura.

Quando o meu grande amigo Ronald falou de “lua humorística”, compreendi o alcance da formosa imagem. A Lua ri-se. Desde criança conheço dos almanaques a estampa da Lua de carão jovial, a comissura dos lábios voltada para cima, num riso largo, bom e sereno.

Para mim a “lua humorística” era uma tradição infantil e genial.

E Ronald é como von Hoddis, da mesma arte em que florescem Mário e Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, G. de Almeida, Teixeira Soares, Morais Neto, e outros do nosso modernismo literário.

Em von Hoddis tudo está em ter o denódo do poeta simples, como convém aos nossos dias, tão complicados.

De tal arte nos emaranhamos, enredados no cipocal das coisas, diuturnamente enleados nas lianas das nossas florestas, que a vida inteira não seria cabal para destruir os entaves do caminho.

Já tentei uma vez fazer a *tabula rasa* da minha pobre literatura. E retomei o rumo da infância.

Nessa jornada a pospelo, comecei a andar para trás, mas, enfim, chegou o momento em que alcancei a ponte que se quebrou... e eis acabada a viagem.

Há sempre, lá para os dias que se foram, uma ponte quebrada.

Queria eu despir-me de tôdas as convenções, abolir os cânones da vida, e... tocar o nu.

Impossível.

Entretanto, quem criou tamanhas impossibilidades? Não seremos nós, os verdadeiros culpados, foragidos da inocência e da simplicidade?

Estou certo, como diz Vossa Mercê, que a civilização é impotente para complicar o universo. A civilização cria-nos sentidos novos, descobre horizontes maiores, multiplica as coisas conhecidas do mesmo passo que aumenta as que nos são ignoradas. Assim, somos nós mesmos que nos complicamos à fôrça de descobirmos cada vez mais. E para falar como os pedantes, é o "eu" que cresce, e não o "não-eu", perenemente o mesmo.

Essa inversão das complexidades, todavia, em coisa alguma nos aproveita.



Andamos a ver côres diferentes sem percebermos de vez a unidade da luz branca original e única.

Não progredimos no sentido verdadeiro, essencial das coisas; decompomos, dividimos, multiplicamos, fragmentamos e pulverizamos o universo. A ciência humana consiste nessa curiosidade malsã de reunir estilhaços inumeráveis; e não sei em que é ela superior à crassa ignorância.

O remédio a tamanha miséria da alma, talvez, esteja na absoluta renúncia de tôdas as vaidades do entendimento.

\*

Para que saber? Para que saber tanto, se o se-grêdo se torna cada vez mais numeroso, largo e profundo?

Na Antiguidade a ambição das viagens expirava nas colunas de Hércules; e hoje nem o padre Oceano nos embarga o passo.

Eis aí.

O melhor é esperar a extinção de todos êsses rumô-res incômodos e incompreensíveis. Quando estiverem êles perto do imperceptível, tudo se confundirá num murmúrio e num anélito final.

É o que me ensinam os versos de um grande poeta, Detlev von Liliencron.

Êste Liliencron foi, há vinte ou trinta anos, o maior poeta da Alemanha. Morreu a tempo, quando lá os cubistas, dadaístas e futuristas começaram a lavrar o campo sagrado.

Deus o tenha na sua glória!

Liliencron oferece-me, num dos seus breves poemas, essa unidade final das coisas barulhentas que passam.

— Está o poeta, todo contemplativo, no seu aposento. Na vidraça zumbe um besouro.

E eis que quebra a esquina uma fanfarra marcial, troante, a estrondear pela rua. As casas trepidam, tudo estremece. Os metais rouquinhos e as flautas sibilam, retumbam, trilam em tempestade.

Mas a música passa; as vozes se adelgaçam. Agora é mais suave, ronronha, chia e amortece.

Um minuto mais e já longe, zanguizarreia apenas um flautim, agudo, trêmulo, porfioso.

Zanguizarreia, zanguizarreia...

Mais uma volata esmorecida — zig-zag...

Zig...

Daí a pouco:

Zi... zi... zi...

É acaso a fanfarra que ouço ou é o zumbido do besouro na vidraça?

Zi... zi... zi...

Não sei; mas êsse é o círculo vicioso de tôdas as tempestades.

\*

Dêste poeta tiro a lição que se tivermos de esperar pela morte de todos os rumôres e estrondos, nada mais igual à complicação do que a simplicidade.

As coisas simples contêm as outras tôdas e está exatamente nisso a razão de serem difíceis.

Quando leio os poetas que me atormentam o ouvido, abro uma distância razoável, deixo que as suas vozes esmoreçam e afinal, sinto, como um resíduo agradável, aquêlo zumbido universal e manso que é, afinal, o mesmo das grossas fanfarras, dos pequenos mosquitos e da poesia nova.

Acaso não o sente Vossa Mercê, que é tão filósofo e tão bem conhece a medida de tôdas as coisas?

Disse um inglês paradoxal: quando me dão um livro nôvo, compro um antigo.

Fio que me deferirá o pedido.

Aqui estão os motivos principais da minha admiração pelos jovens poetas. Tôda essa bulha é um ruído suave, amplificado pelas nossas tôlas indignações...

Afinal, zumbem na vidraça como o besouro de Liencron e acabam na simplicidade eterna das coisas que passam.

É possível e até desejável que dêles reste um flautim na decomposição dêsse temporal desfeito.

Essa última voz suavizada pelo tempo, não direi qual seja, para não levantar outra fanfarra.

Mas Vossa Mercê, que é antiamericano, inimigo do jazz e nem se arreceia de charamelas juvenis, nem do clangor das trompas, vai dizer-me pela volta do correio, quem é o flautim, coroado de louros.

Tenho cá preparado um epigrama laudatório.

Deus guarde a Vossa Mercê, como a nossa literatura há mister por dilatados anos.

## Dum velho maço de papéis

Meu caro Treviranus

Que tempo há (e eu nem quero contar os dias escorridos e tristes) que não recebo cartas tuas em almaço cândido com tua letra rija e conselheira, ruim mas inefável. Nem tu, meu adorado amigo, avalias a dor dessa ausência de filosofia que é a única cousa que me põe sôbre os pés e me edifica. Vê que complicados embaraços e que irregularidades de terreno me impedem de entesar a espinha e tomar uma atitude austera nesses tempos confusos.

Ah! Simeão o estilista, famélico e doce, podia ao certo fazer um trejeito obscuro e vulgar, de cuecas, agachado sôbre o ponteiro ascético e regenerador; para espinha linear e têsa tinha o monge por demais a coluna. E era um santo! Mas eu, mísero vivente, e rojante pelo solo, humilde e indigno vereador de outras eras, átomo perdido na massa soberana, se bem que com imerecida saliência no recesso da minha paróquia, ah Treviranus! eu to declaro, eu to declaro, não sei que cousas fazer, nem que palavras pronunciar diante de ti e destas paredes.

Lembrei-me, ou antes foi a oportunidade quem me lembrou, que é tempo de fazer confissões e começar as penitências. Quaresma póstuma, dirás, mas entretanto quaresma devida e paga; e nem estranhes essa contrição tardia. E as missas, em centena, engrolhadas *post-mortem*? seria extravagante celebrar missas purificadoras nesta vida e deixar-se para cometer as ma-

rotadas na vida de além-tumulo. Não. A verdadeira praxe é o processo invertido dos comedadores ricos. Bandalheira agora, missas, ao depois. Oh! o processo invertido! eis, se não me engano, a tua filosofia. Mas, vamos às minhas confissões. Creio que gira em minhas veias sangue forte de frade. As crônicas da minha família são obscuras e é difícil iluminá-las à pesquisa; ficariam, como as orações de Demóstenes, cheirando a azeite. Mas creio que era minha bisavó ou minha quarta avó (afasto isso para bem longe por evitar sagrados escrúpulos de pena, ou os meus acanhamentos de Epístola). Concordarás que era minha quinta avó, que recebia um frade. Recebia-o com Deus e sem escândalo, não pelo muro do quintal, o que seria indigno de uma avó tão longínqua e de um frade tão santo, mas pela porta, pela mesma porta por onde entrava o meu quinto avô (entrava é bem certo, mas eu imagino com que dificuldade a transpunhas, ó meu desditoso e firme antepassado!).

Ainda ontem um talho que dei no dedo clareou-me mais que a abstrusa tábua em letra verde da minha genealogia; vi o meu sangue esguichar como uma torneira delgada aberta desde o evo médio; passaram os glóbulos de vilões suados, de guerreiros de Ourique e de Aljubarota, um pingo de vivandeira abrasada em Alcácer-Quibir, uma gôta de mesário de Elvas e afinal, ei-lo que passa o resquício vermelho de Frei José de Santa Clara (era êle, tão celebrado na conquista espiritual do Paraná-Mirim), um glóbulo farto e espumante, criado à parra galega. Dizer-te que fiquei confuso, seria um acanhamento desonesto e excessivo na Epístola de um quinto neto; digo-te, porém, e é a verdade, que fiquei esclarecido e iluminado.

Devo dizer-te mesmo que fiquei contente; e se José de Santa Clara (tão celebrado na conquista espi-

ritual do Paraná-Mirim) não fôsse “frei”, agora mesmo, resoluto, sem detença, metê-lo-ia nas minhas tábuas para honra e memória de suas decadentes vergônteas.

Quem diria que a minha árvore genealógica se reconstituísse como o animal de Cuvier, bestialmente, pelo esguicho banal dum talho, pela baba da seiva, em processo invertido! Mas acaso não o era, invertido e sem graça, o método do meu quinto avô (Deus o conserve onde os há) na fatura dos seus nobres descendentes? Nem discutamos cousas algo comprometedoras.

Guarda bem êsse segrêdo, Treviranus, que é o da tua filosofia. Guarda e passa, como disse, ou eu calunio, o mavioso bardo \*\*\*... homem de muitas letras e *traditore*.

É êsse sangue apostólico que me evangeliza nas veias, me catequiza os leucócitos anêmicos, me entrega de pés e mãos às fúrias sagradas do êxtase e ao santo histerismo dos devotos. Vê tu bem aí mais uma razão da minha alegria; um apóstolo das selvas, um frade na minha família — que honra para a estirpe de um cansado e obscuro vereador! que espelho para a minha paróquia!

Pois bem. Desde que eu me senti frade tive o orgulho da minha essência; neste caso, quintessência, o que é demasiado terrível. Senti cair-me as calças e o jaleco voar-me rasgado em asas despregando-se pelos braços abertos em indignação; a Terra tremeu tôda, o Sol afundou-se e o véu do firmamento partiu-se pondo um estrondo de cataclismo no mundo; e um fragmento da-quele véu, tangido pela chuva de oiro que chovia em vez de sol, veio descendo bambo, enfunado, aberto e bivalve, engoliu-me e vestiu-me todo... e eis-me de hábito e burel. Havia pelo ar um cheiro forte de incenso e mirra, e as minhas palavras saíam da bôca untuosas, banhadas de santo óleo...

Vi aos meus pés a multidão piedosa dos fiéis e dos crentes a murmurar — Frei João da Silveira! — e vi o Padre Gomes esfalfado e as devotas suaves em turba, Dona Maria tão gorda, Dona Chiquinha Bastos que me prometia para o futuro uma quinta avó discreta, e um ror de gente em rosário bracejando e apertando-se a beijar a minha túnica monacal e singela.

— Frei João! Frei João!

Confesso que uma grande glória me cobriu todo, e eu senti a tênue nuvem da reverência pairar fosforescente em eclipse sobre a minha cabeça sagrada. E entrei em profundas meditações, em graves teologias serenas, absorto, de olhar alto virado para dentro. Que glória para a minha Paróquia agreste e mundana! eu era Frei João, o amado, o santo.

Depois, porque a santidade mesma não exclui a imundície, eu almocei ovos estrelados, engraxei os sapatos, dispus os meus livros de êxtase e saí. Tôdas as pessoas me olhavam e me fitavam, paradas às portas, como a uma bêsta de climas extravagantes; mas vi logo que era a humildade, a admiração que as fazia curiosas e comovidas. Dei-lhes um gesto amplo de bênção e passei. Pelas ruas saudavam-me, uns de mãos no peito, outros quebrando os joelhos em compasso, todos abatidos ao pêso dos pecados negros e todavia transparentes. Só um garôto esfarripou-me trêfego e ligeiro:

— É o Vereador Silveira.

Profanação demoníaca. Creio que foi o Bastos, o magricela, sacrílego; mas talvez não fôsse êle o infame; o Bastos era meu compadre e amigo velho do coração, mas quem sabe? Bastos sempre fôra um canalha.

Entretanto, o côro mudo de adorações crescia e eu andava como numa apoteose de procissão com um rabicho de fanáticos atrás pelas ruas e lugares.

Num momento agregou-se ao préstito religioso um grupo angélico com cítaras e harpas sagradas, derramando no ar de incenso sonoridades diáfanas, músicas sutis e seráficas. Falava-se que Frei João ia dizer a "Missa Nova" e eu prelibava a delícia da minha inauguração apostólica numa igreja fechada em crepúsculo com toalhas alvas nos altares de ouro, empunhando a hóstia lunar e branca. *Sursum corda.*

E sentia-me todo regenerado. Remontava agora a minha genealogia, e cousa singular! frade agora, eu não podia suportar que o meu quinto avô fôsse Frei de Santa Clara; obsceno! não! o meu quinto avô era decerto um José, mas o José da Silveira de Elvas, varão forte e inquisidor. Era daí que eu vinha, fruto delicioso pôsto agora, sôbre toalha de renda, na ara sacrossanta.

E entrei pela igreja adentro, com a multidão ra-beando atrás, e o còro seráfico das harpas e cítaras na frente. Lá no alto e no trono, o Deus de Israel, Vingador e Barbilongo, que vinha de vencer com seus exércitos a legião dos diabos saídos da profundeza do mar oceano para aflicção do universo e com os quais eu me tinha mancomunado.

De repente a Terra tremeu de novo e o véu do firmamento rasgou-se. O meu burel tripartiu-se em terço de roupa da Águia de Ouro. A igreja transformou-se num palacete profano, e o Deus de Israel vingativo transmudou-se num soldado modesto e sem cólera.

Vozes banais gritavam:

— Viva o Vereador Silveira!

E eu que me tinha mancomunado com a legião dos diabos vencidos, recompus meu sorriso e minha pobre avó tão útil e caluniada, e comecei:



— Marechal.....

Mas a banda de música alemã (pois era ela a orquestra de serafins) cobriu-me a voz e abafou-me as palavras.

.....

Teu amigo — *Silveira*.

1894, ano da revolução.

## Sete anos de pastor...

Meu caro amigo, você, como eu, tem cuidadoso interesse pela história comparada das literaturas e, muito mais do que eu, tem colhido frutos preciosos nesta seara.

Quero, pois, comunicar-lhe uma pequenina *trouvaille*, que não é minha, mas aproveita a um caso curioso de nossas letras e aplica-se ao texto do mais belo soneto da língua e poesia portuguesa.

Daí, o interesse que empresto à sua divulgação.

Sete anos de pastor Jacó servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
Que a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia  
Passava, contentando-se com vê-la...

São sabidas as variantes desta jóia. E apontada é a problemática fonte de inspiração, em versos inteiramente inferiores:

gran padre schernito  
Che non si pente e d'aver non gl'incresce  
sette e sett'anni per Rachel servito.,

palavras de Petrarca, as quais nem de longe podem comparar-se à obra-prima de Camões, mormente pelo fecho:

Começou a servir outros sete anos,  
Dizendo: mais servira, se não fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida!

Este lindíssimo tercêto nada deve à fonte petrarquiana, algo, porém, ao Gênesis: *videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine* — pareceram-lhe poucos os dias quando comparados à grandeza de seu amor.

Carolina Michaëlis, cuja erudição assombrosa é de todos nós reconhecida e admirada, já por varias vêzes tratou do sonêto do poeta máximo. Escusado se torna aceder que tudo revolveu e discutiu, e dela é, além de outras, a indicação de Petrarca, que acima citei; as inúmeras variantes, falsas atribuições, paródias, glosas e imitações, castelhanas e portuguezas, não escaparam à crítica da eminente romanista.

Entretanto, uma observação passou-lhe despercebida. O conteúdo da peça famosa arrima-se num êrro de interpretação do texto bíblico. O êrro parece já arraigado em tôdas as literaturas, e devido apenas a uma equivocação literal.

Os poetas, como tôda a gente, supõem que Jacó servira sete anos e que lhe deram Lia, e que serviu mais sete anos, e só então obteve Raquel.

*Sette e sett'anni per Rachel,*

diz o italiano. E, por seu turno, o portuguez também o diz:

Começou a servir *outros sete anos,*  
Dizendo: mais servira, se não fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida!

Destarte, é evidente dos textos poéticos que Raquel só foi obtida após *quatorze anos*, e assim se explica a alusão à *curta vida* para tão desmedido prazo.

Ora, o texto do Gênesis diz cousa diferente. Vamos analisá-lo pouco a pouco, acentuando em comentários os passos mais pertinentes à amorosa constância do patriarca.

Servivit ergo Jacob pro Rachel *septem annis*: et videbantur illi pauci dies proe amoris magnitudine.

Jacó serviu, por causa de Raquel, por *sete anos* e êstes lhe pareciam poucos dias pela grandeza de seu amor por ela.

Está aqui evidente o número de anos que Jacó serviu a Labão para obter a mão de Raquel (*pro Rachel*). Ao cabo dêste tempo Jacó reclama a espôsa prometida. E, então, ordenou Labão as bodas, e à noite introduziu furtivamente Lia na câmara de Jacó. Êste, sentindo-se ludibriado,

V. 25. Dixit ad socerum suum: quid est quod facere voluisti? nonne pro Rachel servivi tibi? quare imposuisti mihi?

Disse a seu sogro: que é isto que me quiseste fazer? Acaso, eu não te servi por amor de Raquel? por que me enganaste?

Labão explica o propositado engano: não era costume (V. 26), diz êle, casar primeiramente as filhas mais môças; e Lia era a mais velha, devia ser a primeira.

E Labão disse mais a Jacó que, se êste conviesse em *servir outros sete anos*, teria a posse desejada de Raquel.

Aqui é que bate o ponto. O êrro comum consiste na afirmativa de que a posse de Raquel se realizou outros *sete anos* depois, o que fêz o nosso poeta lamentar a brevidade da vida para tão longo amor, e sugeriu a Petrarca a fórmula expressiva:

*sette e sett'anni.*

Mas, o texto do Gênesis declara que as bodas de Lia se consumaram, e que *sete dias depois* Jacó convolava a novas núpcias com Raquel, mediante o só compromisso de servir mais sete anos a Labão.

Não foi, pois, necessário que se esgotasse o prazo dos longos quatorze anos, mas apenas o de uma semana:

V. 27. Imple *hebdomadam dierum* hujus copulæ: et hanc quoque dabo tibi pro opere quo *serviturus es mihi septem annis aliis.*

Acaba a *semana* de bodas com esta: e depois dar-te-ei aquela [Raquel] pelo trabalho de que ainda *me hás de servir por mais sete anos.*

E ainda mais explicitamente se conta no versículo seguinte:

Aquievit placito: *et hebdomada transacta*, Rachel duxit uxorem.

Jacó concordou com o ajuste, e *passada uma semana* desposou Raquel.

Em resumo, Jacó esperou apenas sete anos e sete dias.

Donde vem, pois, o êrro, que parece já arraigado em tôdas as literaturas? Talvez de que nos textos hebreus *hebdomada* também se entendia um setenato ou uma semana de anos, como por exemplo nas *setenta semanas* da predição de Daniel ( $70 \times 7 = 490$ ) sôbre a vinda do Messias. — A palavra grega *hebdomas* adotada pelos gregos e pelos médicos e técnicos latinos sempre figura nos textos sagrados desde a versão dos *Setenta*.

Mas no texto do Gênesis a interpretação, que aí se declara tratar de uma semana de dias (*hebdomadam dierum* do versículo 27), exclui outra exegese mais latitudinária. E que razão temos para admitir um sentido figurado? Como poderíamos mudar uma *semana de dias*, textualmente, em sete anos?

\*

Encontrei a refutação dêste pequeno êrro, que também corre em língua francesa, num curioso livro, ERREURS SCOLAIRES, (do matemático Tarnier.

Abençoado deslize que gerou um dos mais estimados primores da literatura!

E como se respondia, andando, àqueles pirrônicos que negavam o movimento, bem podemos responder a tôdas as sábias exegeses, só com repetir as palavras imortais:

Sete anos de pastor Jacó servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
Que a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia  
Passava, contentando-se com vê-la,  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso  
Lhe era negada assim sua pastora  
Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete anos,  
Dizendo: mais servira, se não fôra  
Para tão longo amor tão curta a vida!

Nem todos aceitam essa exegese que devia agradar a Jacó, devorado e exausto de tanto amar pelo metro bíblico de sete e setenta.

Não sei se você achará algum mérito nas linhas que escrevi; apenas aproveitei uma correção aplicando-a a uma das mais formosas produções da lírica portuguesa, mas com o desconsôlo árido de que nada valem erros diante da emoção d'arte, eternamente superior à ciência humana.

## Acêrca dos inimigos literários

Meu suave inimigo!

Certa vez, em horas desocupadas, pensei em escrever acêrca dos inimigos considerados na literatura.

A falar verdade, o assunto fugia-me debaixo da pena, e convenci-me de que realmente os inimigos literários são criações metafísicas.

Não acredito muito nesses espectros.

Concedo que existam e que sejam mais visíveis que as almas do outro mundo. Mas são sempre evanescentes e fugazes, e, como succede às almas penadas, não se sabe perfeitamente bem se são elas, se somos nós que temos mêdo uns dos outros ou se são alguns velhacos apostados em nos fazer mau sangue.

Contudo, para meu uso, e dada a minha longa experiência, intentei, naquela ocasião, estabelecer um quadro ou diagrama dos inimigos literários.

Procedi como se fôra eu um entomólogo paciente. Colhi-os no ar, espetei-os em alfinêtes sôbre cartão, e pude verificar que eram numerosos mais do que supunha.

Para mim não passavam de céleres borboletas vistosas e inócuas. Digo borboletas, porque essa comparação deve de ser agradável, quase poética e adequada a êsses animálculos vaidosos.

No fim das contas, que vem a ser um inimigo literário? É um homem que gostando das letras, não gosta das nossas letras. É o seu legítimo direito: e não sei como seja possível contestá-lo.

Por que haviam de ser nossos amigos? Só as bêstas é que nos contestam, mas são criaturas de Deus.

Demais, a vida literária é apenas um aspecto da mesma vida. E onde há vida, há luta contínua, árdua e difícil.

\*

Prolongando a minha singular mania, tentei uma classificação sistemática dos inimigos. Pus-lhes ao pé os rótulos de gênero e espécie, e ajuntei os sinais simbólicos de Marte e Vênus, pois que dessas *petites bêtes* o número de machos é pequeno e as fêmeas são numerosas.

Desde logo percebi que sendo pouco agressivos e inócuos, não valia a pena registrá-los com tamanho aparato. E as causas de êrro, como delas me havia de defender? Quem sabe se ali não estavam muitos dos meus amigos do peito?

Resolvi, pois, dar por finda aquela mania.

\*

Contudo, ainda me lembram alguns espécimens curiosos daquela coleção inútil.

Havia, por exemplo, o "inimigo impaciente".

O meu inimigo impaciente costumava acompanhar-me com assiduidade. Louvava as minhas intenções, fazia o elogio da minha sinceridade.

Eis senão quando, um dia, mudou completamente por qualquer causa oculta ou obscura. Passou a maltratar-me com a mesma assiduidade de outro tempo.

Lia, comentava, divergia. De vez em quando falava-me silenciosamente:

— Ora aí está o homem com a sua injeção do costume...

Aborrecia-me evidentemente: ia, vinha, batia as asas, e dias depois em novo encontro:



— Ainda outra vez, exclamava. É insuportável êsse sujeito!

Ao cabo de algum tempo o meu inimigo impaciente estava esgotado. A minha presença, tôda involuntária, dava-lhe na astenia dos nervos.

Não podia mais conter-se:

— É demais! Já agora é preciso escachar êste palerma.

Dito e feito. O inimigo impaciente e também escritor nas horas vagas, desde logo rabisca uma carta anônima com algumas lérias ou espreme um artigo de sustância que leva às fôlhas e arma uma polémica.

— Matei-o por uma vez! diz triunfante.

Mas, a vítima levanta-se, cura os arranhões e volta à saúde com maior apetite.

A carnificina do “inimigo impaciente” não chega ao obituário.

Êsse inimigo é familiar a todos os jornalistas, comensal e parasito da vida literária.

\*

Outro inimigo, todo azul, da minha coleção, é o poeta. É o inimigo — “Sua Alteza”.

Sua Alteza é sempre um gênio *par droit de naissance*.

Uma negligência qualquer do protocolo, qualquer omissão nos salamaleques que se lhe devem, é uma ofensa mortal. Como crianças divinas, choram, desesperam e praticam feios desatinos.

Depois, com a mesma volubilidade, dão para rir, e espalham epigramas e picuinhas pelas fôlhas.

Vingam-se com espírito.

Suas Altezas, afinal, são magnânimas. Se a fatalidade os empurra para o trono, logo esquecem, como aquêlê famoso príncipe, as ofensas recebidas e condescendem generosamente em reconciliar-se com os seus súditos.

Graças a Deus!

\*

Lembra-me ainda o inimigo verde e branco, o “inimigo admirador”.

É o mais jovial de todos êles; tem sempre um sorriso protetor e satisfeito.

— Li os teus belos versos...

— Mas, eu não sou poeta...

— Sei bem. Mas és o poeta da prosa...

Nunca é possível pegá-lo em falso.

Será realmente um inimigo? É antes um amigo por antecipação.

Ai de nós, se êle nós lesse! Decididamente, o entomólogo cometeu um êrro grave de classificação. Êste inimigo é o *Deus ex machina* dos destinos literários.

Se os literatos fôsem lidos, como se haviam de compor as academias?

\*

Outra espécie ainda recorro vagamente, perdeu as côres, deteriorada pelo tempo.

Chamei-lhe o “inimigo feudal”, pelo ódio entranhável que um dêles me tinha.

Era um ódio de família que passava duma a outra geração.

Reuniam-se todos, mãe, pai, avô e filhos:

— Vamos saborear as parlapatices do idiota...

E em cachinadas de riso zurziam despidosamente as asnidades da vítima.

Essa espécie tende a fossilizar-se e está quase extinta.

Faz-me, porém, algumas saudades...

\*

Para não alongar êsse catálogo, deixo de mencionar alguns inimigos mais fúteis, o inimigo amigo, o inimigo-decrépito, o inimigo-gramatical, o inimigo capitalista, o inimigo acadêmico e quejandos outros.

E sempre me assalta essa reflexão, de que na realidade êsses são os nossos melhores amigos e os nossos "animadores". Quase tudo o que somos a êles o vemos.

Se de alguma coisa eu necessitasse para confirmar a minha decadência, a prova estaria na falta que sinto dos inimigos que outrora me cercavam.

Êsses espectros leais já me abandonaram. A solidão triste da velhice é bem mais amarga que a companhia dessas almas do outro mundo.

Elas tinham, pelo menos, a virtude de chamalotar algumas superstições.

E aquêle que deixou de ser supersticioso já deixou para trás a inocência e a mais bela porção da vida.

Meu amigo e senhor! Feche esta página de enganços!

## Acêrca da questão ortográfica

Meu grande mestre!

Se neste momento de paz gramatical se reacendesse o facho da discórdia entre os combatentes da velha e da nova ortografia, eu certamente desertara o campo da peleja tão ingrata e tantas vêzes combatida sem proveito.

Estou já rouco de dizer e repetir que a repugnância ou indiferença do Brasil pela neografia portugueza é para esta a morte certa. O cadáver ainda está exposto às encomendações de defuntos e a outras cerimônias fúnebres; a verificação de óbito, porém, é já desnecessária.

\*

A reforma portugueza principiou mal. Foi feita sem a nossa audiência, como se os trinta milhões de brasileiros fôsem analfabetos, ignorantes ou em qualquer caso *quantité-négligeable*. Não foi uma obra literária como cumpria ser, não foi sequer a obra de filólogos, quero dizer, de estudiosos dos textos literários e históricos da língua (e isso podia ser); foi apenas um trabalho de lingüistas, estritamente glotólogos bem informados das leis fonéticas e da língua antiga, mas antipáticos ao que eles chamam o artifício do Renascimento e da Arcádia, ao latinismo culto, e aos influxos internacionais, principalmente franceses, em suma, infensos à evolução moderna da linguagem.

Essa fase culta é sempre tida como um *nonsense* pelos glotólogos.

Foi assim que os reformistas acharam que as imagens visuais das palavras estavam erradas, não tinham importância e que tudo se havia de aferir e conferir pelo ouvido.

O português passou, pois, sob êsses desgraçados auspícios, a ser transcrito como as línguas analfabéticas dos povos bárbaros e selvagens. Devíamos voltar à língua de Quatrocentos. O Brasil escapava a essa cronologia. Eu bem sei que os reformistas negam o excesso e declaram sinceramente que não são fonéticos ou fonetistas. Adotam um certo meio-térmo de que êles próprios se fizeram árbitros.

O grande modelo da reforma é a grafia espanhola. Essa espanholização que o patriotismo português impediu e subverteu entre os séculos da ominosa ocupação castelhana, de 1581 a 1640, adquiriu inesperada consagração oficial.

\*

No Brasil, a neografia portuguêsã nova e ao mesmo tempo pré-histórica, não conseguiu generalizar-se. Foi recebida com desconfiança, e essa prudente desconformidade cada vez mais se define em absoluta repulsão.

É certo que alguns homens de autoridade, professores ou especialistas de questões gramaticais, amigos do vernaculismo ou o que é quase sempre o mesmo inimigos de todos os influxos internacionais, da civilização, se contentam com êsse exotismo próximo e quase doméstico do espanholismo convencional da nova reforma.

E depois, isso é um nôvo pasto para inéditas diabruras.

Êstes mestres, porém, conquanto respeitáveis, não são propriamente escritores, e quando alguns o sejam, exercem num raio muito limitado o seu tranqüilo pro-

selitismo. E, feitas as contas, não chegam a meia dúzia êstes apóstolos que morrem mártires do silêncio.

Tôda a imprensa, tôda a literatura, tôdas as manifestações escritas da língua no Brasil conservam a ortografia tradicional do século XIX, de Garrett, Herculano, Castilho, Gonçalves Dias, Alencar e Machado de Assis e de tôda geração nova.

A razão é simples. Os nossos letrados instruem-se nos livros franceses, em menor grau nos inglêses ou alemães que ainda não descobriram nem adotaram aquela reforma científica e anticlássica.

Por sua vez, os livreiros dêste lado incumbem-se de reprimir o comércio de livros lusitanos, dando ao escudo, que vale quatrocentos réis, o valor de dois e três mil, mais ou menos. São, pois, tradicionalistas de outra espécie.

O fato é que a neografia pode considerar-se extinta nesta margem do Atlântico.

\*

Essas reflexões, talvez extemporâneas, voltaram ao meu espírito ao ler numa fôlha as palavras do herói ousado e simpático, cujo nome, como o do seu companheiro, se tornou explosivamente popular em todo o Brasil.

Sacadura Cabral, falando ao — *Diário de Notícias* — de Lisboa, confessa a estranheza que lhe causou a discrepância (que não promovemos) entre as duas grafias da língua comum, cousa que só poderá persistir com grave dano para os interesses da civilização portuguesa. Diante da nossa irredutibilidade ou antes da nossa indiferença, acha que é tempo ainda de restabelecer a unidade da língua escrita, agora exposta a uma desinteligência perigosa e com nenhum proveito.

Como essa, há numerosas opiniões entre portugueses, tôdas concordantes. Os próprios neógrafos de maior responsabilidade não são infensos a qualquer revisão da reforma com a colaboração imprescindível do Brasil.

A ortografia seguida entre nós é a que se tem chamado *usual* ou *mista*. A definição pouco importa.

É a grafia, cá e lá, anterior ao decreto português. É tão etimológica como a francesa, inglêsa ou alemã nas palavras latinas e gregas do vocabulário moderno e pós-medieval.

Esse modo de escrever, iniciado na idade clássica, resultou progressivamente da própria educação popular em três séculos de atividade.

Ao cabo de tão longo período, achamos uma escrita razoável e culta sem transcrições hiperetimológicas nem hiperfonéticas. O número real de erros e dúvidas em tão opulento léxico, constitui uma parte insignificante que sempre serviu para distração de gramatiquinhos frívolos e blasonadores exímios de sua profunda ciência.

Nunca pessoa alguma se opôs a correções úteis e necessárias; e assim como em outro tempo se fizeram várias emendas *um* e (*hum*), *até* e (*athé*), hoje com igual espírito se adotaram outras, razoavelmente discretas (*pêssego* e *pecego*).

Não há, pois, o *parti pris* de recusar os ensinamentos úteis e fundamentados, como não há a leviandade criminosa de aceitar sem exame como "última palavra da ciência", meras convenções de gramáticos e glotólogos, ensimesmados em suas lucubrações claustrais.

\*

Eis, meu grande mestre, o meu depoimento que é apenas o de um curioso dessas coisas.

No meu entender, há uma gravitação insopitável dos grandes centros de fôrça espiritual: a França, a Inglaterra e a Alemanha.

O resto não passa de satélites e asteróides que perderiam o govêrno de si próprios se quisessem suicidar-se pela independência que não podem alcançar.

A neografia portugûesa é um romance de Júlio Verne gracioso, antecipador... mas é um romance.

Não lhe parece?



## Acêrca de S. Pedro

Sei que Vossa Mercê estêve o dia todo a festejar o santo chaveiro do céu, que é da sua antiga devoção.

Pudesse eu, que não sou contumaz nem blasfemo, acompanhá-lo nessa adoração perpétua! A minha idolatria vê o grande santo a outra luz, ao fulgor mortiço das fogueiras populares.

É o povo o meu bolandista.

E o povo, algo irreverente na sua religião incondicional, não tem S. Pedro em grande conta. Porque, afinal, foi êle o que negou a Cristo.

Alguma coisa há de demoníaco nas negações; e a crer no galo dos Evangelhos (onde as próprias aves merecem crédito) Pedro negou três vêzes, sendo mais advertido do que Mânlio dos seus gansos capitolinos e profanos.

Eis porque ofereço ao hagiolégio de Vossa Mercê algumas notas marginaes do folclore.

Bem quisera eu que fôsem iluminuras de azul e ouro.

Ei-las, como as colhi entre os campônios da minha terra, que são todos devotos como Vossa Mercê.

\*

Iam Jesus e S. Pedro, certo dia, por um distante caminho, quando avistaram ao longe um bandido soez e barbudo que apertava aos peitos uma inocente e formosa donzela.

— Vai, Pedro (disse Jesus) e castiga aquela afronta.

Saiu S. Pedro, quanto dava a pressa e a indignação, e alcançando o malfeitor, que devorava de beijos a casta e linda criatura, logo puxou da espada e com um dêsses golpes carolíngios e formidáveis, canhestramente (e mais do que queria) decepou de um golpe as duas cabeças unidas.

Voltou humilhado e triste para junto de Jesus, lamentando o êrro e o excesso.

— Torna de novo ao lugar, disse o Senhor, porque está escrito que o que ligares na Terra está ligado no Céu. Vai e recompõe tudo.

Voou S. Pedro a reparar a injustiça, mas, como a alegria perturba tanto ou mais que a aflicção, repôs as cabeças nos dois corpos, trocando-as desastradamente.

Por isso é que tanta formosura traz a cabecinha tonta de um demônio.

\*

Vê-se daí que S. Pedro, na história da criação, é um transformista insigne.

Confirma-o essoutro caso que dêle se conta, no momento da criação do homem.

Quando Deus afeiçoava o homem com um pouco do limo terrestre, S. Pedro, às ocultas, inãbilmente, plasmava também com a argila um ser hediondo e contrafeito.

E, à imitação do Senhor, acabada a obra, Pedro achou que estava bem-feita, e soprou. Mas não vinham os espíritos àquela carcaça disforme.

O Padre Eterno, amigo, condescendeu em soprar, e logo saiu aquela disformidade a agitar-se.

— Bem! disse o Senhor. Esta fica para macaco.

Eis como S. Pedro foi o primeiro precursor de Darwin.

\*

S. Pedro, enfim, era um homem (se é lícito chamar de homem a um tão grande santo) e era homem de espírito.

Uma vez no Céu, alguns espanhóis que ali havia, como de costume, faziam grande algazarra de vozes.

O Padre Eterno chamou o porteiro do Céu e fêz-lhe ver a inconveniência de tantos espanhóis ali reunidos a vozear em tamanha serrazina.

S. Pedro estêve a meditar um bocado e logo achou o remédio.

Entreabriu a porta celeste, saiu fora, e começou a gritar com todos os pulmões:

— *A los toros! a los toros!*

Os espanhóis em massa ruíram para fora do Céu, gritando:

— *¡Santiago! ¿adonde? ¿adonde?*

S. Pedro aproveitou a confusão, reentrou e, precipite, fechou a porta do Céu.

\*

Creio que Vossa Mercê não levará a mal essas interpoações democráticas e populares no hagiológico do excelso chaveiro da bem-aventurança.

Eu não sou um bolandista, já disse, mas acho que à légenda áurea dos santos se podem ajuntar algumas here-sias frívolas para acrescentar o fulgor da santidade e consolidar o triunfo eterno da Fé.

Para concluir, tenho outro caso muito vulgar aqui e em São Paulo, no anedotário da medicina.

Vossa Mercê naturalmente não o ignora. Mas, sempre o repetirei para edificação de algumas almas

timidas, como argumento decisivo a favor da homeopatia e de outras águas potáveis.

Foi o caso que S. Pedro, abrindo as portas do Céu a um desconhecido, inquiriu suavemente:

— Quem é o amigo?

— *Io sono Giovanni Benedetti, italiano di San Paulo!*

— *Bene!* disse S. Pedro, que nas ocasiões precisas sabe temperar um pouco as línguas sublunares.

S. Pedro folheou os registros diários dos mortos e não achou o nome do sujeito. Nada! Seria engano?

Um pouco ao longe, S. Cosme e S. Damião, técnicos celestes da medicina, sorriam maliciosamente.

— De que é que vocês riem? disse S. Pedro com um leve enfado.

Então, um daqueles dois santos aproximou-se e falou ao chaveiro:

— Pergunte a êsse italiano quem foi o médico que o curou.

Assim se fêz.

O italiano explicou-se; o seu médico era o Dr. Silva Bastos, romancista notável, amigo da pobreza...

— Basta! exclamou S. Pedro. Êsse Dr. Bastos atrapalha-me tôda a escrituração celeste. O Sr. Benedetti devia morrer daqui a vinte anos. Mas, não é o primeiro; pode entrar. *Avanti!*

\*

Muito poderia eu contar a Vossa Mercê a respeito da vida, feitos e família sagrada de S. Pedro.

As histórias do mundo andam cheias.

Receio, porém, as cóleras celestes, que das terrenas já ando farto. E, quem sabe? talvez tenha um dia

de bater às portas do Céu, se essa Terra em que vivo me bastar para purgação dos meus pecados.

Estou que S. Pedro é meu amigo, e se não, conselhos e expedientes não me faltam.

Na minha terra natal havia um certo João fogueteiro, afamado pelos seus rojões maravilhosos e por suas mentiras.

Era casado com a Teresa, companheira de arte pirotécnica e de quem houvera um filho apadrinhado na pia por S. Pedro.

O João fogueteiro lançou uma vez um foguete de tal estrondo que levou quinze dias a subir pelo Céu acima.

— E (contava êle aos circunstantes), ao cabo de um mês, caiu o foguete à minha porta com êste bilhete:

“Compadre João. Não faça mais dêstes foguetes que me estão arrombando o Céu. Seu compadre, S. Pedro.”

— Não é verdade, Têê?

— Pois não é! dizia Teresa. “Seu” João não mente!

Mentira ou verdade, não o sei, nem Vossa Mercê é capaz de recusar êsse mistério de dois compadres.

Dessa história, guardo um sentido aproveitável e é que se, na hora extrema, me pesarem muito os pecados, amarrar-me-ei a um dêsses foguetes providenciais.

— Lá chegarei.

\*

Deus prospere a Vossa Mercê para o serviço desta república que, tôda ela, sem a invocação dos santos, merece bem-aventurança e foguetes.

Salte por mim a fogueira, se ainda é tempo. Viva S. Pedro!

## Acêrca do inimigo hereditário

Meu suave inimigo,

Descobri que eras, por dom de estirpe, inimigo meu, quatro gerações acima da nossa.

Conspiremos contra essa prosápia odiosa e, a não vencermos, suicidemo-nos por amor da ordem universal, esmagando a semente daninha de tão longa discórdia.

Eu disse que escrevias bem, com alguns solecismos.

Entendeste e levaste a mal essa minha ingênua advertência. O solecismo é a independência do espírito arquiteto. *Ce sont deux ou trois vices qui font un homme vertueux.*

O Brasil, que é um Portugal amplificado e rarefeito, é a pátria e o lugar geométrico de todos os praxistas. Escuta.

Para o homem de letras o gramático é o inimigo hereditário.

Tema excelente e inesgotável do epigrama e da sátira, o gramático, por sua esterilidade profissional, dificilmente alcança a reabilitação a que talvez terá algum direito.

É o tipo da impertinência, da caturrice, do finca-pé, sempre de irremediável atraso.

Haveria talvez oportunidade de examinar com serena imparcialidade êste caso que não é outro senão — “*The case against grammar*”.

Êsse sentimento universal foi bem definido ainda não há muitos meses por Robert Utter que sendo um humorista e ao mesmo tempo um professor, acha que aquela incompreensão resulta da enorme variedade de gramáticos tão grande como a variedade dos letrados.

O mestre A aconselha certo uso porque êste data de quinhentos anos. O mestre B aconselha o uso atual e diverso como preferível pois não falamos línguas mortas, mas vivas.

A ciência gramatical consiste num círculo vicioso, assim formulado pelo Professor H. Peck, em perguntas e respostas:

P. — Pode o verbo passivo admitir um objeto?

R. — Sem dúvida. Tôda gente assim usa fazê-lo.

P. — Qual é a razão em que se funda tôda gente para isso?

R. — A única razão é que o verbo passivo pode admitir um objeto.

Eis aí uma amostra luminosa dos métodos gramaticais.

A razão está com o humorista.

\*

Não percebes que todos mandam, ninguém obedece e vai tudo muito bem?

Querem marchar quando o caso é de rodopiar segundo o exemplo rotatório do planêta.

A gramática usual é uma série de círculos viciosos, uma tautologia infinita.

Com os dicionários acontece a mesma coisa. Muitos vão ao dicionário para saber o que não sabem, outros lá vão para saber o que ninguém sabe.

Não sabemos qual é a mais razoável das duas espécies de ignorância.

Os letrados fazem gramática às escondidas, por contrabando e pilhagem. É um banditismo em que já te tenho surpreendido, meu velhaco.

É, portanto, um pouco injusta a parcialidade com que habitualmente fazes burla dos gramáticos.

O humorista americano pensa que se deve estender a crítica aos próprios letrados. Vê lá que tens algo para o teu tabaco.

É principalmente notável a variedade que entre êles há, reduzida pelo humorista a três classes.

A primeira, a mais radical, é a dos bolcheviques. Êstes querem plenas liberdades e franquias, não precisam de muletas para andar e representam o tipo popular do — *cat-that-walks-by-himself*. Para quê a gramática?

A segunda classe é a dos democratas: guiam-se pelo voto da maioria. O que mais se repete é seguramente o melhor e o mais conforme à soberania popular.

A última classe é a dos legitimistas aristocratas, partidários da autoridade.

Essas classes engalfinham-se entre si, e, como tôdas são unânimes contra os gramáticos, o tumulto é indescritível e infinito.

Como sempre sucede, há um grão de verdade em cada partido, e certamente foi uma divindade diabólica que dividiu entre êles o bem que devia ser indivisível.

Como, pois, queres tu conciliar tamanhas divergências?

E valeria a pena conciliá-las?

Todos trabalham sôbre o mesmo material, os que se exercitam na língua de quinhentos anos atrás fazem autópsia, os que trabalham na língua viva fazem vissecção.

Longe ou perto, uns e outros procuram o segrêdo da vida; mas quase todos morrem antes da missa do sétimo dia.

Crês acaso que durarás, mesmo morto, uma semana?



\*

Há trezentos mil anos no seio da floresta virgem um antropóide achou certo grunhido para dizer — *paz!* — e outro grunhido mais áspero para dizer — *guerra!*

Estava feita a gramática, o dicionário primevo, somente de discórdias infinitas.

Mas há gargantas fêmeas e machas e há as que se endefluxam.

Dáí surgiram as primeiras dissensões fonéticas que vieram culminar na tôrre de Babel.

O sistema de grunhidos bárbaros não era, certamente, adequado a qualquer uniformidade. No caos lingüístico em que vivemos é difícil descobrir os macacos responsáveis pelas diferenciações; provàvelmente eram todos bolcheviques e libertários, e não há nada melhor para dividir homens ou macacos que o bolchevismo.

Depois de milhares de séculos entramos a viver num regímen conservador, mas ainda tempestuoso.

O Professor Bain que escreveu uma *High Grammar*, diz logo em comêço: “A gramática é uma ciência ou não é nada.”

A ciência não pode condenar fatos, quaisquer que sejam. Logo, por aquêlo dilema a gramática não é coisa alguma.

\*

Os dilemas são insolúveis.

Que vivam, cão e gato, o gramático e o homem de letras, como bons inimigos hereditários.

Dou-te a mão e o dedo mindinho; não mo apertes com tanta veemência, entre rindo e chorando. Está o vale de lágrimas tão cheio que podemos nêle disputar um *water-polo*.

Bem dizia o etimologista que água vem de *aqua*, porque *a qua* (*vivimus*).

Vai-te, inimigo leal!

## Acêrca da brevíloquência

Senhor meu!

Tenho lido nos livros impressos e ainda mais no livro da vida, que o Brasil é a terra dos oradores.

Tôda a gente, neste fecundo torrão, nasce com terribilíssimas comichões na garganta. A qualquer pretexto, em qualquer companhia, onde há ouvidos a explorar ou a entupir, levanta-se um sujeito qualquer e grita:

— Meus senhores!

É o discurso. Em geral, o orador começa dizendo que não podia deixar de falar nesse momento. Não podia, por quê? Ninguém percebe essa coação íntima que êle próprio imagina. Êsses oradores são todos, pois, impulsivos.

Conviria dar remédio, quanto se pudesse, a tão abominável histerismo. A moléstia, porém, é incurável.

Os próprios Galenos que poderiam prestar êsse serviço, uma vez ou outra, contraem fâcilmente a bacharellice que, transformada em mezinha, adquire a virulência de venenos mortais.

Os Cíceros, os Vieiras, os Rui Barbosas deviam ser exemplos de abstenção para os impotentes maníacos de megalomania verbal.

Nada justifica essa vulgarização criminosa, de falar mal e seja como fôr.

\*

Quando os nossos oradores pedem atenção, entendemos que pedem piedade, pois que é obra de misericórdia social ouvi-los.

Falam mal, em regra, porque dizem coisas inúteis, tôlas e dispensáveis; são por vêzes duros como as mais preciosas essências das nossas florestas, o pau-ferro, o quebracho ou o jacarandá.

Os que escrevem, pelo menos, não obrigam à leitura forçada, mas, os que falam, abotoam-nos e impedem-nos as retiradas estratégicas.

Há chuva, há calor? pouco importa. O verbo alimpa a atmosfera e refrigera as almas sequiosas de eloquência e caroço, de soluços, reptos e gemidos...

Há pressa? há falta de tempo? há negócios graves? nunca; não há maior negócio que o da palavra divina e o tempo melhor é o que se emprega nessa ilusão tonitruante e feliz...

A nossa oratória nacional tem inflexões guardadas pela tradição zelosa dos mestres. As frases podem ser postas em música; as notas distribuem-se em graves e agudas, em compasso variável entre o adágio e o cantabile. Não sabemos donde vieram essas fórmulas, mas existem...

A oratória é, pois, essencialmente musical, e na quase totalidade, entre nós, rivaliza com a banda alemã, com a só diferença que a banda funciona em campo raso, o que permite dar às gâmbias, ao primeiro temperar das goelas sonoras.

Se êsse nosso costume de falar não tiver um termo, acabaremos numa balbúrdia infinita. O côro substituirá o solo, e talvez seja êsse o remédio e o júízo final da retórica.

Foi talvez pensando nessa calamidade cosmopolita que Moszkowski introduziu um pequeno capítulo no seu

recente e já famoso livro de aventuras — *As Ilhas da Sabedoria* (*Die Inseln der Weisheit*).

Moszkowski morreu o ano passado, e foi aquêlo o seu último livro, que é uma sátira esquisitamente jovial dos nossos tempos.

Ele podia dizer: — Tenho dito! mas não teve tempo.

O romance de aventuras é o descobrimento por alguns *touristes* de um nôvo arquipélago no oceano Pacifico, as — *Ilhas da Sabedoria* — até agora desconhecidas de géógrafos e viajantes.

As — *Ilhas da Sabedoria* — inteiramente informadas da nossa civilização antiga e moderna, realizam tôdas as utopias do passado e do presente e algo do futuro.

Cada ilha tem a sua organização e fisionomia própria: a primeira delas é a ilha Baleuto, onde tudo se faz segundo a constituição clássica da república de Platão. É a ilha platônica.

Dessa república, é sabido, estão banidos os poetas, segundo o conselho do filósofo grego: mas é permitida a leitura de alguns dêles, apenas nas escolas e como textos gramaticais.

Velejando para o norte, há a ilha Vleha, que é a da felicidade, e é a do homem da natureza, um pouco à moda de Rousseau. Nenhuma paisagem acadêmica nem secessionista. As ilhoas lindas andam vestidas com aquelas roupas definidas por Petrônio, como tecidas de vento. A ilha da felicidade é um dos lugares mais perigosos do mundo.

Mais um dia de mar, e chegam à — *Ilha das Perversões* — terra dos venenos, da cocaína, do ópio, do eufórbio. Ali a nossa física é considerada bárbara e antediluviana, porque se funda na medida quantitativa,

isto é, nos números e a nossa aritmética é falsa; como o é a nossa geometria euclidiana. É a ilha da relatividade.

\*

Enfim, chegam os *touristes* à Ilha de Sarragala.

Esta é a ilha mecanizada. Tudo aí vai de carrinho, em roldanas e polés. A eletricidade, o rádio, a desgregação atômica criam energias novas e extraordinárias.

Não se anda, voa-se, volatiliza-se.

Mas o que vem ao nosso intento, nessa terra etereal, onde a poupança do tempo engenhou tôdas as máquinas possíveis e práticas, aí na ilha de Sarragala é que se inventou um instrumento admirável a que deram o nome expressivo de — *Breviloquência*.

É uma máquina de laconismo, que possui a propriedade maravilhosa de condensar os longos discursos em comprimidos centesimais.

Eis o que convinha importar da ilha de Sarragala, como gênero alimentício com isenção de impostos.

A — *Breviloquência* — dispensa a eterna verbosidade, o palavrório tagarelante e loquaz. Quem no-la dera neste Brasil!

A verdade é que só somos breves por dinheiro (por exemplo, nos telegramas) e arrojamos os longos textos completos e por extenso sôbre a multidão inerme e incauta dos que nos ouvem, sem o mais leve sentimento de misericórdia por ela.

Oh! que grande invenção a da *Breviloquência*!

## Acêrca de quem inventou a palavra — “tupi”

Meu caro amigo!

Eis um problema inesperado. Falamos comumente de língua “tupi” ou do povo “tupi”, com a inconsciência automática com que usamos as palavras do idioma corrente.

Entretanto, há um pequeno mistério nesse vocábulo.

Os nossos antigos cronistas e historiadores jamais denominaram “tupi” a língua ou o gentio brasileiro.

Os chamados glotólogos, homens duros e ásperos que só admitem na humanidade uma pequena garganta e um tubo vocal, a cujo serviço fica dependurado um volumoso apêndice inútil que é afinal tôda a carne e osso do homem, êsses glotólogos emperram-se nas suas leis fonéticas e, ateus da alma, arrasam o espírito humano quando êste não condescende nem se conforma com os tremores labiais e guturais do alfabeto.

Está claro que para êles o termo — “tupi” — se não é indígena, deve ser asneira inexplicável.

Há, todavia, alguma coisa mais e melhor do que o tubo vocal e as frioleiras glóticas.

Estariam, pois, despedidos os glotólogos, neste ponto daqui por diante. Que vão tratar dos seus negócios.

Fique o meu amigo, tão liberal com os meus discursos.

\*

Na verdade, é para quase tôda a gente coisa assombrosa verificar agora que os velhos cronistas não conheciam a palavra.

“Tupi” — é uma expressão recente, e tão nova que já foi atribuída a von Martius, um dos primeiros que tentaram ordenar com alguma inteligência os materiais etnográficos, esparsos, das raças aborígenes.

É falsa essa atribuição inteiramente insustentável.

O termo — “tupi” — com tóda a probabilidade formou-se na alma popular como se havia formado a “língua geral” por meio de generalizações fáceis e intuitivas e pelo aproveitamento de vozes comuns aos dialetos de várias tribos afins do tempo da catequese.

Os cronistas e os padres conheceram tribos várias e entre as mais numerosas e acessíveis, notaram e registraram as nações dos tupiniquins na região de Pôrto Seguro, dos tupinambás, aquém e além do São Francisco, dos tupinaés e ainda falaram tarde e artificialmente de tupiúnas e tupitingas.

Tódas essas denominações ofereciam uma raiz comum, a saber, as duas sílabas iniciais — “tupi”. Pareceu que deviam ser variedades e aspectos de uma só coisa.

E assim foi talvez criada por artifício lógico a palavra “tupi” desconhecida dos indígenas, dos conquistadores e dos próprios e primeiros catequistas.

Esse ar de família, correspondente à realidade das coisas, criou a boa fortuna do vocábulo, bem achado que hoje corre com a vida intensa de quase dois séculos.

É inútil, pois, fazer feros e meter a glotologia nessa formação tóda espiritual, admirável pela sua expressividade lacônica.

O povo entenderia que os índios eram todos “tupis”, por isso mesmo que, aqui ou ali, havia tupiniquins ou tupinambás...

Teve espírito e acertou.

\*

O folclore, porém, ciência mais latitudinária e concessiva que a glotologia, vai dar-nos a explicação do fenômeno.

Há na origem de tôdas as civilizações quase sempre um herói epônimo. Chama-se assim, com êsse termo grego, o herói e fundador das cidades e pai dos povos infantes.

Séculos depois que a tribo dos Ramnes, à margem do Tibre, fundou a cidade de Roma, a imaginação popular, trabalhada de lendas e de gestas heróicas, criou um herói imaginário chamado Rômulo, que não era mais que o próprio nome da gente e da cidade primitiva.

Da antiga Olisopona, na praia ocidental, quem poderia ser padre criador senão o velho Ulisses, que perlustrou os mares em aventuras e peregrinações maravilhosas?

E Lisboa foi destarte fundada por Ulisses.

É a história de sempre; o povo não dispensa a investigação da paternidade.

"Tupi" não é mais do que o herói epônimo de várias tribos litorâneas do Brasil antigo.

\*

Há ainda um aspecto do curioso enigma de que o próprio folclore vai dar a chave e decifração.

Há um pensamento religioso e elementar em quase todos os povos, o qual corresponde ao dualismo do bem e do mal, do dia e da noite, de Deus e do Demônio, nas mitologias selvagens e bárbaras.

É a crença de que no princípio das coisas existiram dois irmãos gêmeos, de índole oposta.

É o mesmo caso de Rômulo e Remo nas sagas romanas, de Caim e Abel no gênesis hebraico, dos dioscuros



(Castor e Pólux) dos gregos e nas inumeráveis lendas e variantes dos — “Dois irmãos” — em tôdas as histórias e contos populares.

Os índios da costa tinham igual mito, o dos irmãos Tamenduare e Aricuté; os bacairis, segundo von Stein, o mito de Keri e Kame.

Para que alongar com fácil erudição tôda essa lista com exemplos universais do mito primitivo?

Ora, nós temos um testemunho antigo de que os tupis e os seus parentes de igual língua, os guaranis, nasceram de dois irmãos epônimos.

E é a primeira vez que aparece o nome misterioso de — “tupi”.

Realmente os dois irmãos que geraram os dois povos chamavam-se, um a um, tupi e guarani.

O primeiro povoou o Norte: o segundo, o Sul. A versão mais antiga que conheço desta lenda é a que nos depara a — *História do Brasil* — de Frei Vicente do Salvador, que a escreveu pelos começos do século XVII.

“Saíram dois irmãos por cabos desta gente” (diz êle), “um chamado ‘Tupi’ e outro ‘Guarani’; êste último deixando o Tupi povoando o Brasil passou a Paraguai com sua gente e povoou o Peru.”

\*

Assim, acredito haver decifrado êsse mistério pela única solução possível, a do folclore.

A palavra — “Tupi” — é o nome de personagem legendário, irmão de outro — “Guarani” — que povoaram o Brasil. São heróis epônimos, cujo apelido foi posteriormente criado segundo os nomes das gentes e das coisas a que deram origem.

À gente indiana, e não à civilizada, é que cabe a criação da lenda e das pessoas que a animam, segundo

um pensamento elementar que a antropologia e a etnografia acham e verificam na história de todos os povos.

Não foi Martius (como diz Bertoni, guaranizante ilustre, mas em falta de informação) o criador do termo "tupi" que dois séculos antes havia sido registrado na lenda dos dois irmãos.

Sem dúvida alguma, "tupi" é uma contração de outros nomes de tribos afins (tupiniquins, tupinambás e tupinaés, como já lembramos), mas necessitado pelo "elementar-gedanke" das tribos que buscavam no mistério das tradições o seu herói avito.

Esta é a interpretação que imagino; e acredito não ter bebido em vão nos textos dos velhos cronistas.

Espero a tua resposta.

## Do carnaval

*Cazuza!*

Esperei-te ontem e hoje. Por que tardas?

— Está na hora!

É o que me dizem e é o que ouço a todos os momentos.

Como os campônios, só tenho o relógio do Sol. É êle, o Sol, luminoso e grande, quem me determina a tarefa ou o repouso.

Sinto-o na sua glória esplêndida em céu límpido ou através das nuvens. E diz-me agora que é mister interromper os trabalhos árduos e as labutas atormentadas.

Seja feita a vontade do Sol. É êle a fonte de vida, das festas, dos aniversários e dos banquetes.

E enquanto gastamos a nossa seiva vital, êle solícito amadurece as searas.

— Não tardes, meu amigo.

\*

Muito perto de mim, a alguns passos apenas, há uma sociedade de foliões carnavalescos. Podia haver duas; mas esta, quanto sei, vale quatro da medida normal.

As janelas luminosas e abertas dêsse clube vomitam para a rua a atroadora e retumbante serrazina e algazarra de cem vozes estentóreas. Embalde, tôdas as noites, procuro vencer o estrondo dêsse terremoto. A artilharia de quatro zabumbas formidáveis reduz a silêncio a minha fortaleza d'alma.

Dois meses há que se esfalfam e se recompõem êsses foliões; enquanto temperam as goelas roucas da véspera

imaginam novos estardalhaços inauditos. Zimbram, asso-biam, grasnam, ladram, regougam, cuincham, cocoricam...

Esgotada a escala de vozes bestiais, há ainda bimbilhar de sinos, ranger de caxerenguengas, esternutações e atxins, tintinabulações de fazer ouvidos moucos.

Perguntei ao divino Sol se era essa a harmonia das esferas.

— Pitágoras era um néscio, disse êle. Todos êsses ruídos formicinos e infinitesimais não chegam ao segundo céu dos planêtas. Trata de dormir até amanhã.

\*

Que fazer?

Tive uma idéia. Pensei que talvez fôsse possível indenizar êsse clube de gente alegre. O dinheiro abafa clamores insopitáveis. Com dinheiro talvez se mudasse da vizinhança. Pagar-lhe-ia eu tôdas as despesas.

Fiz as contas. Mas, succede que às vêzes, tenho alguns dinheiros, e outras vêzes (sem número), não tenho nenhum.

E digo como o Bilac ao abrir a Academia no tempo em que não havia *jeton*:

— Não havendo numerário, também não há número.

Renunciei, pois, ao meu plano e aceitei com resignação as largas insônias das minhas últimas noites.

E assim estava eu nessa conformidade, quando me aparece o presidente do clube com uma subscrição.

— Vão mudar-se? perguntei com mal contida alegria.

— Não, respondeu-me também alegre o jovial presidente. É que o nosso bloco sai hoje e falta tapar uns buracos...

E assim, eu que tinha a intenção de pôr termo a essa folia, não me senti com fôrças para resistir. Assinei a subscrição, paguei e tapei...

\*

Depois de pagar, comecei a perceber que o carnaval não era tão ruim e tinha algum valor. Pelo menos não tinha a insipidez própria das coisas gratuitas.

Comecei a achar graça naquelas pilhérias velhas que eu supunha defuntas, talvez no Inferno, à ilharga dos Bocages e dos Aretinos:

Mosquito é inseto.  
Caracol é caramujo.  
Não chora meu bem  
Que eu fujo.

Êsses pés demais compensavam a falta de cabeça; e comecei a perceber a harmonia infinita dessa inversão dos valores métricos.

Perdi o bom senso e a vergonha, levantei-me e voei acima de todos os sarcasmos e não liguei, como na cantiga da *Macumba*:

Estás falando de mim,  
Eu não ligo não...  
A inveja é um fato  
Que nunca tem fim.

ou ainda:

Podes vir de feitiço  
Para cima de mim.

Realmente é preciso ser de pedra ou de cimento hidráulico para não sentir a carícia daqueles versos,

Há certos supostos vícios e pretensas perversões que dependem apenas de uma só experiência.

Experimentou, gostou.

Há pessoas que não entendem a — *Macumba*, — nem deletreiam o mistério do — *Tatu subiu no pau*. — É pena.

São pobres de espírito, ou antes para falar com os termos técnicos, não são *bam-bam-bans* nem *bataclans*.

\*

— Está na hora!

É o breve minuto, o estilicídio, o instante fugitivo que já criou coisas novas e características da nossa cultura.

O carnaval criou o maxixe, hoje mundial, e foi o estímulo da música nacional, inaudita e única, pelo seu ritmo nôvo de remelexo, de notas *bi*, tripontoadas à espera de outras notas fugitivas, céleres e relampagueantes.

É essa a arte extraordinária do Sinhô, Careca, Souto, o Freire Júnior, e dos versos impagáveis do Doutor Filomeno Ribeiro.

Perdão, se esqueci alguns gênios...

São todos quêras, tebas, cutubas e arrepiados...

\*

O carnaval, mesmo para os displicentes, delicados e esnobes, traz sempre uma vantagem.

Ou antes, duas.

A primeira é que traz chuva, com muito mais exação que o serviço meteorológico do nosso Observatório.

Pouco ou muito, sempre chove no carnaval, que é de natureza felizmente intransferível.

A chuva esmaece o alarido, encurta e estoura a pele dos bombos e diminui os odôres axilares e outros perfumes correlativos e esparsos.

É uma providência higiênica, equivalente à daqueles expurgos terríveis da Saúde Pública. E para alguns foliões, inimigos das termas, substitui o sabão e a casca de côco.

A segunda vantagem do carnaval é que a gente pode ir-se embora e sem incômodo tomar passagem para algum recanto longínquo de refrigério.

*Sauve qui peut.*

Não é preciso salvo-conduto, mas é necessário ter um pouco mais de dinheiro do que eu tive para a subscrição.

Optei pelo abaixo-assinado. Enfim, podia ser pior, se um impulso inconsciente, mas humano, me induzisse a comprar uma fatiota barata, de caingangue positivista. Que sucesso!

\*

Enfim, convém aceitar o carnaval, pois que faz rir e o riso afugenta e dissipa os humores malignos.

Essa alegria multitudinária parece amarga, mas é um tônico popular. Pelo contágio propaga a boa vontade, distende os nervos, descarrega a tensão de antigas tristezas.

É talvez melancólica por ser pautada no calendário a hora fixa e improrrogável: mas não é inferior aos sorrisos convencionais da quotidiana hipocrisia da gente grave.

Se é verdade que essa loucura vem do gentilismo antigo, das lupercais e das canções de Baco e dos sátiros, não há como interromper a volúpia tantas vezes secular que a gravidade da civilização não conseguiu reprimir.

É preciso preparar o estômago para os longos jejuns e as fortes peixadas da quaresma, e também poupar as glândulas lacrimantes destinadas a chorar na grande paixão de Jesus.

\*

Amanhã mesmo principia o arrependimento. As suaves conversas dos namorados, à noite, *lenes sub nocte susurri*, do poeta, cedem a mão às vozes de penitência.

E de que se hão de arrepender os outros, os homens graves e sérios?

De nada. O seu carnaval dêles é eterno.

Evoé!

*Memento homo...*

Vou esperar-te à estação.



## Um acadêmico do século XVIII

Meu senhor,

Conforme promessa há dias feita a Vossa Mercê, que é grande meu amigo, vou escrever agora acêrca de um poeta desconhecido.

E vou falar sem cometer a vulgaridade dos elogios acadêmicos. Como Vossa Mercê não ignora, sou abstêmio e já num fragmento de Epicarmo se diz que os homens que bebem água são incapazes do ditirambo.

Eu o sou.

É verdade que o poeta é do século XVIII, e essa antiguidade permite um pouco de maledicência sem o socorro da lei sêca e sem a eventualidade de qualquer polêmica desagradável.

Vou contar o caso por menor, e verá Vossa Mercê que as minhas horas perdidas não são totalmente inúteis e vazias.

\*

Há um antigo provérbio ou coisa que o valha, que se expressa nestes têrmos: "Atirei no que vi e matei o que não vi."

É uma ocorrência feliz na história de todos os erros.

Dos caçadores de quem provávelmente se originou o rifão, ou de outros anexiristas da sabedoria popular, passou a todos os imprudentes e incautos que se propõem conhecer a origem das coisas.

Ora, estando eu mergulhado no estudo de uns velhos códices manuscritos do nosso Instituto Histórico, lendo, ou antes, folheando (porque em verdade já não leio coisa alguma), topei com um empoeirado poeta que eu não buscava e nem sequer suspeitava haver existido, tantas são as sombras espectrais dos poetas esquecidos e ignorados.

Enfim, um dia, um breve momento, chega para essas míseras vítimas do olvido.

Conheço das minhas leituras, e acho admirável, perdoe-me Vossa Mercê, aquêlê dito de um desalmado e maligno escritor francês que escreveu: "De todos os poetas que ninguém lê, o melhor é Racine."

Que finura! que rara sinceridade!

Ora, estou para dizer-lhe que o poeta que descobri nos códices do Instituto, não é inteiramente bom, e talvez seja um pouco pior que Camões.

Refiro-me a Antônio de Oliveira, da — *Academia dos Esquecidos* — que se reunia de vez em quando sob os auspícios do primeiro Conde de Sabugosa, vice-rei do Brasil.

Foi isso mais ou menos no primeiro quartel do século XVIII. O Conde de Sabugosa era um varão austero e temente a Deus; logo que chegou à colônia, ao assentar a sua côrte na Bahia, tratou de coibir os abusos, as irreverências, a soltura de costumes.

Proibiu, sob penas severas, os calundus, os candomblés, os cateretês armados pelo Demônio à inocência dos reinóis; e desapareceram dêste modo as cheganças e as talheiras, os lambe-sujos e outras práticas mímicas e corais que engalavam a velha Bahia jovial, amiga das festas.

Houve grandes gemidos por essa tristeza do vice-rei, que arrolhava em nome da religião o sagrado direito de dar à perna nos rega-bofes tradicionais da colônia.

A Bahia, onde tudo mente até mesmo o céu, conforme a famosa observação do grande almirante e libertador D. Fradique de Toledo Osório, é, como tôdas as cidades tropicais, necessitada quotidianamente de sol e chuva.

Está, na sua psicologia urbana, o bimbalhãr dos sinos alternado com o vatapá. Oração e pimenta.

Não podia ignorá-lo o vice-rei que, por natural compensação, suprimindo aquêles conluios obnoxios substituiu-os pelo alto e rígido recreio das sociedades literárias.

Foi assim que se serviu, com fino gôsto (a meu ver muito contestável), criar a *Academia dos Esquecidos* para repasto de alegrias espirituais.

O bem da República reclamava êsses desfastios de alto coturno.

Considero inábil essa compensação. Perdoe-me ainda uma vez Vossa Mercê e imagine hoje a supressão do carnaval, substituído, por exemplo, pelo ranger de dentes de uma sessão pública da Academia de Letras.

Pois foi o que fêz o vice-rei. Acabadas as festas populares, surgiu um Parnaso de quarta ou quinta ordem da colônia.

Ajuntaram-se os poetas, como sempre numerosos (e não raro bajuladores). Eram na maior parte latinistas, mestres régios, desembargadores e padres.

Essa gente de tomo difícil discutia teses em prosa e verso (a meu ver, sempre em prosa) e fazia epigramas restituindo ao Olimpo a gargalhada homérica dos deuses.

Divertiam-se. E divertiam-se "*moult tristement à la manière des anglois*", como disse Montaigne.

Ora, entre os poetas, busquei em vão os vestígios de um certo gênio que Nuno Pereira, no seu — *Peregrino da América* — compara a Lope de Vega.

Li, isto é, folheeí, os três pesados volumes da Academia e não encontrei rasto da grande, da encomiada fênix dos engenhos.

Foi nessa pesquisa que, inesperadamente, se me deparou um nome assíduo e inteiramente ignorado, a desaparecer lentamente picado, esfarelado e rendilhado pelas traças. Através dessas retículas percebi a sua vaidade e agora o restituo à luz, envergonhado talvez de haver dormido três séculos na injustiça dos homens.

Apresento-o a Vossa Mercê.

\*

O poeta Antônio de Oliveira (é este o seu nome), visto a distância de hoje, não parece detestável. Não sei se os nossos grandes poetas de agora, com igual pá-tina, poderiam resistir ao cotejo, dada a hipótese que pudessem também escapar seminus pela retícula dos carunchos e dos lepismas três vêzes seculares.

O grande poeta (chamemo-lo grande para que não se torne nosso inimigo pessoal), o grande poeta Antônio de Oliveira fazia décimas em linguagem e armava epigramas em latim.

Em latim, êle saqueava os bolsos de Marcial com a habilidade do ratoneiro ilustrado e de boas letras, como os há e sempre os houve, graças à eternidade de todos os vícios.

Mas, furtava hàbilmente, com luvas de pelica.

Vou dar um exemplo. Tendo-se proposto na Academia o tema — “Huma dama fermosa mas com poucos dentes” — saiu-se o nosso Antônio de Oliveira com êsse gracioso dístico:

Rideo sæpe tibi, mihi nunquam, edentula, rides:  
Quare nequis me rideat, ipsa refert.

É inútil rir para as môças que não têm dentes; tudo fazem para não rir, voltam o rosto para trás dos ombros e levam embora as outras que podem rir.

Não estará tudo isso bem resumido e encaixado naquele dístico?

Faltou-lhe apenas citar o autor.

Ride, si sapis, o puella, ride

assim escreveu Marcial num dos seus epigramas que, certamente, serviu de modelo ao acadêmico esquecido.

Outrora êsses furtos tinham o sainete da erudição latina e materna. É de boa regra que os herdeiros, pródigos sempre, dissipem a mãos largas o cabedal da família.

No mesmo tom aventurou-se ainda o poeta a tratar igual tema numa décima vernácula. A coisa saiu-lhe gongórica e complicada:

Não! pois se Nise tem pôsto  
 Não me sofre o coração  
 Que deixe assim ultrajar.  
 É desdentada chamar  
 A quem tôda é perfeição.  
 Senhores, vá de questão:  
 No céu há estrêlas, é certo,  
 Reluzem sendo o Sol perto?  
 Céu na bôca e Sol no rosto  
 Ver-lhe estrêlas, é incerto.

Prefiro o dístico latino onde Marcial, sem dúvida, descobriria alguma patavinidade obscura desculpável num honesto gatuno colonial.

\*

Quero ainda oferecer ao bom gôsto crítico de Vossa Mercê outra décima de Antônio de Oliveira.

Deve levar-se em conta que os poetas das antigas academias tratavam temas de antemão propostos. O subjetivismo, a inspiração pessoal desaparecia. Faziam versos à maneira de relatórios, sob informação oficial. O marinismo, o eufuismo, o lilismo, tôdas as escolas cultas do tempo mataram a poesia sob a fria mortalha de conceitos e metáforas.

Não admira, pois, que o Parnaso se transformasse num conciliábulo de charadistas.

Agora o tema que haviam de desenvolver era o de — “um amor-perfeito metido num malmequer”.

Não faleceu a coragem ao nosso poeta, e ei-lo intrépido a fabricar esta décima:

Lisandra quando quiseses  
Das flôres alguém sujeito,  
Nunca dê amor-perfeito  
Rebuçado em malmequeres,  
Pois se outra vez o fizeres  
Pode ser que Fábio então  
Vos diga: meu coração  
Não dê tais flôres a mim,  
Porque é dar cartas de sim  
Com sobrescrito de não.

Parece-me o fecho desta décima muito bem achado, e, dados os precedentes dêste poeta Antônio, talvez não seja dêle.

Que importa? nem todos bebem pelo seu copo, como o fazia Musset... algumas vêzes.

Vossa Mercê, a quem vivo para servir no que mandar e fôr mister, dirá se também agora eu pus uma negativa no sobrescrito.

O que posso assegurar é que a presente carta é tôda — “sim” — no conteúdo, tanto é o amor e o respeito que consagro a Vossa Mercê, a quem Deus guarde.

Do seu último criado...

## De um velho maço de papéis

*Pedindo o voto na Academia*

Meu caro Treviranus,

Eis-me agora tardígrado e sonolento a cumprir a promessa. Às tuas mãos há de chegar, eu o espero, êste manuscrito, disperso quase, com a singela concatenação que lhe permite um colchêto a varar as fôlhas. Essas fôlhás, reuni-as eu para fazer-te homenagem, feixe de pervincas rasteiras apanhadas ao acaso e de fetos raquíticos medrados ao bordo de um muro em ruínas.

Ah! eu devia escrever-te em verso; porque a austeridade só tem a sua fórmula no Ritmo sagrado e imprecívél; e nós outros só nos rimos em prosa e de pernas abertas, o que tudo é incompatível com a sacrossanta poesia cantante das odes.

Reuni-as, essas fôlhas selvagens, porque é preciso legar a espiritualização das nossas dores aos nossos tardios sobreviventes. Não te espantes pois, que eu te diga coisas breves perto da derrota que é morte. Os defuntos são lacônicos, bem o provam os epitáfios.

\*

Nasci numa província obscura, sem jardins outros que os das *malícias* bravas e os das rosáceas campestres, num precipício sem céu, entre montanhas erguidas acima até o zênite; e numa cabana tósca, quase manjedoura

arcaica da Judéia sem as Três Estrélas que vinham ensinando aos tronos dos magos o caminho ingênuo do estábulo regenerador do mundo.

Aí nasci.

Creio que fiz pouco nos primeiros dias, além daquelas proezas vegetativas que não cabem num relatório.

\*

É difícil dizer-te a minha Infância, a idade da gloriosa inconsciência das cousas, da vegetação insensível do Ser, dêsse tempo em que a gente sem emoções cavalga as dóceis vassouras, pega ao laço os cardeais altivos de peçoço sanguinolento e canto guerreiro, na qual, de peito n'água, rasga-se a corrente frígida dos rios ourelados do trêmulo bambual umbroso.

Mais tarde a escola nos absorve. E dela saímos como duma colmeia ativa, sobraçando os papéis tediosos, em disparada, o Sol a pino, pelas ruas. Ah! quanto aprendi na escola a gozar das férias! e a minha ciência dos divinos Dias Santos! a ela devo a natural dedicação que voto ao bento ócio fecundo.

Porque é do ócio que saem as meditações, estrume do louro imarcessível. Foi o ascetismo que engenhou os cânones, e a preguiça é a teologia viva.

Meditei e cresci.

Mas por ter entrado na escola, saí dela; fiz-me homem como os outros quando o mênstruo dos machos abaritona o laringe e leva-os às moitas sombrias a cuja borda, esquecidas e incautas, passam as raparigas rubras e quentes, carregadas de bilhas bojudas que reclamam repouso à beira da estrada. E fiz-me homem; e fiz-me doutor.

Todo êsse tirocínio através de ciladas e destroços de lutas de eco confinado entre montanhas, não é decerto



o objeto tonitruoso dum panegírico. Mas há sempre um passado nessa imaculada pré-história que se pode mostrar, nítida e pura, aos vindouros. Também sofri decepções e bronquites. Fiz alguma cousa em prol da minha Pátria e fiz, ah! meu caro Treviranus, fiz um Discurso.

Êsse discurso trouxe outros... e outros... e outros.

Mas não enxergas nessa prole espiritual e infinita o motivo sequer duma heróica Epopéia? poema obscuro, mas todavia poema. Há um mundo a descobrir nesse mar ignoto, nova América aberta aos excessos longínquos dos suevos que já não cabem no antigo império romano. E bem o fazia Pedr'Álvares, quando as suas caravelas como pássaros de asas brancas trementes, quase n'água, com os bicos rentes ao oceano tenebroso, iam alevantando o véu que escondia os mundos ignorados.

Para quem êsses Mundos? a quem pertencem as invenções? Ah! quão longe está o ingênuo programa de pescar almas com a rêde espiritual de S. Pedro. A cristandade é já tão grande!

Ê dêsse proselitismo selvático e apostólico que resulta nesta terra a sobrevivência do Discurso.

Ora-se e perora-se como diante de uma taba para semear a Fé pela multidão prostrada de joelhos dos catecúmenos de arco e flecha, contritos e cismadores, relembrando o vago cheiro de carne inimiga moqueada e regada a cauim espumante.

E não só fiz discursos. Fiz versos imorredouros; cantei as cousas sensuais e belas. E cheguei mesmo a roubar à tribo uma mulher para mim, para cão do meu lar, fiel e branco, de dorso macio e dócil. Ah que a tribo o não reclame!

E depois iniciei a Política — arte de navegar bem melhor que a pesca ingênuo e primitiva dos aborígenes.

Pratiquei algumas artes liberais que me não deram nada, exceto glória e despesas.

Enfim vejo que o tempo urge e não quero roubar o teu precioso tempo.

Em resumo, para não alongar palavras, peço o teu voto.

O teu voto, por ser de quem é, basta-me ainda que seja único. Quero ser ungido com o óleo da tua consagração.

Teu, sempre teu...

## Depois da recusa do voto

Treviranus ex-amigo,

Depois daquelas tersas linhas lançadas a êsmo, mal traçadas e tortas, quem diria que eu voltasse de nôvo ao terreno movediço da epístola?

E entretanto é verdade que agora te escrevo desejando-te, como S. Paulo aos gentios, principalmente a Saúde.

Quando digo Saúde, quero dizer que o bife se assimile em ti, transforme-se em energia, em amor, em sangue e em opinião.

Não votaste em mim. Certamente não me comprehendes, rombo e chato como és. Não me envergonho e antes me envaideço com a tua ignorância do verdadeiro mérito.

Perdôo-te, e sei porque te perdôo. És pura vítima de humores dispépticos. Não comas farinha; — é esse pó daninho que depois de várias peripécias químicas, penetra nas artérias em bôlo, em indigestão intelectual. Tu e os teus consócios são filhos espirituais da farinha de pau. Por que não havia eu de perdoar-te?

Não julgues que falo por despeito e indignação. A piedade e a filosofia dizem-me que em tua sociedade há um fundo de mandioca.

Nada mais.

Chamem-lhe embora os doutos anemia tropical, indolência do Equador, mal da preguiça; e chamem os homens ferros, relaxamento. Tudo isso não é mais que a farinha assimilada, mandioca que se fêz espírito.

Isso serve para explicar as cousas graves e as paixões levianas.

Abramos a História. O grito do Ipiranga nasceu de uma cuia de farinha deglutida a desoras. Depois de várias peripécias químicas o singelo bôlo quase abalou o mundo.

Ah, Treviranus! foi decerto um patriota herbanista quem criou no glossário difícil da ciência a expressão *manihot utilissima*, eficácia pornográfica, no caso histórico citado acima; mas tudo é útil neste mundo mesmo a preciosa inutilidade.

Imagina, pois, que enciclopédico enfado não encheria êsses céus azuis, que terráquea abominação não povoaria o universo, se nêle, ao de repente, as *manibas* se estiolassem e os trapiches de ventre ôco e desolado evacuassem para o mar a indigestão acumulada e provável dessa babilônia...

Fizeste bem em negar-me o voto. Não te chamarei de canalha (o que em literatura é permitido); seria mostrar um ressentimento que não tenho.

Pedindo-te o voto, fiz apenas uma experiência psicológica e botânica, pois que estudo os influxos da farinha no canalhismo nacional. Mas, *sine ira ac studio*.

Ês um tolo, meu velhaco. A tua sociologia é uma suja asnidade.

Não, amigo, não é a Igreja, nem o voto livre, nem o plebiscito, nem a regeneração compósita e difícil dos programas que traz soluções decisivas. Só há um dado nesse problema. Dá-me a farinha e tôdas as incógnitas descobrir-se-ão reverentes. Dize-me o que um povo come. Castanhas? chucrute? macarrão? mandioca? E a sociologia estará esboçada e o problema estará em equação.

Para que, pois, insistir em recriminações extravagantes, e fantásticas? Por que não entregar os nossos destinos aos azares duma feijoada?

Deus te pague.

Estão cortadas as nossas relações. Poderia incluir uma pelega de cem (como fêz o meu contendor vitorioso) para comeres de mingau em cima da cama.

Mas, *parce sepultis*.

## A propósito das tragédias

Meu filho!

crescerás e Deus querendo não serás a testemunha forçada dessa onda de sangue que enlutou a cidade.

Em poucos dias a ira, o furor sanguinário, o assassinio, a mutilação e o crime enodoaram a terra abençoada em que nasceste.

Foi uma semana horrível!

Como poderíamos ser testemunhas de tão hediondas destruições sem uma palavra de revolta?

Como havemos de conciliar a civilização e a vingança? o cristianismo da nossa gente e o espírito de desforra?

Donde veio essa trágica antinomia?

A verdade, é triste confessá-lo, por seu caráter um pouco tumultuário e livre, a sociedade americana não pode ser uma sociedade pacífica.

Os grandes crimes são de tãda a parte; mas, nós somos o país do sertanejo, do *cowboy*, do gaúcho, do pioneiro; somos a terra do revólver, da faca de ponta, das justiças sumárias, da caudilhagem e dos pronunciamentos. Os nossos políticos e intelectuais (e até os mestres da mocidade, estou habilitado a dizê-lo), quase todos, trazem, à socapa, nos bolsos ou na cava do colête, o árbitro de ferro das suas contendas.

É uma verdade.

Somos ateístas da justiça; ninguém acredita nela, e os poucos que a honram com algum cepticismo sabem que ela é como o carabineiro de Offenbach: ou não chega, ou chega fora de horas.

Daí essa lei não escrita e que pode já fazer parte dos nossos institutos consuetudinários: a *vendetta* corsa.

As famílias, que se odeiam, buscam um recíproco extermínio; a onda de sangue torna-se hereditária e perpétua, e espraia e eterniza as suas tempestades de ódio.

Como parecem insignificantes o furor de Clitemnestra ou a loucura vingativa de Hamlet, diante das nossas realidades!

Entretanto, achamos arcaicas as tragédias!

É evidente a causa da desordem e não há outra: é a ausência absoluta do respeito pela justiça.

Não o temos ainda.

\*

Num dos seus escritos, disse Auerbach que a América era de verdade o *outro mundo* da alegoria cristã: era o lugar onde se reparavam as injustiças do mundo velho e decrépito, a terra onde o fugitivo e o desiludido cobravam liberdade e esperanças novas, onde os pobres e humildes se tornavam poderosos e ricos.

A América era assim e desde já a promessa do *dalém*, com as suas recomposições e os seus prêmios, com a pacificação das discórdias longínquas, sopitadas pela atrocidade inerte do Velho Mundo.

Dispensava, pois, a ilusão do Paraíso.

E, de fato, assim sempre o foi; desde as suas origens, foi asilo para perseguidos da consciência, puritanos e calvinistas, presídio com larguezas de regeneração para réprobos, enfim foi refúgio para todos os desenganados.

Por isso mesmo, tôda a recomposição aqui há de ser feita em vida: não fomos educados na longanimidade de esperanças da *vida futura* e não suportamos justiça tardias. Se não há justiça, fá-la-emos nós e já e agora.

Eis o nosso temperamento americano, acostumado a transformar as virtualidades em realização rápida. Este milagre de presteza tem-nos saído caro e amargo. E a *vingança*, a *vendetta* é um dos seus produtos inevitáveis.

A cultura humana requer milênios para a sua cristalização natural; nós, porém, não podemos esperar por ela; tomamo-la em sínteses de laboratório, e, assim, fabricamos instantaneamente leis e institutos liberais, justiça, direito, religião e literatura.

Contentamo-nos muitas vezes com *brilhantes de Paris*, que, a falar verdade, têm as suas vantagens, e não raro brilham mais que os verdadeiros.

Falta-nos tempo.

É uma compensação à abundância de espaço.

\*

O júri, por exemplo, não sei se vale alguma coisa, mas é um desses transportes de climatização lenta e difícil. Não parece ter sido feito para a intensidade da vida americana. Tem provado mal em tôdas as latitudes.

Atesta-o, lá ao norte, a lei de *Lynch*; e cá baixo, ao sul, a *vendetta*.

Impunidade e vingança são as nossas regras. Há pouco mais de dois séculos, a propósito do Brasil, escrevia Barleus: passando a linha, não há criminosos (*ultra equinoctialem non peccari*).

Como em país algum, graças a um largo êrmo de ambiente e de opinião, há anistia para todos os crimes; aqui floresce e frutifica uma riqueza inaudita de razões para o *habeas-corpus*. Uma literatura e uma ciência de atenuantes incomparável, a epilepsia, o mêdo, a nevrose intelectual, a privação de sentidos, as *nuances* lombrosianas, os pontinhos de honra, tudo conflui diluvialmente para afogar o júri e restituir ao sol a horda dos assassinos.



Nem para eles, sequer, existe aquela tôrva ilusão de Lady Macbeth que sentia sempre as mãos cheias de sangue: Sai, mancha danada! (*Out, damned spot!*)

Este remorso trágico é, entre nós, uma comédia. Nesta terra, é já provérbio, *ninguém se inutiliza*. A morte moral é uma pilhéria. E creio até que o homicídio dá um certo ar de importância.

O crime é uma elegância nova, é a grande nevrose dos seres excepcionais.

Nos tempos da Monarquia, um político honesto e incorruptível, o Visconde de C. (é uma anedota conhecida na história do Segundo Reinado), revoltava-se contra essa terrível incongruência dos nossos costumes, mas, entretanto, dispunha-se a observá-los com alguma excentricidade. Quando se sentia no ostracismo, esquecido, e dêle não falavam as gazetas, o visconde saía a campo, anônimamente e, num apedido infamante, escrevia contra si próprio.

— “Eu não sou assassino nem ladrão” (dizia êle a quem lhe descobria o segrédo dessa atitude). “Mas, êsse canalhismo é indispensável.”

Estava criada a elegância do crime.

\*

Deus me livre de fazer a apologia bárbara da vingança ou de qualquer das atrocidades que acabamos de presenciar.

A verdade, porém, é que onde não é crime matar, pouco importa ser morto ou tornar a matar de nôvo. A *vendetta* corrige a misericórdia, mero eufemismo da indiferença e desprezo pela vida alheia.

Afinal, não havemos de ser um tema para a clemência do júri e para a sua detestável simpatia pelos epilépticos.

Se o júri não presta, nós prestamos um pouco mais que êle e devemos defender a nossa vida.

Se a *vendetta* nos desacredita, a justiça ainda mais nos perverte e nos desmoraliza, fazendo ondular o crime até às suas últimas vibrações.

Dir-se-ia que renasce o teatro antigo, que multiplicava as catástrofes, desdobrando a tragédia em trilogias e tetralogias fúnebres, até consumir-se o extermínio dos seus heróis.

É o que estamos vendo agora nessas efemérides de luto e desgraça.

Não podemos continuar com justiça demasiado cega e manca, com a sua espada de sarrafo e a sua balança de contrabandista.

Há, muitas vêzes, é certo, razões seguras para matar, mas são as mesmas que há para morrer.

A defesa social reclama um têrmo a êsse tumulto de paixões que nos aviltam com a piedade imoral dos nossos juízes leigos.

Meu filho,

Espero que viverás noutra geração mais humana e mais cristã. Abenção a ti e ao teu futuro.

## Acêrca da confederação luso-brasileira

Amado mestre!

Tenho tratado a longos intervalos do chamado problema luso-brasileiro sob os seus aspectos políticos que parecem incompreensíveis e obscuros tanto dêste como talvez do outro lado do Atlântico.

Muito propositadamente são longos aquêles intervalos que poderiam parecer casuais. Há evidente van-tagem e interêsse comum em não acirrar antipatias ou aprofundar as dissidências estéreis.

O que há precisamente é um problema português a que se quer dar um traço de união e conjugar com as questões brasileiras. E essa verificação explica não a hostilidade que não existe por mais que queiram gratuitamente inventá-la, mas a indiferença nossa, tôda nacional, por tudo quanto não nos diz respeito.

É certo que a nossa vida de relação ainda é muito fraca, e temos muito reduzida sensibilidade e prestígio no concêrto universal. Os outros países quando não nos ignoram, contam muito pouco conosco.

Vamos crescendo à sombra dessa distância de re-moto e insignificante satélite da civilização.

\*

O problema luso-brasileiro tira-nos dessa pacífica situação de gente feliz e sem história.

Acena ao Brasil e o convida a um grande papel mundial. Mete-o num grande império nas cinco parti-

da do mundo, cria súbitamente, à maneira britânica, com fragmentos esparsos, um "portuguese-speaking-world".

As imaginações mais escaldadas e megalomaniacas choram de júbilo e contentamento diante dessa majestosa construção. Não mais haverá ocaso do Sol nesse nôvo como no antigo império dos Filipes e de Carlos V.

Essa idéia imensa seduz todos os espíritos gongóricos e hiperbólicos. O Brasil que não tem uma frota para vigiar as suas praias tê-la-á, para assombrar o mundo e cruzar e guardar três oceanos.

É bem o temperamento e o vaticínio daquele lusíada:

Que se mais mundo houvera lá chegara.

Não é de todo mau, como problema português. Resta apenas saber se o Brasil pode sensatamente meter-se na aventura de fazer figuração internacional antes de fazer uma modesta e necessária vida interior.

O Brasil em dois terços do seu território é quase um deserto. Os seus grandes problemas nacionais de povoamento, de valorização econômica e de instrução não passaram ainda do córtex úmido do litoral. Nesse nosso enorme deserto impérvio e incomunicável só há, por assim dizer, um problema único espécie de — *nosce te ipsum* — e é o tratarmos de nós mesmos.

Não podemos cultivar outra filosofia e nenhum outro idealismo.

E não é pouco. Não só; é muito e muitíssimo.

Os próprios portugueses têm sido os nossos auxiliares no desbravamento da terra e na exploração de suas riquezas. E pena é que Portugal seja tão pequeno para abastecer de energia humana as terras vazias da América.

Contudo o Brasil ainda é a terra preferida para eles que buscam o sonho da promessa.

Assim trabalhamos, vivemos ocupados e preocupados intensamente com essa enorme tarefa de que não devemos um só instante desviar as vistas.

E eis que algumas pessoas de boa fé nos propõem problemas exóticos ou extravagantes, grandiosos e imaginativos, com o intuito de nos alongarmos de nós mesmos e de viajarmos a boa viagem por mares nunca dantes conhecidos...

La irá Dom Quixote com o seu escudeiro a endireitar os tortos, contra ambições imperialistas eventuais, a conter a Alemanha rediviva ou o inglês absorvente, se por acaso...

Não! isso é demais para o brasileiro que ainda não saiu das praias e lobriga ainda na orla do horizonte as imagens das caravelas conquistadoras.

\*

Não seria melhor ficar em casa? no lar que tanto necessita a nossa presença e vigilância?

Assim não pensa um português eminente, médico, diplomata, partidário da "*Confederação luso-brasileira*", o Doutor Bettencourt Rodrigues que viveu algum tempo em São Paulo e dedica verdadeira simpatia ao Brasil.

Por obséquio de um jovem amigo, também diplomata, o Dr. José Roberto Macedo Soares, recebi agora os retalhos do *Diário de Lisboa* — de 18 e 19 de julho. E aí encontro a sensacional entrevista que a esta fôlha concedeu o Dr. B. Rodrigues. É demasiado longa para ser transcrita e é realmente bem arquitetada.

Lembra os antecedentes históricos; a carta, por exemplo, de Dom Luís da Cunha, do tempo de Dom João V, na qual aconselha a mudança da capital portuguesa para o Rio de Janeiro, certo de que o futuro da raça estava no Brasil e de que a hegemonia do mundo teria de pertencer à América.

Esse pensamento do século XVIII está amadurecido; e recorda as opiniões da atualidade e de escritores brasileiros, Medeiros e Albuquerque, Graça Aranha, Paulo Barreto, Maurício de Medeiros, concordes mais ou menos com os escritores portugueses João de Barros, Alberto d'Oliveira, e outros.

Há, destarte, de qualquer maneira um entendimento intelectual entre os dois países?

Não há. Absolutamente.

Essa concórdia é pura falácia. É pelo menos literatura; e há quem diga que, entre nós, é cavação, suspeita que nunca admitimos.

Bastam para explicá-la o espírito de novidade ou de exotismo, o espírito *frondeur*, a atividade da imaginação, a cordialidade amiga, ou, talvez, a falta de assunto.

Não há uma só pessoa de responsabilidade política que tenha agitado essa questão, aqui inadequada. Não é possível desenvolver qualquer pensamento político sem raízes na opinião pública.

Efervescências de tal natureza logo se evaporam e se perdem na atmosfera.

Depois, falta-nos a oportunidade quando já se reclama a urgência.

“É necessário andar rápido” diz o Doutor Betten-court Rodrigues.

— E para que tanta pressa?

— “Portugal” (diz êle) “atravessa neste momento uma das crises [cá também a temos e não pequena] mais angustiosas e difíceis da sua história, para a qual cumpre encontrar pronto remédio. Ora, êsse remédio bem poderá ser o que a biologia nos ensina ao mostrar como certas células que se multiplicam ‘por divisão’ só escapam à degenerescência e à atrofia senil voltando a unir-se a uma célula igual de que já fizeram parte.

“Se essa união é para Portugal uma condição de rejuvenescimento e ao mesmo tempo de prosperidade econômica e de integridade colonial; se ela é para o Brasil a melhor salvaguarda dos seus mais altos interesses como sejam os da sua expansão comercial e do seu mais amplo e desafogado desenvolvimento marítimo... não vejo motivos para que ela se não efetive. E assim todos os povos de língua portuguesa — Portugal, Brasil e colônias — constituiriam um grande e poderoso império destinado a ser talvez um dia o refúgio da civilização latina.”

\*

É lisonjeiro para nós que um país pequenino e heróico como Portugal, arriscado a perder as suas colônias, queira e prefira entregá-las ao Brasil por amor da sua gloriosa eternidade.

É coisa lisonjeira e até poética; mas não é prática.

Um país como o nosso, vazio de gente, inteiramente ôco, presta-se a certos efeitos de sonoridade.

Não é de admirar que a exaltação portuguesa aqui encontre contágio fácil e demorada repercussão.

Não passará, todavia, de mais uma cantiga para os nossos tenores:

Corro a salvarti...  
Madre infelice.

Como somos latinos e em especial por fino gôsto, franceses, tudo acabará em canção, até mesmo para falar com a prata da casa:

Venha música se aí hai

como se diz no — *Auto da Ciosa* — do velho Antônio Prestes.

Felizmente.

## Que é a verdade?

Meu grande amigo,

Não esperou a volta do correio para dizer-me Vossa Mercê que sou um apóstolo da mentira.

Não me senti magoado com êsse remoque e repreensão. A verdade é uma tirania, e eu detesto todos os tiranos.

Mas, as coisas bem consideradas, há talvez grande equívocação nesse temerário juízo.

Todos nós, salvo Vossa Mercê, todos nós mentimos.

A razão é simples. A verdade é uma coisa incommensurável com a palavra. Uma não cabe exatamente na outra; quando muito podemos com grande esforço obter que elas ambas não sejam excêntricas.

Isso explica aquêlê — “rabinho de fora” — que os avisados descobrem na espontânea imprudência dos incautos.

Que muito é que se minta quando à primeira balbúcie começa a traição e infidelidade do pensamento?

Reflita e considere Vossa Mercê no muito que escapa, inescrito, ao que se escreve, e quantos espectros semivivos se movem nas entrelinhas e agonizam, à espera da perspicácia dos que nos lêem.

Talvez por isso não encham os poetas as linhas. Se Vossa Mercê quiser fazer a conta e a justiça dessas mutilações forçadas, descobrirá verdades ignotas indizíveis e inefáveis.

Em tudo o que digo há o que não digo.

E é bem maior o silêncio na loquacidade.

Será muito?



Estou que fará essa experiência quando tiver tempo para ver e decifrar em cada palavra minha um velho hieróglifo decegado.

Não tenho já esperança alguma de que Vossa Mercê consiga ler estas linhas, tanta é a sua sêde de claridades absurdas.

Tôdas as ocasiões em que confio ao correio as minhas cartas, faço-o com a escassa esperança daqueles náufragos que, longe do mundo, desorientados e perdidos, confiam ao bôjo de uma garrafa a notícia de seus desesperos. Aonde irá ela, flutuando no mar imenso? quando e em que tempo à mercê dos contrários ventos ou das prósperas correntes chegará às mãos da gente civilizada e compassiva?

Um dia, tarde talvez, será recolhida e merecerá o olhar piedoso ou indiferente de um selvagem.

E Vossa Mercê para mim não é um selvagem, mas, com licença da ousadia, é um analfabeto ("in a pickwickian sense"). Não sabe ler as elipses mentais. Pouco entenderá o mundo dêsses mistérios.

\*

A publicidade hoje em dia é uma ciência quase oculta, e, como diz Chesterton, a sociedade torna-se cada vez mais uma sociedade secreta.

O único recurso que ainda temos à mão contra a vulgaridade de tôdas as coisas é o da mentira, creia-me Vossa Mercê, e, ainda assim, as próprias mentiras estão quase tôdas inventadas, graças a Deus.

Já leu Vossa Mercê, certamente, aquêlê conto do suave Anatole, em que uma família discreta e de bons costumes achou que era conveniente criar, para certos fins inócuos, um personagem fantástico e irreal. E criaram assim mais uma pessoa neste mundo tão cheio

delas. — Vamos hoje visitar Putois! — isso escusava explicações demoradas.

Afinal acabaram crendo na existência daquele mesmo Putois que haviam inocentemente inventado, tal e tão grande é o segredo da própria vida que ainda imaginária tem já o bastante para resistir à morte.

Todos nós mentimos de grado ou de fôrça. Todos temos dentro de nós uma substância catalisadora (diria um químico) que dá velocidade à realização dos nossos desejos.

Apenas o mentiroso profissional é um sujeito indiscreto e apressado.

Para alguns, querer é poder. Se querem um automóvel, trabalham, esforçam-se, esfalfam-se, economizam e acabam na posse do que desejam.

Para outros, não se explicam tantas canseiras! suprimem a série incômoda dos esforços e logo entram na posse desejada com uma só frase: — O meu automóvel...

E se Vossa Mercê se der o trabalho de difícil e mórbida verificação, logo achará o nosso homem pronto na resposta: — Vendi-o ontem, era um traste inútil.

E perder-se-á tôda a pista das investigações curiosas.

Não. Deixemos em paz o mentiroso. A verdade é talvez malsã, e quase sempre é a obra do despeito incontento.

Dizer as verdades, que triste coisa! E seria Vossa Mercê capaz de as dizer?

Não creio e nem posso crer.

\*

Em certo tempo em que andei a proclamar as supostas e dúbias verdades acêrca de alguns literatos, saí-me muito mal, desgostei uma multidão de gente e granjeei até o título de mentiroso.

Se as verdades fôsem de outra ordem, na política, por exemplo, o castigo, como sempre succede, seria tremendo.

O que Vossa Mercê pensa das minhas mentiras acêrca das academias esquecidas ou pouco lembradas é quase uma afronta às academias de hoje.

Tenho para mim que o ridículo faz parte da glória acadêmica.

E isso em todos os tempos; não quero dar exemplo à regra porque seria difícil achar as exceções da pragmática.

Fiquemos com essas mentiras convencionais.

\*

Sei da história de um pastor americano ou escocês (já não me lembra o hemisfério dêsse conto) o qual, uma vez, ao largo e atento auditório que costumava ouvi-lo, fêz saber que no dia seguinte iria falar sôbre o feio pecado da mentira.

— Vou pregar amanhã sôbre a mentira, advertiu o bom pastor. Peço, porém, a todos os meus queridos ouvintes que, para melhor preparação do que irei dizer, leiam todos o capítulo dezessete de São Marcos. Considero indispensável essa leitura prévia.

No dia seguinte, compareceram todos. E logo, o pastor inquireu previamente:

— Aquêles que leram o capítulo 17 de São Marcos, conforme a minha recomendação, queiram levantar-se.

Levantaram-se todos como um só homem. E o pastor prosseguiu:

— Sois vós realmente os verdadeiros ouvintes do meu sermão de hoje sôbre a mentira. Porque, em verdade, não existe o capítulo dezessete. O evangelho de São Marcos tem apenas 16 capítulos.

Eis uma experiência que seria quotidiana, se tivéssemos os recursos de espírito do pregador.

Não diga Vossa Mercê que eu proferi uma mentira, andando o mundo tão cheio delas.

Ainda há pouco, disse um senador ilustre que vivíamos num regimen de *camouflage*; mas o *camouflage* venceu a maior guerra de todos os tempos.

Não é felizmente uma desgraça.

E se Vossa Mercê não tem por mentirosos os meus protestos de estima, queira ainda uma vez aceitá-los com a dose de verdade possível neste perpétuo capítulo dezesete em que vivo, para o serviço de Vossa Mercê; etc.

## Acêrca de vários jacobinismos

Meu caro Lúcio,

Fala-se muito do jacobinismo brasileiro, mas o fenômeno é hereditário e nada há mais ferrenho, bravo e insopitável que o patriotismo português.

És tu Sertório, ou Viriato ou Caramuru? Não quero falar das questões *sub judice*; e enquanto em mãos do juiz o silêncio forma um ambiente propício à imparcialidade.

Quero falar, de modo geral, da política "literária" de aproximação luso-brasileira, espécie sutil e quase diplomática pela vaga obscuridade de seus dizeres.

Esse movimento indefinível, temo-lo acompanhado com crescente incompreensão de seus intentos.

Já foi, aliás, classificado como ditirambo inócuo, por uns; como delírio poético ou maçonaria burocrática, por outros.

Grave erro! porque o fenômeno é sentimental. É um estado de nervos.

Como quer que seja, senão o fato, pelo menos a tendência subsiste ainda.

\*

Não sabemos, em verdade, o que significa. Talvez não seja uma idéia, mas um estímulo apenas.

É preciso, todavia, não menosprezar os imponderáveis. Como vive o homem de ar, as sociedades também necessitam êsses alimentos sutis e impalpáveis.

Neste caso e nesta espécie, a nossa incompreensão pode ser explicável.

Não sentimos.

Não tendo notícia alguma de atitudes hostis e agressivas contra os portugueses que colaboram conosco na grandeza da terra comum, difícil fôra explicar um suposto antagonismo intelectual entre os dois povos.

Sempre nos pareceu despropositado e *sine materie* o programa de intensificação desnecessária de relações que não cessaram nunca de existir.

Há sem dúvida uma subtração sucessiva da influência intelectual portuguesa no Brasil; já não precisamos, como outrora, de uma palavra de recomendação de Herkulano ou de Castilho.

Os tempos são outros.

\*

Talvez venha dessa emancipação, que é apenas um sinal de crescimento, o desejo de reatar a interdependência das duas literaturas.

A teoria do relativismo de Einstein que hoje corrige as velhas leis newtonianas, aconselha a ver nas coisas, não tanto "coisas", mas "acontecimentos".

Convém envolvê-las na quarta dimensão, a do tempo, para ter a imagem estereométrica e verdadeira do que são.

Para nós americanos e emancipados das ligações umbilicais e coloniais, o tempo abriu já uma divergência enorme das antigas metrópoles.

Somos diferentes, e até certo ponto indiferentes.

Se a distância enfraquece a gravitação, resta sempre uma saudade que enche as longas separações.

Os escritores portugueses que se ocupam de aproximações estão fazendo a tarefa de Sísifo, coisa inútil e eventualmente antipática.

Parece que nos estão a ver, como dizem os ianques, pelo lado errado do binóculo. Fazem-nos distantes nos momentos em que estamos próximos e perdem com a noção das distâncias a das conveniências.

Se a qualquer dos dois países coubesse o dever de incitar aproximações intelectuais, ao Brasil é que importaria tomar a iniciativa.

Não somos conhecidos em Portugal. Na sua imprensa, nas suas livrarias e nos seus catálogos bibliográficos, não há vestígios da cultura brasileira.

O pouco que lá sabem é de ouvido ou de correspondências epistolares, de reciprocidades por vezes compreensíveis ou de subsídios de torna-viagem.

E a nossa vida mental é tida como uma espécie de sotaque, generalizado a tôdas as coisas do trópico. É açúcar colonial.

É evidente e não necessita demonstração que o Brasil é um lugar vago para quantos queiram. A aproximação está patente na assiduidade e presença, aliás agradável, de portugêses na imprensa literária do Brasil, nos mostruários de tôdas as lojas brasileiras de livros. Quase que amamos sem a esperança de sermos amados.

De longe ou de perto os intelectuais portugêses aqui escrevem, aqui são lidos. Que mais querem?

Tudo isto, sem reciprocidade de espécie alguma. Nem escrevemos nós na imprensa portugêsa onde não teríamos lugar, e nem os nossos livros se encontram nas livrarias de Lisboa, do Pôrto ou de Coimbra.

Continuamente, os nossos autores são solicitados pelos colegas de além-mar a enviar exemplares de obras que lá desesperam de encontrar e conhecer.

Destarte, a nós caberia a iniciativa, se nos conviesse, do apregoado intercâmbio intelectual.

A verdade deve ser que não convém ou convém muito pouco. Não pensamos em colaborar em jornais portuguezes nem promovemos a difusão da literatura brasileira em terras de além-mar.

E a razão dessa inconveniência é perfeitamente clara: não há nenhum interêsse econômico apreciável nesse comércio, e o interêsse de ordem intellectual é já agora muito duvidoso.

Que pensas tu dessa antinomia econômica quase irreparável? Que padrão monetário havemos de inventar?

Os portuguezes da Europa bastam-se a si próprios, e não compreendem a literatura americana: acham-na bastarda, imperfeita, diferenciada, lânguida ou disforme, em qualquer caso sem maior interêsse que o de uma amostra dialetal.

E depois, a atitude portugueza é enfática e, por vêzes, insuportável. Falo da atitude natural e inconsciente que, não o sendo, nos parece atrevida.

Queremos tomar para exemplo os dois últimos propagandistas da aproximação, amigos sinceros, leais, e cheios de extraordinária simpatia pelo Brasil.

São êles, já se adivinha, Alberto d'Oliveira e João de Barros.

São de tal modo nossos amigos que com um rijo abraço de fraternidade chegam ao ponto de nos suprimir.

A êsses processos de asfixia amorosa cá chamamos — “abraços de tamanduá”.

Assim, João de Barros anuncia e realiza uma conferência de aproximação a que dá o título de — “Portugal Maior”.

E o Brasil?

Onde ficamos nós? ali dentro, absorvidos e escondidos por uma elipse gramatical.

O que há é — “Portugal maior”; em gênero e em espécie; nós outros não passamos de um subentendido.



É natural que protestemos contra a gentileza de tamanha absorção.

Afinal, já passa de quatro séculos que temos um nome e não queremos perdê-lo numa ingênua alegoria retórica.

Mas, para o nosso amigo — PORTUGAL MAIOR — dispensa a superfluidade verbal de um Brasil.

É uma atitude inconsciente, escrevemos; porque a intenção não podia deixar de ser a mais gentil possível.

O outro propagandista, é o nosso amigo, o diplomata Alberto d'Oliveira que tantas afeições aqui deixou quantas as saudades que teria levado dos seus admiradores.

Alberto d'Oliveira, deixando o Brasil, escreve um livro, e logo o intitula — PORTUGAL DA OUTRA BANDA — ou, a — Outra banda de Portugal.

Não há muito (dizia-me êle na Academia, voltando da Argentina), achei outra fórmula para o Brasil: É o meu Portugal de sobressalente.

É um achado expressivo e gentil mas...

De nôvo, sentimos o efusivo abraço do tamanduá. Desaparecemos inteiramente como um subentendido. Que fizeram do Brasil?

O que há é Portugal; e fora das letras unciais, há que adivinhar na lombada a terra de Santa Cruz.

Eis aí dois exemplos patéticos da atitude dos intellectuais portugueses.

Realmente, é conceder-nos pouco; uma banda, anônima, ou uma dignidade de encoberto ou ainda um recurso em horas climatéricas.

Entretanto não protestamos; o nosso povo é indiferente e quase inerte para essas recriminações inúteis. Conhece a intenção e absolve a poética metáfora.

Há, pois, um jacobinismo português, mais excessivo que o nosso e mais perigoso que a usurpação dos Filipês.

— Santiago y cierra España!

## Um bilhete sem enderêço

A condição essencial à vida literária não é a independência que resulta da riqueza ou do bem-estar. O que torna o homem de letras infecundo ou impossível, é a tendência ou a necessidade que lhe impõem certos modos de vida e certas profissões intelectuais.

Fôsse êle um mecânico, um artífice ou operário culto, nas suas horas vagas, se as houvesse, estaria pronto e disposto à produção das obras de arte.

O que diminui e estiola a capacidade artística é a profissão intelectual, aproximada, que fatiga o espírito e lhe sorve tôdas as fôrças. É um paradoxo aparente. Essas profissões intelectuais, o jornalismo, o professorado, a magistratura, a ciência, a política bastam para uma inibição completa da espontaneidade e frescura dos sentimentos e das idéias.

A obra literária reclama necessariamente um repouso longo, um estado de sonho e devaneio que espera morosamente a condensação em formas definitivas.

Os trabalhos mecânicos se não forem excessivos, prejudicam muito pouco essa atitude, e antes a fortalecem pelo contraste, pois que o repouso não é mais que uma variedade da energia.

Entretanto, o homem de letras é sempre coagido a aceitar e a exercer as *profissões aproximadas*, mais convenientes à sua cultura, e ao mesmo tempo mais nocivas à produção da obra de arte.

Daí os numerosos casos abortivos que constituem a regra geral entre jornalistas, políticos e homens de ciência. Conquanto possam ser grandes e eminentes nessas voca-

ções ocasionais, muito perdem na vocação essencial do artista, se porventura a possuem.

Assim, é incrível a mortandade e matança de inteligências e qualidades mentais, pela errônea distribuição econômica da sociedade, sacrificadas aos esforços mais contraditórios e mais estéreis. A profissão intelectual não pode ser um meio propício ao artista.

De mim, falando com tãda a lisura e sem vaidade, desde meus anos infantis, senti com veemência que havia de ser um pintor ou escultor, e nunca o fui e nem consegui sequer passar das primeiras linhas, inferiores até à própria mediocridade. A preocupação juvenil desapareceu esmagada.

A literatura foi para mim a primeira obliquidade e a primeira perversão estéril. O didatismo completou essa tendência infecunda. O resto, no jornalismo ou em outras atividades mentais, consumou a ruína com a ampliação do êrro primitivo. O resultado é que nada fui, nada sou e nada serei. Não é meu egoísmo que se lastima dessa inutilidade, é a convicção de que êste caso é mais geral do que se supõe, e que, portanto, sofremos todos nós uma diminuição importante que representa um grande prejuízo social, nessa troca de papéis, nessa perpétua destruição de energias aproveitáveis.

Não é, pois, um episódio, é um caso epidêmico considerável.

Estou que a sociedade brasileira (pelo menos nesse momento talvez inicial e passageiro) é vítima daquele equívoco profissional, em larga escala.

Não podendo manter-se por si mesmas, a arte e a literatura tudo perdem pelo descaminho das tendências normais.

O jornalismo, por exemplo, é o lugar-comum de tôdas essas fosforescências intelectuais; mas não é só o jornalismo o espojadouro único. A magistratura, a advo-

caria, a medicina e a engenharia, a política são *aproximações-literárias*, e, como tais, lugares de fermentações infrutíferas.

O trabalho material e mecânico se fôsse produtivo ao ponto de suficiente confôrto, seria a ocupação mais apropriada e menos impertinente e incômoda, às necessidades do espírito.

A questão será resolvida no futuro, quando se invertem os valores econômicos do presente; mas é lícito supor que, antes disso, um estado social, mais justo e mais igualitário, de menos luxo e vaidade, e de menor sensualidade, possa pelo menos atenuar aquêlê vício inútil da esterilidade por *aproximações*.

Tempo virá em que poderemos estudar, como se fôsem manias mórbidas, as tendências do nosso tempo, que não revelam mais que insofridos desejos de domínio social e de sensualismo grosseiro, à custa de profundas desigualdades e patéticas injustiças.

Nenhum de nós logrará atingir a idade das verdadeiras distribuições e do equilíbrio das vocações verdadeiras.

Até lá, não há outro recurso senão aceitar a contrariedade e a morte dos nossos próprios desejos, reservando um pouco de energia disponível em favor da maior esperança da humanidade.

## Acêrca das inconveniências da teoria reunida à prática

Minha senhora,

É muito difícil responder a V. Ex.<sup>a</sup> sôbre a questão que me propõe, e digo, com o coração nas mãos (e por não fugir à pergunta), que em quase tôdas as cousas dêste mundo muito preferível é a teoria à prática mormente quando ambas se associam em demonstrações e exemplos. Já não falo das cousas havidas por más nem daqueles atrozes pecados que, quando só o são de pensamento e não se põem por obra, parecem naturalmente menos graves. Quero referir-me àquilo que se chama o prazer, a admiração, o gôzo, a boa fortuna, o dinheiro e a boa mulher. Creio que não vale a pena experimentá-los e que é melhor nunca tê-los visto.

Dos dois versos de Camões:

Melhor é exp'riimentá-lo que julgá-lo,  
Mas julgue-o quem não pode exp'riimentá-lo.

o ultimo é de uma alma sã e discreta. Especulação e praxe jamais se completam, o que à primeira vista se pudera entender e acreditar. A muita teoria torna o homem sutil e aéreo, e redu-lo a pura alma ou fantasma; mas a muita prática, pelo comum, mais emagrece que engorda. A teoria faz-nos em éter; a prática faz-nos em ossos.

Há quem o duvide? A mesma dúvida não se compecede com os fatos.

É o que comprovam tôdas as histórias do mundo; agora, porém, quero só recontar um caso que sucedeu não há muitos anos nesta boa e valorosa cidade.

\*

Uma mulher literata das que importunam a gente para que as ouçam na leitura dos seus fastiosos poemas (e são aqui inumeráveis como V. Ex.<sup>a</sup> bem o sabe), convidou um dia o meu amigo Bernardo Claraval para um destes freqüentes e indigestos banquetes de literatura.

A literatura feminina não me desagrada; e creio que elas, as mulheres, quando a vida fôr mais intensa, serão os únicos homens de letras.

V. Ex.<sup>a</sup> bem conhece o Bernardo Claraval, o famoso autor da *Ballada em ut minor*, que é um hino à divina serpente do Paraíso. Não é homem que recuse ponto ou qualquer convite que cheire a saias, e tanto mais vindo da poetisa que no caso de que falamos era formosa e, se não formosa, rica de corpo e da mais natureza.

Fui de tudo, e por menor, informado pelo próprio Bernardo que me encontrando na rua, amontoando razões, enfiou o seu pelo meu braço e disse em palavras curtas:

— Vamos ao poema da Alice.

Fomos juntos e lá chegamos. Eu, medroso e como quem ia para apanhar, e êle ousado e forte, acostumado a domar serpentes e a confundir os corações frágeis.

Não era um poema como me havia dito, mas era quase a mesma cousa porque era um romance de amor.

Dona Alice lia admiravelmente, com tôdas as regras fisionômicas da prosódia sentimental em que tudo falava ou pelo menos estremecia e vibrava do colo para cima. Os olhos dela despediam relâmpagos às vêzes, os seios amplos arfavam e os lábios lembravam aquela serpente

edênica que dera reputação ao autor do Gênesis e ao Bernardo.

Aquela conferência ou leitura não era de todo teorética e especulativa ou literária porque num passo do manuscrito em que se descrevia uma ceia opípara, com admiráveis côres, entrou pela sala uma rapariga com uma bandeja de chá e biscoitos. E Dona Alice interrompeu a leitura, e nós o ouvimos que era atento.

— Uma lembrança magnífica, disse Bernardo já com um biscoito entre dois dedos. Esta magnífica descrição da ceia no romance de V. Ex.<sup>a</sup>, já me fazia água na bôca; e tenho para mim que a prática é um complemento essencial da teoria. Seja abençoado o chá. Bem-vindos, êstes magníficos biscoitos...

E êle continuava com os dentes o ritmo da prosa, manducando poeticamente os biscoitos de Alice.

\*

Mas foi isto apenas um incidente e dentro em pouco a leitura continuou sob a excitação do chá reconfortante. As cenas do romance sucediam-se; os personagens inflamavam-se próximos ao incêndio da catástrofe.

Dona Alice lia com tôdas as inflexões admiráveis de sua voz meiga, suave, às vêzes plangente, quase em lágrimas nos passos mais tristes, e havia ali no seu livro grandes tristezas de amor e de paixões longas, abafadas.

O Bernardo movia-se na cadeira, untuoso, mulhengo, com os olhos em água, a bôca aberta para ajudar as narinas amplas, que bebiam todo o ar da sala. Em um ponto ou capítulo os dous amantes do romance, que sempre os há nas cavalarias de tais livros, encontravam-se à beira de uma floresta, fugitivos, escapando à perseguição do mundo e dos preconceitos, e começaram

então aquela música eterna dos beijos longamente imaginados... Dona Alice tremia, sentindo a inspiração, a sinceridade e a verdade de sua própria arte...

Ao lado, Bernardo avolumava-se, incontinente, sem jeito, inquieto, como mordido por invisíveis serpentes... Num momento, como homem que não admite a pura especulação teórica, vi-o levantar-se, forte, apoplético, brutal e chamar a si a dona e o manuscrito que se lhe escapou em fôlhas brancas como pombas ruidosas e arrulhantes voejando por tôda a sala.

Estava já Dona Alice a cavalo sôbre aquela admiração incoercível. Os dois sêres inconhos pareciam desaparecer um no outro em mistério inconsútil...

Eu, espavorido, saí, correndo, e precipitei-me escadas abaixo.

Quando cheguei à rua, olhei para cima a ver se enxergava acaso o Bernardo.

Qual! a estas horas o nosso homem repetia, em segunda edição refundida, o chá e os biscoitos.

Não posso dizer as coisas muito ao certo, porque a vista se me escureceu, mas pude lobrigar que ali a prática amparava a teoria, se não estou tresvariando.

\*

Creio, pois, ter respondido a V. Ex.<sup>a</sup> E como dêste exemplo do meu amigo Bernardo de Claraval tenho tirado algum govêrno de vida, aproveito para comunicá-lo, etc., etc. De V. Ex.<sup>a</sup> etc.



## Acêrca de Gregório de Matos

Meu senhor,

O brasileiro passa por ser um sujeito quase fúnebre, com o aspecto de quem anda ralado de íntimos desgostos.

Êsse desengano foi já um tema explorado desde a época colonial. Os nossos antigos poetas, como os pioneiros do antigo Brasil, queixavam-se da tristeza da terra, das insídias do sertão inculto, da aspereza das bre-nhas e da ferocidade das gentes selvagens e bravias.

Êsses poetas ao voltar do Mondego ou do convívio das Tágides viam comprometidas e perdidas a sua arte poética e as suas imagens literárias.

Pouco a pouco foi desaparecendo essa melancolia de letrados absenteístas e inadaptáveis à luz do céu americano e aos aspectos diluviais dos grandes rios.

Compreenderam, tempos depois, que a terra tinha os seus encantos ainda que desproporcionados à medida velha e realmente monstruosos; mas começaram a interessar-se pelas nossas coisas.

A melancolia é o temperamento dos satíricos e dos humoristas; e não é difícil, pois, explicar a poesia e a veemência de um Gregório de Matos, tanto melhor quanto já havia exemplos na metrópole dêsse estado de alma, de absoluta displicência entre as ridiculezas da restauração.

O século XVII é o do mais descabelado artifício da literatura com a criação das Academias.

No Brasil, porém, já havia despontado o nacionalismo com o — *Diálogo das Grandezas* — que foi um golpe contra o pessimismo dos ádvenas do primeiro século.

Conquanto pessimista, é Gregório de Matos um amigo da terra e não lhe faltava piedade pelas nossas fraquezas.

Sua ironia é por vêzes amável.

Faz rir, sem afrontar o sentimento de regionalismo já muito perceptível.

Agora, em vários pontos do Brasil, na Bahia principalmente, celebram o terceiro centenário do nascimento do poeta.

O terceiro centenário de Gregório de Matos funda-se numa convenção cronológica. Discute-se ainda se o poeta nasceu em 1623 ou em 1633; não há meio de achar a certidão de idade e certamente é muito difícil substituí-la por argumentos e razões literárias.

Contudo, Xavier Marques fêz notar excelentemente que a opinião antiga sempre foi a do primeiro biógrafo que teve o poeta, o Licenciado Manuel Rebêlo, do século XVIII.

O pomo da discórdia foi lançado por Varnhagen que assinalou para o natalício do poeta baiano o dia 20 de dezembro de 1633. Varnhagen era um sábio pesquisador que se não deixava levar por opiniões assentadas e tradicionais, sem exame sereno e meticoloso das fontes.

Tinha, porém, um grande defeito. Frequentemente corrigia, sem indicar os documentos que lhe serviram para a correção de erros recebidos e vulgares.

Era essa uma espécie de vaidade de que amiúde fazia ostentação silenciosa. “Quem quiser, que estude e verifique se estou em êrro” era o seu pensamento.

Dessa parcimônia na alegação das fontes principais está cheia a sua grande história do Brasil.

Contudo, Xavier Marques inclina-se a admitir qualquer erro possível do arguto pesquisador. Não é coisa impossível. Todavia, é frágil o seu argumento quanto aos copistas de Varnhagen que, aceitando a data de 1633, esquecem de emendar a da morte ou a da idade.

\*

Enfim, o erro de um trigésimo, já passados três séculos, não aflige muito a consciência.

1623 ou 1633, que importa para a eternidade da fama?

Pior e muito pior que esse microscópico vanilóquio da erudição é que as obras de Gregório de Matos não estão ainda publicadas, como cumpria.

Tentou fazê-lo Vale Cabral e chegou a dar-nos um volume precioso que é ainda hoje o mais abundante florilégio do poeta.

Doença pertinaz e terrível impediu o tentâmen que ficou nesse primeiro volume que é de 1882.

Convinha, convém e convirá sempre continuar o trabalho do saudoso bibliógrafo.

A Biblioteca Nacional possui alguns volumes manuscritos do poeta, os quais provavelmente não abrangem toda a sua obra.

Outros manuscritos por aí andam em várias mãos, no Brasil e em Portugal. Reuni-los, colecioná-los, completar as deficiências de uns e outros, notar as variantes, expurgá-las de vícios inseparáveis das cópias, seria empreza para um dedicado amigo e admirador do satírico baiano.

\*

Como succede às obras que longamente correm manuscritas, há muita coisa duvidosa e incerta nas produções de Gregório de Matos.

Algumas delas são atribuídas a outros poetas do tempo e necessitam exame crítico. Do seu colega, no gênero de poesias fesceninas, Tomás de Noronha, há versos que parecem de Gregório de Matos e talvez uma boa parte seja de mão comum.

Os copistas nesta espécie mais valor davam ao gênero que à autoria das composições. A bandalhice e a licenciosidade bastavam como razão de ser de várias colleções factícias.

E não é fácil discriminar nos manuscritos menos perfeitos a parte que realmente cabe aos autores.

Acresce que na obra de Matos há muita coisa que é imitação literal de Quevedo e de outros.

Ainda mais. Há simples traduções quase à letra que passam por produtos originais do satírico baiano.

Queremos dar agora um exemplo. Há muitos anos, conferindo algumas variantes do poeta, achei na *Nova Floresta*, numa glosa ao mote — *A mais formosa que Deus* — o desenvolvimento pio e ortodoxo daquela quase impiedade.

O poeta achou em seus recursos o meio sutil de interpretar aquêle verso com a mais bela inteligência que se podia dar ao texto.

Ei-lo, segundo a versão que me pareceu mais fiel e perfeita:

#### A MAIS FORMOSA QUE DEUS

##### *Glosa*

Eu com duas damas vim  
De uma certa romaria:  
E uma, feia em demasia,  
Sendo a outra um serafim.  
E vendo-as eu vir assim

Sós e sem amantes seus,  
 Lhes perguntei: Anjos meus,  
 Quem vos pôs em tal estado?  
 Disse a feia — que o pecado —  
 A mais fermosa — que Deus —.

(Fól. 66 v.)

Esse é o texto de um manuscrito que estêve em meu poder. O do Padre Manuel Bernardes, incluído no quarto volume da — *Nova Floresta* — apenas discrepa em algumas expressões — *donzelas* — em vez de — *damas* — e no terceiro verso — *feia parecia* — em lugar de — *feia em demasia*.

Tratei dêsse caso, de ambos os textos, do oratoriano e do manuscrito, em livro meu o — *Fabordão* — onde se encontram outros pormenores que não importam agora.

Será de Gregório de Matos a glosa aqui examinada?

Parece que é dêle, se nos limitarmos às probabilidades exteriores, ao velado testemunho do autor da — *Nova Floresta* — e à lição do manuscrito factício (vol. 14 — de *Obras Várias*, cópia portugueza por letra do século XVIII).

Não conheço o texto da Biblioteca Nacional que não tive ocasião de consultar, se por acaso ali figura essa linda glosa.

Tenho, porém, agora uma informação preciosa achada por um erudito escritor, o Sr. Lindolfo Gomes.

Devo à sua gentil comunicação um fato inteiramente nôvo, por si mesmo muito significativo, e agora ainda mais, neste momento em que é lembrada a memória do poeta baiano e renasce a idéia de organizar uma edição crítica das suas obras.

É que os formosos versos de Gregório de Matos... são espanhóis, e provavelmente correram Espanha e América atribuídos a poetas repentistas como prova de habilidade dos mais famosos rapsodos e glosadores.

Efetivamente, não seria fácil transformar uma proposição heterodoxa e herética numa verdade pia e cristã.

Como desafio à argúcia dos repentistas, o mote — *A mais formosa que Deus* — evidentemente de origem culta, devia provocar inúmeras versões, ou vulgarizar a que mais parecia adequada ao sentimento cristão.

Os versos espanhóis, achou-os Lindolfo Gomes num volume de Ricardo Palma, poeta peruano (*Apéndice a mis últimas tradiciones*).

Ricardo Palma atribui a glosa a um poeta popular da sua terra conhecido pela alcunha de *Ciego de la Merced*, da cidade de Lima e do século XVIII.

Essa afirmação de todo inverossímil deixa patente que a glosa era espanhola e corria nas colônias como corria em Portugal.

Eis a décima espanhola, que no meu conceito é a poesia original:

Dos señoritas había  
paseádo-se en un jardín:  
la una como un serafín,  
la otra un dragón parecía.  
Y viendo la pena mía  
Tal diferencia en las dos,  
las dije — Niñas, a vos  
quien tales rostros ha dado?  
La fea dijo: — El pecado,  
La más hermosa: — Que Dios.

Destarte e com êsses documentos, a conclusão de probabilidade, pois que nenhuma clara certeza temos, é que a glosa foi traduzida em português por qualquer poeta e talvez pelo próprio Gregório de Matos.

Não se trata, já se vê, de nenhum plágio. Gregório de Matos não publicou as suas obras, não teve oportunidade e ensejo de declarar o que lhe pertencia, nem assinalar as imitações (que nêle são numerosas) nem as traduções que porventura houvesse feito.

A mesma questão de originalidade, tão encarecida hoje, no seu tempo carecia de importância. Os bons versos das literaturas congênicas eram propriedade comum. Os mestres perdiam seus tesouros dissipados entre as mãos dos discípulos.

As edições críticas, porém, não podem deixar em silêncio essas pequenas disquisições dos eruditos.

Na mesma — *Revista da Academia* — há tempos escrevi algumas páginas sobre as incertezas da nossa história literária, a propósito de Gregório de Matos e de outros cujas produções, viciosamente reunidas, reclamam demorado e atento exame.

Em qualquer caso, a publicação que tenta a Academia, embora imperfeita ou destituída de crítica, como eventualmente pode suceder, é serviço de grande préstimo e contribuição que deve aproveitar a pesquisas ulteriores.

P. S.

Poucos dias depois de haver escrito as linhas anteriores, vimos num folhetim mais ou menos oficialmente confirmada a notícia de que dentro em pouco vão ser editadas as obras de Gregório de Matos, patrono da cadeira hoje ocupada por Félix Pacheco, que, como Ministro do Exterior, mandou que se tirasse cópia dos quatro volumes pertencentes a Varnhagen e que hoje estão na biblioteca do Itamarati.

Vê-se, como dissemos, que a comissão de publicações, aliás bem constituída, não dispunha de tempo para tamanha tarefa. Mas, Félix Pacheco faz parte daquela comissão em que se estréia auspiciosamente; e com os seus amigos pode o ativo presidente da Academia obter ainda o valioso subsídio e aproveitamento dos manuscritos da Biblioteca Nacional, o que naturalmente já lhe ocorreu desde o primeiro momento.

Se quisesse a Academia fazê-lo com mais vagar, não seria coisa inútil e estéril explorar a parte com que podiam contribuir as bibliotecas e livrarias portuguesas.

É preferível, porém, renunciando à edição crítica e completa, realizar o tentamen de si mesmo considerável.

Os eruditos farão o resto e a seu tempo.

## Acêrca das coisas adequadas

Meu senhor!

Volto à conversa interrompida pelos quefazeres quotidianos que enchem e emendam tôdas as minhas horas num tecido inconsútil de frivolidades ridículas.

Aproveito um atraso de relógio para resfolegar na companhia da sua grande alma.

Ah que saudades me faz Vossa Mercê neste momento!

Pois não sabe? Apenas, respiro agora. Aquêlê tufão de anteontem que veio do sul, apanhou-me desapercebido a uma esquina; senti-lhe o redemoinho longo, cheio de baixos-relevos e estive quase a ser atirado para os intermúndios...

Escapei, graças à elasticidade da minha carcaça, acostumada a essas compressões imperativas. Così-me à parede, achatei-me e dei com os dentes n'alma, até o bicharoco vagabundo passar. Já passou.

No estrondo do cataclismo apenas tive o tempo de rezar um padre-nosso e encomendar esta alma cheia de pecados ao bom Deus dos cristãos.

Lembrei-me então de escrever a Vossa Mercê tão pronto no conselho como tão constante na adversidade.

Da sua última carta, tiro o ponto em que Vossa Mercê diz que as coisas boas são boas por eternidade e que não há sítio melhor nem pior para a beleza ou para a virtude imortal.

Sinto discordar, profundamente, de Vossa Mercê, e tenho para mim que o grande mérito de qualquer qua-



lidade está em ser perfeitamente adequada às circunstâncias.

Pode ser até que um santo no Paraíso se se der o trabalho e os riscos de uma viagem cá baixo, entre a pecar desencadernadamente com o mesmo desassombro de um incréu ou do grão-turco.

Creia-me, Vossa Mercê, tôdas as coisas humanas e divinas devem ser adequadas. Veja bem e considere como nas galerias dos museus sorrimos inadvertidamente dos manípansos grotescos que fizeram tremer às gentes selvagens.

Eram, entretanto, deuses adequados que jamais perderam a majestade divina e esperam talvez no infinito do tempo uma restauração possível e gloriosa.

\*

Foi o Doutor Johnson, gramático e escritor inglês (que Vossa Mercê e eu admiramos), aquêlê que achou a verdadeira fórmula da adequação.

Não me lembram mais os têrmos da fórmula tanto sou refratário a brevidades lacônicas e aforísticas.

A fórmula de Johnson perdeu-se na turbação da minha atrapalhada memória. Creio que estourou em mil fragmentos e não posso agora cristalizá-la neste meu estilo empolado e incoercível.

Querendo mostrar a excelência das coisas adequadas, o doutor inglês apresenta e oferece o exemplo de uma vaca dentro ou fora do lugar próprio.

Uma vaca é um animal belo e admirável.

Vossa Mercê dirá escarninhamente que a vaca é principalmente admirável quando cozida ou assada em grelha, com mólho de limão e pimentinhas-da-índia.

Não é isso. O Doutor Johnson falava da vaca luzidia, nédia e viva, posta na planície verde, verde até a

extrema do horizonte, de olhos úmidos e suaves como os da olhibovina Juno.

Eis, diz o doutor, um quadro formoso por ser adequado e a tal ponto que já tem pôsto a desafio o pincel, a palhêta e o cálamo inspirado dos artistas e dos poetas.

Agora (acrescenta o Doutor Johnson) suponham que um pastor ou vaqueiro, canhestro, louco, mal-avindo e sandeu tanja e enxote o gracioso animal para dentro de um jardim.

O quadro é horrível. A vaca entre flôres, no meio de fragrantas boninas, é um espetáculo fúnebre e carregado de horror.

O pincel e o cálamo negam suas tintas a essa lastimável paisagem.

Diga-me agora Vossa Mercê se a vaca não é a mesma? se o macio pêlo, a languidez dos olhos, as proporções do porte, sofreram qualquer mudança? Nenhuma.

A verdade é que não era e não podia ser adequada uma coisa a outra.

Não sei reduzir essa prolixidade a um aforismo, mas confio que os fragmentos de um espelho guardam sempre as propriedades originárias.

Vossa Mercê, pois, não tem razão alguma em dizer que as coisas por eternidade são sempre boas ou más em tôda parte.

Não quero dar exemplos atuais de vacas em jardim, para não aumentar os percalços que já me atormentam.

Quero apenas ficar na cômoda transcendência das idéias gerais. E nem me diga Vossa Mercê que eu, vaqueiro tonto e inábil, tenho já enxotado bezerros e "aboiado" barbatões para algum vergel sumarento.

Não foram vacas, se tal houve, e nem mesmo as vacas de Johnson.

Conheço a planície, mas sou homem, e, seis mil anos há, fui expulso do Éden.

Queira Vossa Mercê aceitar os meus protestos de estima, e, por um dêsses dias (se não cair algum tufão climatérico) irei saborear em sua companhia o delicioso acepipe da vaca, como Vossa Mercê a entende, quente ainda da grelha e temperada com as pimentinhas-da-índia.

“Bon appetit”.

Deus guarde a Vossa Mercê por dilatados anos com aquelas duas bênçãos — a vaca e o riso — como queria Frei Luís de Sousa.

## Um grão de loucura

Meu amigo,

Tenho para mim que não é desprezível, nem tampouco inábil, o indivíduo que põe uma pontinha de loucura nos artefatos do seu engenho.

Em certas artes de agudeza, um sujeito meio maluco tem igualmente meio caminho andado para a boa fortuna.

Creio ter sido êsse o pensamento íntimo de Machado de Assis, quando traçou aquêle admirável retrato de Simão Bacamarte, o doutor alienista.

O famigerado sábio da época colonial, recusando tôdas as honrarias da metrópole, os oferecimentos das universidades que o disputavam e tôdas as vaidades da sabedoria e da fama, preferiu estabelecer-se na vila de Itaguaí, onde fundou, por natural caridade, uma casa de orates para os pobres loucos da vizinhança...

A — "*Casa Verde*" — inaugurou-se com um ou dois mentecaptos. O "especialismo" profundo do Doutor Bacamarte foi logo descobrindo os casos menos viáveis à vista curta dos leigos.

Em pouco tempo, a "*Casa Verde*" regurgitava... Os vereadores, o comércio de grosso trato, o partido dos "Canjicas", tudo, enfim, foi metido naquela mansão de verdes janelas.

O próprio Simão Bacamarte, feitas as contas, também entrou para o hospício.

Era antes de tudo um homem de consciência. Por que não havia de ser louco o doutor da loucura?

Pois se a tôda gente o que faltava era só juízo, de sua obrigação era também ser comparte naquela falta universal.

Grande sábio! grande alienista!

Quanto a mim, que desconfio da minha insensatez, com igual proibidade e escrúpulo, as horas de lazer aproveito-as como posso, discretamente, lendo tratados de psiquiatria, a ver se descubro todos os sintomas da sentença *in anima vili*. Estou, porém, conformado, pois que Itaguaí é apenas um símbolo encolhido e encaracolado em suas montanhas e vales, e quando tento retificá-la e desdobrá-la, vejo que abrange tôda a superfície terráquea.

Somos todos cidadãos daquela vila.

\*

Foi, por isso, com certa alegria e firmeza d'alma, que li um estudo sôbre a "desintegração da personalidade", pelo Professor Kantor, psiquiatra, da Universidade de Chicago.

— Que nos dirá êsse nôvo Simão Bacamarte?

Como sempre, procurei-me a mim mesmo naquele majestoso digesto de maleitas espirituais.

Enfim, ninguém é juiz em causa própria e é de mister andar um pouco informado do que pensam as pessoas graves a nosso respeito. Madracei horas perdidas por aquelas páginas.

Tudo quanto li me pareceu de extrema frivolidade. Os médicos fazem nomenclaturas, como certos gramáticos que, por pobreza de espírito, não logram espremer mais que umas análises...

Se o Doutor Kantor me der por maluco, disse entre mim, não ficarei desconsolado.

— "Itaguaí habemus".

\*

O Doutor Kantor, porém, acha que o tipo normal coexiste perfeitamente com o dos loucos.

Quando no indivíduo os elementos de ação se compõem harmoniosamente, o ser é normal.

A loucura do indivíduo começa quando êsses elementos de ação, ainda que interiormente harmoniosos, não se conformam nem se adaptam ao ambiente moral e social que o cerca.

Exceção feita da imbecilidade e idiotia, a loucura é sempre um caso de inadaptação.

Há indivíduos cuja ação é inteiramente incompatível com os hábitos e costumes sociais, é o caso dos falsários, mentirosos e caloteiros. Esse grau de loucura é muito brando, apesar dos males que causa.

Os sujeitos espertíssimos dessa classe gozam perfeita saúde mental.

Confesso que pessoalmente escapo aos sintomas dessa categoria. Sou muito mais tolo que esperto.

\*

Eis agora outro tipo, mais grave e todavia mais simpático, da loucura. É o tipo paranóico. A vítima da paranóia, desde tenros anos, pouco e pouco, constrói o sistema dos seus hábitos e das suas atitudes de horror à gente, de solidão e repugnância.

Suas reações são lentas e demoradas; considera-se perseguido, e o é de fato, pela doentia imaginação que o torna anarquista, niilista. . .

Conferindo-me com essa narrativa, sou acaso paranóico?

Creio que ainda desta vez posso gabar-me de perfeita saúde de alma. Jamais me considere perseguido

e nem tive a necessidade mórbida de aconselhar a dinamite contra a ordem ou a desordem social.

A paranóia é a loucura que mais excede o indivíduo e contamina as coletividades.

\*

Há um terceiro grupo dos psiconeuróticos. Esses perdem todo o contacto com o ambiente, e sua obsessão é que se julgam perdidos. Um oficial inglês desse tipo, confessa: "I know I am a damned fool, and it's rot, but there it is; I can not help myself."

O Doutor Kantor coloca nesta classe certos metafísicos — os que não podem viver sem violenta angústia, por não poderem explicar se Deus existe ou não.

Enfim, há o grupo numeroso dos neurastênicos e histéricos, sempre incompatíveis com a humanidade e com o ambiente familiar, doméstico e social. Esse é o domínio de Freud, que explorou tão secretos abismos da personalidade.

Neste ciclo infernal e dantesco de infinitos matizes, devem gemer os poetas e os artistas...

Quem, por aí, atira a primeira pedra?

\*

Mas, como a personalidade humana é mais complexa e mais delicada que um cronômetro de longitudes, não devemos temer as suas desintegrações, que variam ao infinito. Há gênios paranóicos, como há santos histéricos.

O melhor expediente é o de considerar — "*Casa Verde*" — o mundo inteiro, e procedermos como se nenhuma medicina nos ouvisse.

Dissertem, classifiquem, quanto quiserem os doutôres.

Um dia conseguiremos, a nosso turno, internar o Doutor Kantor, êle só e único, por aquêlo alto senso que o torna suspeito à sua numerosa clientela.

Pelo menos, assim o fêz, voluntariamente, o Doutor Simão Bacamarte, o alienista magnânimo, convencido de que a verdadeira loucura consiste no juízo perfeito e no bom senso.

Sêneca não admitia o gênio sem uma porção de loucura (*sine mixtura dementiae*). Eis um dilema agradável que nos deixa a todos inteiramente tranqüilos.

Essa é a verdadeira piedade das doutrinas controversas.

Acaso não o sente Vossa Mercê?



## Da antigramática

Meu aproveitado discípulo,

A questão da gramática é, no Brasil, tão importante como a questão do café.

É inútil fingir que uma ou outra não tem importância, e só interessa a meia dúzia de curiosos.

Quem não está informado de algumas pequices gramaticais, fica inteiramente esmagado em suas ambições literárias.

Não podemos conceber a existência de um bom escritor ou mesmo de escritor aceitável se não se justifica pela urbanidade da linguagem.

O conceito, porém, dessa urbanidade é algo variável. Escrever bem não é escrever como o fazem os portugueses de hoje, pois confessam que às vezes escrevem mal, e até acrescentam que, de modo gentil, já se escreve melhor no Brasil que na antiga metrópole.

Muito menos é escrever bem o rabiscar gramaticalmente.

Seriam mais exatos se dissessem que nós estudamos mais intensamente e com maior assiduidade as questões de linguagem.

Os portugueses, todavia, ainda conservam a primazia nos estudos de erudição glotológica, da fonética e da morfologia histórica e, pela cópia de documentos que possuem, da língua anteclassica.

Nós outros, porém, cultivamos a língua clássica, versamos com maior frequência os quinhentistas e seis-

centistas, e nestes (que representam a flor da literatura), achamos o aroma da vernaculidade e da pureza do idioma.

Essa nossa tendência arcaizante acha na língua nacional um substrato poderoso: a língua que falamos é realmente mais antiga que a portuguesa, os brasileirismos que não vieram de povos estranhos, são vozes portuguêsas antigas que entraram para o nosso patrimônio, em outras eras, desde o século do descobrimento.

Eis aí uma série de proposições verdadeiras e irrefutáveis... a não ser nas mãos dos próprios gramáticos, raça de refutadores incondicionais.

O gramático, o verdadeiro gramático, caturra, "ranzinza", não admite verdades de outra bôca; é êle o Crisóstomo, de cujos lábios descem as ondas de ouro dos conceitos definitivos.

E se não é assim, está desacreditado aos seus próprios olhos.

Não é, pois, estranhável, que excitem a crítica e o epigrama, como sucedeu a um grande e excelente comentador dos textos clássicos de latinidade.

Orelli, com grave cabedal de ciência e erudição, parafusou o desparafusou as obras de Virgílio, Horácio e outras.

Mas, causava riso a sua vaidade. Tôda vez que se lhe antolhava um passo obscuro ou difícil, punha todo o cuidado em declarar que ninguém havia compreendido o sentido do texto, êle, porém, ia dizer a última palavra.

Ficaram famosas as fórmulas habituais com que naquelas emergências iniciava a anotação:

— "Omnes frustra, sed ego"...

Todos desacertaram; eu, porém...

Por isso é que o gramático (falamos do genuíno), é desagradável, por ser peremptório, dogmático, categórico e o único que realmente sabe o que diz e o que os outros dizem.

Essa situação e atitude, tradicionalmente privilegiada, faz mal aos nervos do homem de letras.

Este, quando não se sente seguro, começa por abominar os gramáticos, seus inimigos prováveis. E ainda sob essa sigla de gramáticos, reúne arbitrariamente todos os pesquisadores de vária erudição.

São, em sentido inverso, outros Orellis que substituem a audácia do comentador pelo menor esforço da resignação aterrorizada.

\*

Estava eu a ler uns interessantes artigos do Sr. Cândido Jucá Filho, saídos a lume numa das nossas folhas diárias, com o título um pouco arrevesado de "Sinclitismo".

Tratava o autor da grande questão nacional (que comparei à do café), a questão dos pronomes.

Chega, depois de muito divagar, a essa conclusão verdadeira:

— A colocação dos pronomes átonos é tôda fonética; está imediatamente ligada à prosódia.

— Não tendo nós outros brasileiros a prosódia lusitana, não podemos ter as razões nem os motivos que têm os portuguezes de observância da colocação dita gramatical ou correta.

Creio que transcrevo neste resumo, com inteira fidelidade, as opiniões do jovem autor.

As coisas estariam bem neste pé, como estavam entre portuguezes que nunca se lembraram de examinar a questão, para elles, até há vinte anos, desconhecida e inútil.

Entre nós, porém, essa divergência de mera topologia começou a chamar a atenção; e a êste propósito diz o autor:

“Infelizmente, o dedo do gramático, êsse ente parasitário que vive à margem do idioma, entrou no assunto a fazer regras, a estabelecer mandamentos, a imaginar teorias, onde apenas havia de observar e refletir.”

O Sr. Jucá Filho fala verdade e verdade preciosa. Os nossos gramáticos, que foram os primeiros a examinar e a estudar a questão, foram excessivos, instituíram algumas regras que não existem nos clássicos, que a tôda a hora as desmentem, e ao lado de algumas conclusões verdadeiras, admitiram certos exclusivismos da hora atual dos portugueses.

Êstes, habitualmente escrevem: — “deve dizer-se” — ao passo que os brasileiros escrevem ou falam: “deve se dizer” — e estão conformes nisso com os clássicos e até com os grandes escritores de qualquer época da língua comum que, todos êles, empregam uma ou outra sintaxe indiferentemente.

O nosso ponto de referência literária deve ser a linguagem clássica e não a linguagem contemporânea dos lisboetas.

Nada temos que ver com as alterações hodiernas de além-mar. E se assim não fôr, a escravização é completa: a nossa evolução se fará fora de nós mesmos e teremos de aceitar a língua como um gênero de importação contínua e variável.

Eis o que sempre me pareceu absurdo.

Leia o meu aproveitado discípulo o que já fadigosamente tenho escrito.

\*

A questão do pronome é tôda prosódica, e dêsse caráter prosódico é que deriva a construção sintática.

Temos horror cada vez mais progressivo contra os esdrúxulos (me diga — e não — diga-me), na composição da frase e até nos vocábulos (crisantemo — e não — crisântemo), e êsse era o teor da língua antiga, que reduziu a graves a maior parte das palavras dactílicas.

E se a posição pronominal é prosódica como diz o nosso autor e já o havia dito o nosso mestre Silva Ramos, neste caso devemos estar satisfeitos, porque em muitas coisas temos a prosódia camoniana, e já não a têm os portugueses de hoje.

Camões e nenhum poeta do seu tempo pronunciava “tãe”, “bãe”, em vez de “tem” e “bem”, como o fazemos e êles o fizeram.

Não sòmente isso. O próprio Gonçalves Viana, de imensa autoridade, na matéria, mostrou que muitos dos versos de Camões estão hoje errados, na prosódia portugueza, mas para nós continuam certíssimos, na prosódia brasileira.

O grande fonetista dá o exemplo de um verso de famoso sonêto:

E se vires que pode merecer-te

correto ainda hoje na prosódia brasileira, e insustentável na prosódia atual dos portugueses:

E se vir's que pode mer'cer-te.

Os exemplos podiam multiplicar-se à vontade.

Conseqüentemente, a nossa prosódia mais arcaica, da boa época, do quinhentismo, impõe igualmente a syntaxe mais própria sem os excessos abusivos que nos querem impingir os gramáticos que repetem:

— “Omnes frustra, sed ego”...

Temos visto continuamente notar-se de errada a construção:

— O livro se intitula — *Páginas Escolhidas*.

Salta o gramático e impõe gravemente o modo correto:

— O livro intitula-se...

Entretanto, as duas construções referidas são clássicas, abonadas, e genuínas. Há inúmeros exemplos de bom cunho, antigo e moderno, de uma e outra espécie.

\*

Destarte é que os pronomes fazem dormir os mais tranqüilos e trazem despertos, nervosos e vigilantes os mais tímidos.

Espero que tenha dormido a sono alto o meu discípulo; mas, desperte, que já acabei. Felizmente.

## Os Perós e os Maíres

(sem enderêço)

Os estudiosos da nossa história sabem que, desde o primeiro século, atribuíram aos índios duas expressões misteriosas e obscuras, com que êles designavam os europeus que tiveram assiduo contacto com a terra americana, nos primeiros tempos.

Os portugueses, para o gentio, eram "Perós" e os franceses eram "Maíres".

Eis aí. Não se sabe bem a razão dêesses nomes, um pouco obliterados e esquecidos, e agora sem a garbosa bizarria do outro tempo.

Vale, talvez, a pena recordá-los em breve excursão, menos tedioso que o trabalho de revolver os in-fólios poentos das crônicas.

Essa idéia inspira-me um assunto inatual e, por isso mesmo, adequado às predileções do meu espírito.

Nos jornais e gazetas, afeitos aos tumultos da atualidade, reserva-se um recanto de cisma para os contemplativos desinteressados.

Dizem que foi Nestor o primeiro que, desde os poemas homéricos, achou que era melhor o tempo passado.

Êsse pai espiritual dos — "*laudatores temporis acti*" — nem por isso desacreditou a Iliada. O passado não é melhor e é talvez pior que o presente, mas tem a suavidade das coisas longínquas.

A perspectiva aérea sabe aveludar os longes da paisagem e da história.

De perto, eu creio que os "Perós" e os "Maires" eram entreambos execráveis. Tinham os mesmos propósitos aladroados e civilizadores. Hoje são talvez poéticos.

Os "maires", pelo menos, não escaparam à musa de Santa Rita Durão:

Mas *mair ma apadu* de longe explicam,  
E *bem-vindo o estrangeiro* significam.

Espero dizer em prosa algumas palavras menos ásperas que êsses versos cambaios do *Caramuru*.

\*

Cândido Mendes, o antigo, espírito de profunda e minuciosa erudição, escreveu uma excelente monografia sobre o assunto, e ainda hoje, volvidos cinqüenta anos, não há quase nada a acrescentar à sua exploração de materiais bibliográficos.

Faltava a Cândido Mendes um sentido mais vertical que horizontal, um pouco de ordem nas suas extensíssimas argumentações; e essa falta era devida exatamente ao excesso de superfície e ao luxo de razões e de argumentos inúteis.

Todos os seus temas eram tratados, como dizia Horácio, *ab ovo usque ad mala*; e assim, como o entendia o poeta, parecia contar com o apetite do leitor, desde as entradas até o postre e sobremesa dos seus banquetes de erudição.

Espíritos delicados, sempre fastientos, não se conformam com êsse régimen de bifes sangrentos e carrascão encorpado.

Seja como fôr, a *Revista do Instituto Histórico*, que é a grande arca dos nossos tesouros da história,



guarda muitas das páginas memoráveis do grande pesquisador e erudito.

Um dos seus trabalhos mais interessantes foi a memória acêrca dos "Perós" e "Maíres".

Porque, entre os índios, os portugêses eram "Perós" e os franceses "Maíres", ninguém o sabe, depois de escoldrinhados e sacolejados por tão pesadas mãos.

É um problema para glotólogos e historiadores, e que tem suscitado hipóteses da mais sôlta fantasia.

Por não perder tempo, não convém enumerá-las tôdas, uma vez que não satisfazem o senso comum. Não há ciência de maiores liberdades que a das etimologias; sem embargo da carrancuda severidade dos lingüistas novos, a balbúrdia continua a mesma nas trocas e baldrocas das letras, ao ponto de justificar o gracioso dito de Voltaire acêrca das derivações: "les voyelles ne sont rien et les consonnes peu de chose".

Não há anacronismo na definição.

\*

Examinando os materiais exaustivamente reunidos em Cândido Mendes, chega-se, saltando por alpondras, de pedra em pedra, a saber que a denominação de "Perós", designativa dos portugêses, foi inteiramente ignorada dos primitivos cronistas.

Parece incrível que essa expressão, que devia ser geral, passasse despercebida dos próprios a quem devia impressionar o estranho apelido.

Cândido Mendes aponta como fonte mais antiga uma obscura *Relação* de Simão Estácio, aproveitada posteriormente pelo analista Berredo. Destarte, os portugêses só vieram a conhecê-la tardiamente, no século XVIII, depois da conquista do Maranhão.

Eis uma prova suficiente contra a suposta generalidade daquela designação, ignorada nas letras dos jesuítas e nas de Gândavo e Gabriel Soares e em todo o século de quinhentos.

E nem só ela falhava quanto à extensão, mas também quanto ao uso. Os colonizadores não a conheceram e, conseqüentemente, não a registraram, nem deixaram a menor alusão. Podiam lá esquecê-la?

Entretanto, conheciam-na os estrangeiros que por aqui andaram. Os franceses do Rio de Janeiro, desde o primeiro século, como se lê nas obras de Thevet e de Lery, dizem, concordemente, que os índios chamavam os portugueses de "Perós", "Perots", "Perotz", variantes que não discrepam quase.

A mesma coisa, um pouco mais tarde, asseveram os franceses do Maranhão, isto é, Claude de Abbeville e Yves d'Evreux, memorando o temor de um morubixaba indígena contra os malfazejos "Perós", e em outras circunstâncias.

Acresce a êstes um documento de importância: Hans Staden, que era alemão e por aqui peregrinou em maravilhosas aventuras, na primeira metade do século de quinhentos, também afirma, incidentemente, que os portugueses tinham o nome geral, entre o gentio, de "Perots" (den "Perot", so heissen sie die Portugalese... — Cap. XVIII).

Essa opinião sugere a hipótese, muito verossímil, de que o designativo de "Perote", com a pronúncia do "t" final, como escreve o cronista alemão e mesmo Thevet (Perotz), deve ser preferida à transcrição "Peró" ou "Perós".

O fato, de aparência insignificante e mesquinha, encerra porventura maior alcance, porque inutiliza uma das etimologias fantásticas mais conhecidas: a de que

“Peró” vem de “Pêro”, nome de batismo de vários portugueses, ou da conjunção “peró”, conforme alvitra, um pouco esdrúxulamente, o nosso Cândido Mendes.

\*

Deixemos a conjetura da conjunção “peró”, hoje obsoleta, por não oferecer resistência alguma à crítica.

As línguas, e às vezes os que as falavam, chegaram a ser conhecidos por certas partículas de uso, como “sim”, “yes” ou “ya”. Foi o caso da “langue d’oc”, “langue d’oil” e a “língua do si” do Alighieri.

Mas extravagante coisa havia de ser a língua ou o povo do “porém” ou do “peró” do tempo do João de Barros.

Mais razoável é a hipótese de que muitos portugueses do tempo traziam o nome, da pia, de Pêro. Entre os descobridores temos logo Pêro Álvares Cabral e Pêro Vaz de Caminha.

Também no tempo das capitanias há três donatários que são “Peros”: Pêro Lopes, no Norte, e, no Sul, Pêro Góis e Pêro Tourinho, cujos domínios abrangem o centro e os extremos da colônia; o Brasil seria, de qualquer modo, a terra dos “Peros”, mas esta vista geral escapava às noções concretas do índio, gente esparsa e entre si quase incomunicável.

A razão, se é possível lobrigá-la, havia de explicar-se por outras circunstâncias mais claras e intuitivas.

E a verdade é que até agora ninguém a pôde esclarecer.

Em certa ocasião, pensei, com fantasia igual à dos meus predecessores, que o termo “perot” ou “perote” devia ser, conforme o uso do índio, a própria palavra — português — vocalizada e despida de sua terminação.

Conforme a índole da língua tupi-guarani, que era a única em contacto com os conquistadores lusitanos ou quaisquer outros, as palavras estrangeiras eram pronunciadas dissolvendo-se os grupos consonantais. O índio não podia dizer "pôrto", mas "poroto", como não podia dizer "cruz", mas "curuçu" (Curuzu, nos domínios castelhanos). Na língua geral, cada sílaba tinha só uma consoante e uma vogal. Consoantes convizinhas não podiam coexistir.

Foi assim que, por seu turno, os portugueses deturpam várias palavras indígenas, dizendo "Sergipe", em vez de "Serigipe", e "Pernambuco", em vez de "Paranambuco" ou "Paranambuco", "Graguatá", em lugar de "Carautá".

Vocalizando as vozes estranhas e européias, o índio só podia pronunciar a denominação — português — dizendo — "perotuguêr".

É possível e talvez razoável admitir que a forma usual "perotuguêr" originasse a de "perote" dos cronistas franceses e do alemão, Hans Staden.

"Pütiguar" chamam os paraguaios ao estrangeiro.

A terminação "guêr" ou "guara", ou "uara", podia ser tomada como um sufixo, e era-o, de fato, como designativo de lugar e nação.

Todos os estrangeiros receberam denominações várias e compreensíveis: "caraíbas", isto é, entes superiores, feiticeiros; e "çobayguêra" ou "çobayguara", da nação da outra banda.

O "Paroara", de hoje, confirma o uso dêste sufixo locativo.

Não dou muito por essa hipótese, que assanharia os glotólogos, sempre de lança em riste contra as aventuras de um curioso diletante sem emprêgo das suas horas de ócio.

Convinha juntá-la ao acervo dos disparates conhecidos. Enfim, mais um só...

\*

Os "Perós" ou "Perotes" continuam, pois, a desafiar a argúcia dos amadores dessa inócua acrobacia das letras.

A questão merece a renascença de um novo Cândido Mendes, como êle de ponto em branco, aparelhado para agitar os Institutos.

Deixo, por falta de tempo, os "Maires", que são os franceses, reservando-os para qualquer sonolenta dissertação em pleno chá do Trianon acadêmico.

Até lá, com antecedência dos meus colegas, irei dormir sôbre a questão.

## A língua nacional

Meu amigo,

A questão de escrever com precisão e com razoável primor a língua que se fala, é uma dessas decências elementares, dessas virtudes de urbanidade que não podem ser indiferentes à arte literária.

Salvo os decadentes da literatura, os que fazem profissão do inaudito e do extravagante e do neogongorismo que substitui artificialmente a falta de originalidade, todos nós queremos antes de tudo ser entendidos. O *pão-pão, queijo-queijo*, é um salutar preceito que ainda não foi revogado pelo pernesticismo da inapetência contemporânea.

\*

É difícil, porém, determinar o limite da boa e casta linguagem entre as caturrices gramaticais e as novidades revolucionárias.

Em livro que anda por aí — *A Língua Nacional* — sustentei a doutrina fácil de que nós outros brasileiros tínhamos direito à independência da linguagem com que nos comunicamos na América.

Não era propriamente um direito a constituir, mas, era a apologia daquilo que já estava feito por movimento incoercível.

Parecia-me, e parece-me ainda inexplicável toleima a tentativa de imobilizar a língua portuguesa que herdamos dos nossos maiores.

— Não sofrerá a língua, que em tôda a parte tem história e evolução, as suas alterações normais e inevitáveis?

— Sofre-as, sim (responde um extremado purista), mas só em Portugal é que as sofre; cá, todo nosso dever e expediência consiste em tomar informação do que vai acontecendo por lá.

Foi contra essa férrea e estúpida coação que lancei o flébil desafio da língua nacional.

“A língua nacional”, escrevi, “é essencialmente a língua portugêsa, mas enriquecida, independente e livre em seus movimentos.”

Não era coisa nova, em verdade. Teòricamente, êsse direito de independência vinha reclamado pelos nossos grandes escritores desde Alencar: e na prática todos nós, consciente ou inconscientemente, estávamos, estamos e estaremos sempre a diferenciar e a integrar o nosso vocabulário e os nossos modismos idiomáticos.

\*

Convinha, entretanto, acastelar a defesa da língua nacional num exemplo de maior tomo e prestígio; e para isso recorremos aos americanos do Norte, que se rebelaram contra os excessos do *king's english*.

Lá havia naturalmente a mesma coisa e a mesma impertinência. A todo transe acoimavam de imperfeitos ou grosseiros os americanismos de uso geral.

Donde, lá como também aqui, os consultórios de vernaculidade, os antídotos e as mezinhas contra as enfermidades correntes.

\*

Tenho agora a acrescentar que os americanos de origem espanhola (que, entretanto, têm dado à Espanha filólogos como Cuervo e Andrés Bello), também reagem contra êsse fanatismo que sobreviveu às antigas metrópoles.

Os grandes escritores do México, da Argentina e do Peru... não compreendem essa inundação asfíxiante de vernaculidade europeia na América.

Os espanhóis não suportam a dicção americana e ainda menos os regionalismos do Nôvo Mundo. "A língua é nossa", dizem êles; "vocês não têm língua."

Vivemos assim com essa mutilação sagrada e com essa diminuição anatômica equivalente à paralisia do próprio pensamento.

Amado Nervo, o grande poeta mexicano, assim se expressa irônicamente contra a excessiva pretensão dos espanhóis:

"Nosotros somos, y esto se lee en todas las miradas de muchos filólogos de España, simples depositarios del idioma. No podemos hacer de él más que el uso moderado y natural de que los propietarios de viviendas hablan en sus contratos de arrendamiento. Nos han entregado ese idioma por inventario y habremos de devolverlo algún día con sus herramientas completas: sus verbos, sus nombres, sus preposiciones. No tenemos derecho a más..."

Eis aí a situação patética dos americanos. A língua inglesa e a castelhana não admitem deteriorações coloniais. Não é êsse desdém e fidalguia que combatemos, mas, a humilhação voluntária de alguns colonos póstumos, pelo terror que se toman de qualquer movimento de independência.

Entretanto, numerosos escritores portuguezes de maior reputação, Eça, Fialho, Júlio Dantas, escreviam e



escrevem bem, mas, com graves desrespeitos do vernaculismo só intangível na América, *ad usum Brasiliæ*.

Essa liberdade, ninguém a pode ter sob o nôvo céu americano. Somos clássicos ou não somos coisa alguma.

Não pode ser.

\*

Na Argentina, Juan Terán, sem favorecer a criação grotesca de um idioma local, expõe admiravelmente as fraquezas do espanhol clássico ou europeu.

“Conocemos” (diz êle) “el carácter actual de la lengua española; sonora, rotunda, propia para la epopeya y la oratoria, carece de claridad, energía y gracia. Atascada en sus moldes clásicos, resulta pesada para la sutileza moderna, inapta para el análisis y la fineza del detalle; porque ha perdido su espíritu la invención y la originalidad... porque no puede producir una lengua rica y flexible sino un pueblo que piensa como el francés, siente como el italiano, coloniza y conquista como el inglés.”

É quase o nosso parecer. O português hodierno não é nem a língua de sábios nem de filósofos e pensadores que não os há e é muito mal o órgão neste momento de literatura escassa, qualitativa e quantitativamente incapaz de impor de prestígio próprio um padrão ou modelo na mesma Europa e ainda menos na América.

A prova é que preferimos a leitura difícil dos clássicos antigos e ficamos inveterados arcaizantes que perdem enorme tempo a respigar em searas já ceifadas os restolhos de três e quatro séculos.

Com isso ganhamos a ilusão (que já transmitimos aos de além-mar) de escrevermos em linguagem mais pura e castiça que a dêles.

Esse sacrifício custa-nos pervertidas obliquidades e afetações insinceras em que desaparece a imediata espontaneidade do pensamento.

A — *Língua Nacional* — não era nem podia ser um incitamento aos solecismos, às geringonças plebéias e rústicas. Era, apenas, a consciência de que podemos, sem dissipação do patrimônio avito, gastar e valorizar a herança fecunda.

E isso tôda gente aqui o faz insensivelmente e fazem-no, talvez com maior freqüência e intensidade, aquêles mesmos que se dão por órgãos da tradição admirável do quinhentismo.

## A psicoanálise literária

Meu doutor,

São inumeráveis e quase infinitos os métodos da crítica.

De vez em quando surge uma doutrina nova. Os métodos reformam-se; fala-se do meio ambiente, do momento e da obscura psiquê do homem.

Afinal, que quer dizer na vida humana êste persistente anseio de arte e de literatura?

É o sentimento irrefragável da beleza, concordam todos. Essa religião da beleza é na verdade católica, isto é, universal.

Para ela pode haver algumas heresias, mas não há ateísmo.

Donde vem? de que origens profundas sobe à tona da alma humana?

Para os mais ingênuos e contentáveis é apenas mero prazer, talvez uma compensação dissolvente das asperezas e fadigas da existência.

É um ritmo de restauração que nos é ensinado pela lição cósmica da noite, largo momento de êxtase, de sonho, de cisma e de repouso.

A noite faz as histórias, a poesia e o amor.

O amor, porém, é o sentimento inicial e essencial. Tôda a espécie (e vinha já da animalidade) acostumou-se a esta mistura de sonho e de intimidade nas horas de silêncio. Sigmund Freud, criando uma ciência nova, a psicoanálise, achou que a vontade sexual é a razão de ser e a explicação da vida nervosa.

O subconsciente que jaz no fundo da alma humana e explica os sonhos, as fantasias e as próprias virtudes e não possui outro impulso senão o da sexualidade.

É possível que a beleza não passe de uma estilização de certas curvas provocantes e impudicas...

Abstráimos, geometrizamos, idealizamos figuras remotas...

Enfim, a ciência do amor ameaça abranger a vida.

Era esta uma ciência "imoral" no sentido corrente da civilização. Foi, pois, combatida, desacreditada, mas oferece ainda resistência quase invencível.

A psicanálise estava destinada a desenvolvimentos ulteriores e a tornar-se, por exemplo, também um método de crítica literária.

A literatura de imaginação, romance ou poesia, é talvez um sonho erótico e entra, pois, nas cogitações da ciência de Freud.

É de um caso particular nesta espécie que vou escrever agora.

\*

Sem dúvida, a psicanálise não é novidade entre nós. Não temos absoluta repugnância às idéias gerais, mormente quando as ampara o radicalismo dos conceitos.

Temos uma excelente conferência de Medeiros e Albuquerque, sobre a doutrina de Freud.

E, recentemente, um médico e escritor, Fernandes Figueira, nas duas coisas abalizado mestre, fez a psicologia freudiana do sonho em três dos nossos poetas, Raimundo, Bilac e Alberto. Os seus juízos são de tal arte discretos e contidos, e dão tão excessiva parte ao recato e à censura sobre o subconsciente, que, estou certo, poderiam ser atribuídos a qualquer dos nossos críticos mais liberais.

Temos, pois, alguma solidez nesse terreno que não é decerto uma cidade incógnita, mas também está longe de ser uma Meca das peregrinações habituais.

São raros os palmeirins que se aventuram a regiões longínquas. A nossa chamada civilização ocidental é apenas uma casquinha frágil de lua nova, que estende a sua curva luminosa desde a Inglaterra até a Itália. Dêsse frágil córtice estão excluídas a Alemanha, a Rússia e a Escandinávia, que ficam na penumbra e apenas brilham por alguns reflexos raros da moda ou do exotismo.

Assim parecerá talvez uma extravagância ou insólita novidade falar de um grande romancista e *conteur* como é Arthur Schnitzler, nome familiar e querido nas terras centrais da Europa.

Não me suponho fora da regra de ignorância comum, e confesso que não conheço dêsse grande espírito, senão algumas páginas esparsas.

Um dos seus contos deixou-me profunda impressão que ainda perdura. Era a história de uma dessas ligações amorosas, a qual devia ser efêmera, mas foi, por desgraça, eterna.

Um rapaz apaixonou-se por uma mocinha que o acaso lhe depara. Amam-se profundamente; mas êle, para quem o amor é um episódio, avaliou mal a intensidade da paixão que despertara. Um bom dia, por qualquer frívolo pretexto, resolve interromper êsse romance. A consequência foi a morte da rapariga, que não pôde suportar a separação.

O rapaz sentiu um choque tremendo, tanto mais doloroso quanto irremediável; mas o seu martírio foi ainda maior por uma circunstância insignificante. Tôda vez que ia ao trabalho, ao assentar-se à mesa, encontrava um buquê de violetas. Era ela que o mandava,

todos os dias, como de costume. E mesmo depois de ela morta, aparecia aquêlê ramilhete de saudades e tortura.

A explicação era fácil; ela havia encomendado a uma florista êsse pequeno serviço. A agonia do rapaz diante dêsse mimo póstumo da pessoa amada e que era como o seu espectro delicioso, transtornou-lhe o espírito. Quando ao cabo de alguns dias desapareceu a mensagem das violetas, sentiu-se vazio de tudo, exceto de um pensamento único: Agora é a minha vez...

Eis o conto de Schnitzler, e por aí se vê a sua tendência para o abismo da nevrose, do assombramento e do sonho.

Não sei se tôda a sua obra literária é dêsse feitio, mas é evidente que muitas das suas páginas se prestam ao exame da nova psicologia.

\*

Foi o que fêz, não sem algum escândalo, o crítico, também vienense como aquêlê romancista, o Sr. Teodoro Reik.

A psicoanálise é uma doutrina, para não dizer uma ciência, perigosa ou assaz temível para a ética contemporânea.

Efetivamente, explicar todos os afetos, os mais sublimes e puros, o amor materno, o heroísmo, o sacrifício, a dedicação, a religião, a fé e a lealdade, como impulsos eróticos e sexuais, é rebaixar o homem à mais odiosa animalidade.

Assim o fêz o criador da psicoanálise, êsse Siegmund Freud, tão conhecido nos meios científicos, ora aplaudido ora contestado, e assim o fazem os seus numerosos discípulos em cuja legião está o jovem e ousado crítico, Teodoro Reik.

Foi do estudo dos sonhos e de várias perturbações nervosas que Freud chegou à sua doutrina de que o mundo é fundamentalmente *Vontade Sexual* e *Representação*.

Essa atrevida hipótese e filosofia naturalmente havia de achar largo campo na literatura.

A poesia e o romance, de fato, são verdadeiros sonhos de acordados, ou sonhos eróticos. Cumpre estudá-los, como quer Teodoro Reik, como manifestações profundas e instintivas do subconsciente que escapam ao *contrôle* da educação e da personalidade fictícia e artificial do homem de sociedade.

Longe de serem mentirosos fantasistas, os homens de imaginação e de poesia, são seres primitivos que iludem os freios da repressão de seus "complexos".

Aplicando a doutrina desse pansexualismo inato à natureza humana, a ambivalência do amor e do ódio mal reprimidos, Teodoro Reik acha no *conteur* austríaco um dos casos mais interessantes no estudo da psicoanálise.

Deus queira que esse método de crítica não se generalize entre nós e não venha descobrir na literatura nacional os casos mais fulgurantes do erotismo disfarçado.

O autor de — *Frau Beata und ihr Sohn* — passou por essa tortura da nova análise psicoanalítica de um dos seus mais ferventes admiradores.

Não é inútil dizer que T. Reik não estuda propriamente o autor, mas as suas figuras românticas e de ficção, o que equivale a estudar a fantasia da fantasia, em segundo estado. Para o psicólogo o indivíduo em si tem pouco valor como máscara e apenas as suas criações revelam a verdadeira personalidade no que ela tem de inconsciente e por isso mesmo significativo.

O autor para o crítico é apenas o seu psicólogo.

\*

Há inegável excesso na doutrina e na sua extensiva aplicação.

Podemos aceitar a psicanálise como um princípio heurístico que nos aconselha a documentar os atos da vida sem chegar a conclusões precipitadas, imaturas ou apriorísticas.

Investigar é sempre coisa louvável, mas demonstrar é freqüentemente perigosa falácia nos temas tão variados do espírito.

Há sempre nesses casos tão enredada complexidade que é difícil senão impossível achar os fios principais da trama e urdidura da obra de arte.

Todos nós sabemos, conhecemos e sentimos o agrado das curvas. Instintivamente podemos reduzi-las a um sentimento imperativo de feminilidade inconsciente, sem o concurso da psicanálise.

Entretanto, dizer que as representações do espírito são sexuais e que não há, fora daí, outro impulso ingênito para a vida e para o pensamento é afundarmo-nos no mais vil e imundo de todos os pântanos do materialismo.

Aceitamos o pântano como contingência diabólica da criação.

Não falta aliás entre homens austeros e práticos, quem diga que tôda a literatura é pornográfica e que os helenos derramaram na civilização êsse veneno sifilítico e mortal.

São teorias e doutrinas que passam. Siegmund Freud é mais humano porque nos ensina pelo menos êsse fatalismo da espécie, que por não ter remédio está remediado.

O subconsciente obra dentro de nós de modo vegetativo; não o sentimos, não o percebemos na sua vida interior, intensa e indomável.



É afinal, uma filosofia da resignação.

Não vale muito menos que as outras, esta que nos dá pelo menos um censor automático que reprime e refreia os nossos instintos eróticos.

O abismo de imoralidade tem as suas válvulas de segurança e a literatura ou a arte será talvez a mais eficiente de todas elas.

Eis um destino imprevisto e um galardão novo para artistas, poetas e romancistas, elevados a órgãos da paz e da polícia da civilização.

Como diz Anatole: *ne faut-il pas trop se plaindre du diable.*

## Acêrca do último imperador

(sem enderêço)

Dom Pedro II, de quem se tem dito quase todo o mal e quase todo o bem que se pudera dizer de um homem, é, certamente, uma das figuras mais suaves e simpáticas da nossa história.

Sua imagem desenha-se, molemente, numa das raras perspectivas de repouso da vida nacional. As agitações políticas, as revoltas e os motins, de incompreensão do nosso momento de nação livre, haviam quase inteiramente desaparecido. Os movimentos e equívocos que atropelaram o Primeiro Reinado e a Regência iam-se extinguindo lentamente.

Abria-se um longo silêncio.

O reinado do Imperador é a pacificação.

Tudo volta ao trabalho; os campos florescem e frutificam; a política, que transbordava e alagava as terras, restringe-se, então, aos seus canais próprios.

Essa drenagem e irrigação foi o grande serviço de Caxias e do Imperador.

Começou, então, de nôvo, a alegria de viver, que havia desaparecido no tumulto desordenado de quase meio século de reivindicações insólitas, absurdas e inoportunas.

As liberdades sufocadas aceitavam a nova retórica dos parlamentos.

\*

O nosso — “Instituto Histórico” — cuja atividade é inesgotável, ajunta ao grande plano da sua enciclopédia do Brasil, há pouco iniciada, mais uma obra de vastas proporções, qual deve ser a — *Vida de D. Pedro II.*

Em si própria, a vida do último imperador não poderia oferecer interesse maior que a de qualquer de seus contemporâneos ilustres. Mas não é possível abstraí-la da nossa história; e, segundo uma convenção que é difícil extirpar, a história do rei é a história da nacionalidade.

Ainda criança, sua influência é absurdamente ilimitada. Sob a Regência, o fantasma infantil da imbeleza real foi o bastante para assegurar a monarquia e a paz. A república refugiou-se um momento na fronteira. Em pouco, será uma coisa “extramuros”.

A maioridade não foi uma precipitação; foi declarada a tempo e mais do que a tempo.

A *Vida de D. Pedro II* é, pois, a nossa história de mais de meio século, em que se poliram e aperfeiçoaram os nossos costumes políticos, sem nenhuma reforma política. A reforma social, única, que era o problema da escravidão, arrastou e afundou o trono. Pode dizer-se que foi a grande obra do seu reinado.

É possível contestá-la como obra sua. O que, porém, não deixa dúvida é que, de grado ou de força, se associou à libertação da raça negra. O trono que desabava não poderia ter, nem achar mais digna e deslumbrante apoteose.

A dinastia de Bragança deu-nos apenas dois príncipes: um fundou a independência e a constituição; outro fundou a paz.

Segundo a crítica que tudo nega aos príncipes, não fizeram eles nada, ou foram obrigados a fazer o bem que se lhes atribui. Como quer que seja, não há

nenhum método histórico que nos biografe a multidão e ponha, em lugar dos homens que a representam, os mil clamores e as múltiplas idéias do povo.

O método é errôneo, e todos os dias temos o testemunho de que é justamente o povo quem nada quer; nada pensa, nada manda ou delega, e, muito pelo contrário, é um ótimo campo para tôdas as fascinações e tôdas as flexibilidades, deixando-se governar por hábeis e inábeis demagogos.

A — *Vida de D. Pedro II* — segundo os vastos lineamentos propostos pelo nosso Instituto, irá constituir uma série de monografias e de contribuições históricas de grande alcance.

Entretanto, não será uma biografia, nem será uma história do Segundo Reinado, pois que necessariamente lhe faltará o espírito de unidade e de síntese, que não pode possuir a obra de várias mãos, composta por autores diferentes, indiferentes e associados.

Isso, acreditamos, não diminui o mérito da alevantada empresa. Têm sempre igual feitio as obras de mão comum dos institutos e das sociedades literárias. São vastos trabalhos de análise e de documentação, que, quando bem-feitos, podem fornecer a escritores estranhos e porvindouros o material de verdadeiras sínteses.

\*

O que naturalmente escapa à obra dos Institutos é a psicologia, o romance pessoal do indivíduo, as suas anedotas características.

Devia haver sempre, ao lado de Tito Lívio ou de Tácito, o suplemento de Suetônio.

Nada expressa melhor os indivíduos que as suas pequenas frases, os seus defeitos e predileções menos graves.

Pedro II deixou um material enorme de anedotas que o retratam com maior fidelidade que os grossos cartapácios da ação política e militar do seu reinado.

Dessas historietas avulsas, sérias e joco-sérias, há número que baste para dizer o que êle era em pessoa, fora dos seus paramentos principescos e imperiais.

Era, realmente, um homem simples, sem solenidade e, há quem o diga, sem distinção. Criado na América, sem o convívio de côrtes aristocráticas e exclusivas, parecia, de fato, um filósofo, inimigo de tôdas as toleimas e vaidades do mundo. Era, entretanto, um vaidoso doutra espécie.

Aborrecia os cerimoniais antiquados, o beija-mão, o papo de tucano e tôda a farandolagem das tradições majestáticas.

Os seus ditos são admiráveis de expressionismo: — Se eu não fôsse imperador, dizia êle, queria ser professor do Colégio Pedro II.

E, realmente, êle era um professor, curioso de aprender e de ensinar, freqüentador assíduo de escolas e de sociedades literárias, freguês infalível de conferências e leituras públicas.

Dizem que, nessas festas desenxabidas de ciência e de letras, êle cochilava e, por vêzes, dormia a sono sôlto (único sintoma do seu bom gôsto). Mas nunca faltava ao prazo.

Hoje, se fôra vivo, iria toscanejar na Academia.

Dom Pedro era poeta, e ruim poeta, como convém aos nossos homens de alguma fama.

Na ruindade literária está uma das formas mais decentes da admiração nacional. Os nossos congressos políticos reconhecem-na de utilidade pública, e distribuem prêmios aos espécimens de melhor quilate.

Cá, embaixo, fazemos a mesma coisa, sem discrepância, dêsse sentimento universal que põe chumbo por baixo da balança, na concha dos pesos.

É um costume lícito no comércio das batatas e da inteligência. Eu mesmo confesso que o tenho praticado por eutrapelia inocente.

O Imperador excelia por muitas virtudes, das quais não devemos separar a sua literatura de cordel e de "pliegos sueltos".

\*

As suas frases em prosa ficaram proverbiais e são, em verdade, melhores que os seus sonetos.

Ou, pelo menos, equivalem-se.

Não é acaso dêle e não declara excelentemente as volubilidades políticas do tempo essa frase dita a um ministro despachado para os Estados Unidos?

— Espero que sirva o Império, naquela república, com a mesma diligência e amor com que serviu a República, neste império.

Há nessas palavras matéria para um tratado de ética.

Sorria, pois, sem ofender. Não havia causticidade em suas sátiras de leve e sutil maledicência.

O Imperador era exímio vernaculista, versava com mão diurna e noturna os velhos clássicos (provavelmente mudando os volumes de uma para outra estante da sua enorme livraria), e não permitia deslizes de linguagem, nem galicismos (exceto os que êle empregava, por serem consagrados). Esta sua grande virtude imperial deu grande impulso à gramática.

Conta-se que, depois de assistir à preleção de um dos nossos professores de Medicina, admoestara ao orador que acabava de falar e de tossir:

— Tome o meu amigo umas *tabuinhas* de ipecacuanha. São boas para a tosse.

O professor havia cometido a irreverência de traduzir *tablette* por *tabuinha*.

O exemplo foi edificante, e ainda hoje a escola médica, em favor da urbanidade da língua, reformou a sintaxe e o vocabulário. Hoje, qualquer médico pode errar decentemente o diagnóstico, mas os pronomes, nunca.

Galeno deu o braço a Frei Luís de Sousa. Mata-se, graças a Deus, mas gramaticalmente.

Como era curioso de tudo, é certo que Dom Pedro entendia mais ou menos de tôdas as coisas. Tinha juízos prontos, sem improvisos de véspera, em tôdas as questões, e quase sempre acertava.

A ignorância enciclopédica é uma das vantagens do estadista.

Eis um dos admiráveis ditos, que envolve em alto grau a sua capacidade estética.

Chegando da Europa, ao ver pela primeira vez o edifício da nossa Imprensa Nacional, disse para o camarista que o acompanhava:

— Será feito de papelão?

Nada, a meu ver, exprime mais exatamente a falta de solidez, o feitiço infantil de — “Petit Architecte” — daquele monumento de papel Bristol.

Essas críticas e tiradas zombeteiras, mas inofensivas, definem o fundo de bondade, de argúcia e de benévola tolerância do Imperador.

Recusou sempre tôdas as festas que os cortesãos, errando o alvo, armavam à vaidade que êle não tinha. Nunca as permitiu, como não permitiu que lhe erguessem a estátua no Campo da Aclamação, aconselhando que applicassem às escolas aquêle dinheiro da vaidade e da lisonja.

A vaidade humana tem utilidades preciosas. A todos os maníacos de grandeza êle distribuía títulos de baronias e condados, por dinheiro útil e aplicado ao Hospício dos Alienados. A loucura larvada pagava as despesas da loucura descoberta. Um psiquiatra seria incapaz de inventar êsse impôsto sumptuário.

O Imperador figura num romance de Gobineau — *Les Pléiades*. Parece que aí está o seu retrato no Príncipe Jean-Theodore, uma das pessoas do livro. E não está mal.

Gobineau foi secretário da legação francesa no Rio de Janeiro, e íntimo amigo de Dom Pedro, então jovem; achou nas feições do Imperador o tipo que ideara naquele romance das — *Pléiades*.

Jean-Theodore é um príncipe que subordina os preconceitos aristocráticos à simplicidade da vida afetiva, mas sem vulgaridades plebéias. É, em todo o caso, um príncipe que nega inútilmente o sangue e a superioridade ingênita da estirpe.

Os reis de verdade não são e nem podem ser democratas. Os verdadeiros reis da democracia são os homens de dinheiro.

Se fôsse rei-democrata, Pedro II morreria pobre de rico.

Mas morreu pobre, honestamente pobre. Deus o tenha na sua glória.



## A morte que vai morrendo...

A um efebo.

A mocidade esplêndida que te desvanece está por muito pouco. A juventude agora corre todos os riscos de morte.

Não sei se sabes que foi lá no fundo da floresta quaternária que o primeiro, barbudo e feio Tragopógon, desprezado das mimosas ninfas, armado de clava formidanda, criou, estabeleceu e impôs a virtude doméstica.

Foi o primeiro dos fundadores dêsses duvidosos direitos que nos felicitam, graças à fôrça maciça e irresistível.

O Tragopógon de agora é a velhice.

Repara bem como se povoa o mundo de velhas decrepitudes que teimam em viver. E como não havia de ser assim nessa época de decadência da morte!

A morte periclita e desaparece. Cresce a legião enfêrma e senil dos valetudinários. Que queres?

Essa obra da ciência e do tempo marca já um *deficit*, considerável na balança da juventude.

É que a morte vai morrendo.

Cada ser que nasce traz em si a peçonha imunizadora das doenças que morreram, das pestes que passaram.

— “Ausgestorbene Krankheiten”!

Que lista enorme das doenças que não voltam mais!

\*

A primeira delas por mais antiga, como a descreve O. Sterzinger, foi a famosa peste de Atenas, que desa-

fiou a ciência imbele de Hipócrates. Littré disse que foi talvez a variola, mas não o era. Os que dela escaparam quase renasciam, esquecidos de tudo, sem reconhecerem os pais e os irmãos. E nunca mais voltou desde que matou a Péricles e envenenou o mundo.

A outra grande peste foi a do tempo do suave Antonino, a qual devastou o império desde Selêucia, no Eufrates, até o mar oceano. As legiões quase desapareceram e para elas entraram os gladiadores, os germanos e outros bárbaros dissolventes do espírito imperial. Galeno, o grande doutor do tempo, estudava e observava o flagelo, sem conseguir exterminá-lo. Um historiador moderno da patologia, o Professor Hecker, diz que foi uma epidemia de certa espécie de tifo. Fôsse o que fôsse, a peste antonina matou quanto quis e quanto pôde, mas no que deixou com vida incorporou-se ao gênero humano. Essa nova morte morreu.

Cada peçonha é uma *causa vitæ*. Com as duas pestes de Atenas e de Roma, podemos assinalar a nossa primeira vacinação greco-romana entre as vantagens clássicas da civilização.

É preciso juntá-la, essa mitridatização, aos outros legados que por legítima herança nos couberam do mundo antigo.

\*

A Idade Média não foi menos fértil.

Já éramos todos cristãos, ainda que meio bárbaros, quando o *ignis sacer* abrasou o Ocidente. O *ignis sacer* é o "fogo de Santo Antão", que irrompeu no século IX e tomou o apelido do atormentado eremita; e peregrinou da última Hespéria à última Tule. Morria-se de fedor e hediondez, de cãibras, de sonambulismo e de êxtase. Nunca foi tão feia e horripilante a morte. Numa só

noite (conta-se nas crônicas do tempo), desapareceu a cidade de Aquitânia como numa tempestade de carniça pútrida. Dizem que lhe foi origem o veneno do centeio cornudo.

O *ignis sacer* apagou-se.

Outro açoitete não menos violento foi o do “suor inglês”.

O — *sudor anglicus* — como lhe chamaram os doutores (sempre exímios em declarar o nome às coisas) rebentou na Inglaterra, no tempo da Guerra das Duas Rosas, no momento em que Henrique de Richmond batia em Bosworth os exércitos do Ricardo III. Foi uma visita fulminante e inesperada que em poucas semanas, com a cumplicidade da guerra, destroçou e arruinou a Europa.

Entrávamos assim na Renascença com êsse calefrio mortal. Em sociedade ninguém lhe dizia o nome, nem mesmo nesse latim secreto da nomenclatura dos médicos e algebristas profissionais, tal era a angústia e terror que comovia as gentes.

Os doentes do — “suor inglês” — ao cabo de 24 horas tinham debaixo de si um rio diluvial e nadavam na própria transpiração, transformada em rio Letes.

Foi-se e voltou seis vêzes, deixando uma espécie miliar quase benigna.

\*

Não é possível seguir aqui o elenco dessas visitas mais solenes da morte. De cada vez que se deram, a humanidade cresceu em fortaleza contra o inimigo.

As próprias moléstias mentais não escaparam ao ciclo dessas investidas regeneradoras.

A mais característica e impressionante foi a da “dança de São Guido” no século XIV. Todos dançavam, saltavam, sofriam de idiosincrasias locais bizarras

e arrogantes, aqui roncavam contra os padres, ali não podiam ver o vermelho nem os sapatos de bico. Imagine-se o tumulto e a coréia de qualquer cidade picada por quinhentos ou mil saltões dessa espécie de tarantulismo incoercível.

A dança de S. Guido, com largas intermitências de repouso, durou quatro séculos. Na Itália, o povo supersticioso atribuía o mal à flébil tarântula por uma contaminação de lendas tradicionais do calamitoso *stello* dos antigos romanos.

A ignorância ou a ciência equivaliam-se em igual inabilidade. As aranhas ficaram, mas a dança de São Guido diminuiu e extinguiu-se numa forma banal de histerismo.

Morreu a morte ainda uma vez nessa aparição cometária.

\*

O testemunho já nos oferece ampías seguranças que chegam para animar os mais tímidos e para alentar os mais covardes.

O sentimento da vida supera o terror da morte.

Hoje em tôdas essas visitas, a Morte é acolhida com demasiada cerimônia. Faz a quarentena à porta antes de entrar no seio da gente vivedoura, deixa no alpendre a foice, sofre expurgos, desinfecções, manietada e sitiada pelos cordões sanitários.

É certo, pois, que a morte vai morrendo.

A foice fatídica, embotada e cega, não corta à rasoura como no outro tempo. Diminui visivelmente a sua — *Speisekarte* — como me diz Othmar Sterzinger.

E que pensas tu, jovem imprudente, dessa decadência da morte?

Quanto a mim, digo que a balança da juventude perdeu o antigo equilíbrio. Cada vez é maior o senado humano.

As cãs embranquecem o mundo.

Convém sofrer de ânimo alegre a melancolia e a impertinência da gente velha branca e polar que se vai aproximando da imortalidade.

A última pandemia, a da espanhola, que foi terrível, poupou apenas os velhos, o que a fez terribilíssima. Não é acaso um sintoma dos tempos?

Por isso é que o mundo aí anda cheio de saudades...

Não descobrirás tu na tua escassa legião um nôvo Tragopógon, hirsuto e armado de formidanda cacheira para desbatar a rabugência incômoda de tanta velhice caduca?

Vê se o descobres. *Carpe diem*. E poupa ao teu velho amigo.

## Do gênio de Cristóvão Colombo

Meu caro mestre Heródoto.

É Heródoto que sois? Heródoto ou Heráclito? não alcancei desemaranhar a vossa assinatura. A dúvida não importa. Se Heráclito chorava sôbre as ruínas do mundo, Heródoto as restituía à luz, tirando-as do pó, o que é quase o mesmo que as tirar do nada.

Contudo, pareceis-me Heródoto, porque tendes a simplicidade de contar o que vistes, sabendo ver. A vossa carta é um exemplar de singeleza e de boa fé.

Não posso, porém, crer no que dizeis com tão imperfeita informação, a saber, que os portugueses sempre reconheceram a originalidade de Colombo e que é já tarde para vir a desoras negar a predestinação daquele gênio.

Os trabalhos de Vignaud (acrescentais), que ainda há pouco resumíeis, bem podiam ficar no silêncio sem prejuízo das verdades conquistadas pela história.

\*

Perdão! Não há verdades eternas de que se possa gabar a história. Podemos dizer insensatamente como aquêlê gracioso Sir Boyle Roches, do Parlamento irlandês: "Nada temos a ver com o futuro; que serviço nos prestou a posteridade?"

Eis aí.

As contestações com que se vê agora tão enredada a vida de Colombo não são um enleio do nossc tempo. Datam de séculos.

Podemos discretear um bocadinho. E sempre, entre mim, disse o que vou dizer-vos agora com o apressado improvisado de papéis velhos e cansados.

\*

A opinião portugêsa ou outra qualquer, quanto se pode deprender dos antigos historiadores clássicos, não é e nunca foi favorável ao gênio profético de Cristóvão Colombo.

Não era êste mais que um discípulo dos grandes navegadores ocidentais a quem coube a estranha fortuna de achar a terra incógnita do Nôvo Mundo.

Tanto portugêses como espanhóis, uns e outros separados, andaram nisso concordes em que Colombo recebeu de certo pilôto ignorado a revelação das terras misteriosas do Ocidente.

*A priori*, o Nôvo Mundo era já uma imagem familiar.

Eram inúmeras as profecias e as lendas que vinham da Antiguidade e do Medievo. São conhecidos os versos de Sêneca, sempre lembrados:

Venient annis  
Secula seris, quibus Oceanus  
Vincula rerum laxet...

Para o futuro, pois, em séculos tardios, é que imaginava Sêneca a decifração do enigma quando o oceano abrisse os seus laços, e então é que appareceria o nôvo mundo

...NOVOS  
Delegat orbis.

Mas não falava só o poeta latino. S. Clemente de Alexandria também balbuciava acêrca dêsses mundos que jaziam além do oceano: "Oceanus et mundi qui trans ipsum sunt".

Estão essas palavras breves nos comentários de S. Jerônimo à epístola aos efésios.

A crença profana e poética, embora com o caráter conjectural, tão próprio das lendas, era também uma das que acompanhavam as peregrinações de Ulisses, o aventureiro genial que fundara Lisboa e que na opinião de Plínio e Solino se alongara além do Atlântico.

No livro XI da *Odisséia* aparece o espectro de Tírésias a provocar o grande vagabundo com a miragem de terras além do rio oceano; e não fôsem talvez as seduções das Tágides, teria Ulisses ainda uma vez aumentado a ausência de Penélope.

No "Inferno", de Dante, ressurgue a lenda das terras a cinco luas do poente:

Cinque volte raccesso...

Lo lume era di sotto la luna,

Poi ch'entrati eravam'nell'alto passo, —

Quando n'apparve una montagna

Per la distanza...

Quem sabe se não era o monte Pascoal da Vera Cruz?

Não há grau de ignorância nas coisas ocultas. Voltemos às coisas de menor mistério.

\*

Essa congérie de profecias antigas ainda que medrosas, tímidas ou obscuras, podia animar a qualquer dos ousados capitães daquela "cavalaria do oceano" como lha chamaram.

A Antiguidade e a Idade Média transbordavam de vaticínios delirantes e populares que alimentavam a imaginação.



Que muito era que um místico cedesse àquela persistente alucinação?

E Colombo foi, de fato, um espírito eivado de fanatismos supersticiosos que o desacreditavam por tôda a parte onde ia à busca de sociedade e de proteção dos poderosos.

A sua mística era mais profunda que a sua geografia.

\*

Tudo isso, todavia, não chega ao meu intento principal que é o de assegurar-vos que na península não lograra desmedido assombro a aventura do genovês.

Um clássico da nossa língua, Gaspar Estação, o irmão do poeta dos *Sonetos e Canções*, dedicou-se à arqueologia lusitana e escreveu êsse curioso livro das — *Várias Antiguidades*, impressas por Craesbeck em Lisboa, 1625.

Nesse livro curioso e opulento de informações várias sôbre a terra portugêsa, vemos discutida em dois capítulos a questão da originalidade de Cristóvão Colombo.

Muito apropositadamente cito à vossa presença êsse homem grave e amigo da arqueologia e das gentes remotas.

Ê dêle um singular argumento que o tornará simpático aos vossos olhos: discutindo a opinião temerosa de alguns homens novos e intemperantes, exclamou o clássico como está no seu livro:

— Não pode ser. Não é digna de respeito a opinião atrevida de crianças que ainda cheiram a leite e que pretendem desmentir as barbas dos velhos avisados e cobertos de cãs.

Êsse respeito pelo parecer dos antigos é um título de admiração para as nossas tendências inconoclasticas.

Pois bem. Gaspar Estação não acreditava na façanha de Cristóvão Colombo.

Confessemos que a erudição do antiquário português não era certamente das melhores nem das mais severas e seguras para qualquer solução imparcial.

Contudo, o parecer ingênuo de Gaspar Estaço é inestimável, pois que principalmente declara e expressa as dúvidas do seu tempo entre os pesquisadores mais hábeis da história das navegações.

Gaspar Estaço sentia a fraqueza da opinião mais comum é divulgada, e convinha, como outros muitos, que Cristóvão Colombo se servira de uns papéis deixados por um piloto que, vindo de terras nunca vistas, aportara à ilha da Madeira e se hospedara na casa dêle, onde falecera.

Parece que o ignorado piloto, em paga da hospedagem, dera aquêles papéis preciosos ao genovês. Assim está escrito na — *História Natural e Moral das Índias* — de Joseph da Costa e em outra obra de Illescas.

Um terceiro cronista espanhol, López de Gomara, conta desenvolvidamente a mesma história e aventura do piloto, cujo nome se ignora e que seria talvez andaluz na opinião de uns, biscainho na de outros, e, enfim, português.

São palavras textuais como as repete G. Estaço: "Concordam todos em que faleceu aquêle piloto em casa de Cristóvão Colón, em cujo poder ficaram as escrituras da caravela e relação de tôda aquela longa viagem com a marca e altura das terras novamente vistas e achadas."

Assim, apossado da traça e informação do seu hóspede, pôde Colombo realizar o descobrimento da América.

\*

Não quero demorar além do limite discreto de uma carta mandadeira a conjectura em que se debatem os mais árduos pesquisadores da história do Nôvo Mundo.

Uma coisa, porém, é patente a tôdas as luzes que se examine, e vem a ser que na presunção dos antigos portugueses, e não no parecer de hoje, a glória de Colombo andava um pouco amesquinhada com essas conjecturas.

Até que ponto elas eram verdadeiras, não podemos dizê-lo; contentamo-nos em achar que eram expressivas.

E neste sentido é que vos contesto e declaro ser destituída de valor a atribuição, que ligeiramente fazeis aos velhos navegantes portugueses, de assentir e reconhecer a singular maravilha da expedição colombina.

Tal não se deu.

Também não sabemos (e de mim, ignoro) até que ponto ciúme e patriotismo (ídolos baconianos que tanto turvam a limpidez da lógica e da verdade) até que ponto influíram nesse argumento.

Já vêdes que a razão difficilmente estará convosco, quando tantas vaidades enfatuam e esterilizam a fonte e o manancial da história.

A musa da história realiza sempre o trabalho de Sísifo com o seu eterno rochedo. Nenhum de nós possui o acertado remédio para essa enfermidade elegante das dúvidas e das perplexidades.

A verdade matá-la-ia. Confiemos essa lúgubre finalidade ao trabalho paciente e longo das traças nos solitários arquivos.

De mim, digo que não terei mais tempo de assistir às alternativas das verdades novas.

Vivo apenas dêste momento que passa e que encerra também o seu infinito, se quisermos descer às suas íntimas profundidades.

Acreditai-me vosso amigo.

## Acêrca do dicionário da Academia

Meu adorado mestre,

Conheço a sua admirável opinião acêrca dos livros de mil páginas.

Há poucos dias, pela palavra autorizada de Júlio Dantas, foi a Academia Brasileira convidada para colaborar no grande dicionário, inédito ainda, da Academia das Ciências.

Outros escritores de ficção como Antero, Lopes Vieira e A. de Campos aqui teriam acolhida igual, sem dicionário a recomendá-los.

Êste dicionário deve ser o fiel repositório e o tesouro da língua comum agora repartida por dois povos na Europa e na América.

Desde logo se divulgou que era grande honra essa de ser contemplado o povo brasileiro em obra de tão vasto alcance.

Como sucede, entre os absenteístas sempre dispostos e prontos a acolher qualquer gesto de consideração ultramarina, desde logo ficou assentado exageradamente que aquêle convite era uma grande honra para todos nós.

Não era, nem podia ser.

Era, em verdade, uma gentileza, nada mais, e talvez era o arguto reconhecimento de que é preciso contar conosco no destino de eternidade da língua de Camões.

Somos já muito numerosos: e, talvez mais do que isso, vivemos na América, para onde se vai desviando silenciosamente o eixo da civilização européia.

Há grande número de europeus que não acreditam nessa translação; como há entre nós outro grupo que com estulta doutrina tenta escorar e destruir o formidável e irresistível contacto do mundo antigo.

A honra, portanto, resume-se nessa inclinação moral do eixo terrestre. Mas, é agradável verificá-lo.

As zumbaias excessivas são sempre inconvenientes e abrem, por vêzes, margem a submissões insólitas e desconcertadas.

Não devemos exagerar o nosso quinhão, nem minuí-lo à custa de falsas modéstias.

De qualquer modo, com academias, condecorações, ou sem elas, tudo se há de fazer, de grado ou de força, na hora oportuna, pela natureza mesma daquele movimento incoercível.

É difícil dizer agora se o momento é o mais próprio e fecundo e se a gentileza da Academia das Ciências achou aqui a repercussão harmoniosa de seus intentos.

Creio (falando entre mim) que não chegou ainda a hora propícia; e, porventura, ela já passou.

Podemos, entretanto, contribuir para o entendimento do problema, pelo menos, num diálogo amável.

\*

Não é esta a hora exata, no meu entender, por razão que não é de todós admitida nem acreditada. Mas admito-a e nela creio.

Nós não temos uma academia da língua e, talvez, não a devamos ter.

Não sabemos precisamente se é cedo ou tarde para essa vaidade arqueológica e anacrônica ou prematura.

Falta-nos o meio-dia exato para verificarmos essas relações do tempo. Perdemos, pois, o sentido do momento exato.

Os nossos intelectuais, não digo que escrevam mal, mas escrevem indiferentemente, com certa independência divina ou diabólica, que não se compadece com os padrões lusitanos.

Alguns de nós falam ou escrevem em dialeto, segundo uma linha trêmula e incerta, que deixa entrever nos seus gregotins e no infinito do tempo a expressão nova da nova nacionalidade.

Quando assentar e sedimentar a babel fervente e confusa de tantas raças, a nossa aljamia será compreensível, fácil e acadêmica.

Estou, por dever de ofício, e até como "aficionado", no costume de observar o *baragouin*, entre elegante e bárbaro, das nossas diferenciações estilísticas.

A gramática entre nós é uma paixão que só se explica e justifica pela decadência da língua. É um bizantinismo indígena que espera apenas o Grão-Turco para fazer o silêncio reparador e final.

Estamos a estortegar o velho idioma, fingindo com os dedos uma carícia na face do vovô querido.

É, afinal, um bom sentimento êsse o do respeito pelas barbas avitas e brancas.

A verdade é que, passada essa hora de veneração doméstica, cá fora damos à perna furiosamente, irrequietos, turbulentos e impossíveis.

Endereçar, pois, a tanta gente promíscua, infantil e incerta, a grandiosa tarefa de um enorme dicionário é, por enquanto, uma resolução arriscada.

Os nossos brasileirismos não são vocábulos portugueses, está claro; mas são elementos de outro dicionário nôvo que se está a fazer do Amazonas ao Prata. Perturbá-lo no seu ineditismo é algo parecido a arrancar despidosamente um embrião às suas entranhas maternas.

Que faria o Vovô, transformado em *faiseur d'anges* daquele feto inesperado?

Não!

A Academia das Ciências fará o seu grande dicionário, que será, naturalmente, o oráculo das nossas dúvidas acêrca do que "se não deve dizer".

Consultá-lo-emos nas horas de entre lobo e cão, após as fadigas quotidianas; porque é sempre excelente coisa conhecer a urbanidade vernácula das línguas.

A nossa organização americana é um verdadeiro calepino *septem linguarum*, múltiplice, achamboado e disforme.

Como reduzir essa Medusa terrível?

Deixemos o tempo ao tempo.

Talvez lá para os séculos XXI ou XXII tenhamos, como Horácio, a *norma loquendi* e a paz imperial da língua.

É possível que em era futura o grande dicionário da Academia das Ciências esteja no oratório de cada lar, cercado da adoração perpétua dos vindouros.

Os nossos netos mais remotos, por evitar as silabadas e coibir os estragos da fonética, hão de limpá-lo das traças e do caruncho audaz, abri-lo-ão reverentes e piedosos.

E pode ser que algum velho acadêmico, como Lord Chesterfield, peça o canhamoço enorme:

— Meu filho, traze-me o grande dicionário da Academia.

— Papai vai consultá-lo?

— Não, meu filho. É para me sentar em cima.

\*

Grande destino o dos grandes livros!

## Coisas que passaram...

(Sem endereço)

### I

Que é a verdade?

Cada um de nós fabrica a espécie de verossimilhança que nos parece mais aproximada da verdade sempre fugitiva.

A grande razão dos nossos erros é a dificuldade de estabelecer a "equação pessoal".

A verdade é aquilo que nós queremos, é a expressão muita vez insidiosa das nossas próprias paixões pequeninas ou grandes.

Na história literária onde tantas intrigas sub-reptícias ou inconscientes nos atormentam na feira das vaidades é muito difícil acertar com o verdadeiro caminho.

\*

Tenho lido, aqui e ali (quando acaso me chegam às mãos), algumas curiosas reminiscências da vida literária escritas por Antônio Sales.

Nem sempre exato, é sempre interessante o evocador desses tempos já ameaçados de olvido: a fidelidade não é a virtude essencial das anedotas literárias.

Por mais de uma vez tem aludido o escritor nortista a certa irreverente má vontade da minha parte contra Machado de Assis de quem eu escrevi um dia que era um egoísta.



“Não há maior injustiça” (escreve A. Sales) “do que afirmar, como afirmou entre outros João Ribeiro, que Machado de Assis era um egoísta incapaz de ser amigo de ninguém. Se êle não foi particularmente carinhoso com um ou outro confrade é porque sentia nêle qualquer coisa de antagônico com a requintada delicadeza do seu temperamento...”

A frase e a reticência não me parecem amáveis.

Mas também eu não sou amável e ficaria uma coisa pela outra, se não fôsse um caso de flagrante inexatidão.

Que me perdôe Antônio Sales, meu amigo velho.

Ser amável e ser egoísta, são coisas ao meu parecer distintas.

Machado de Assis era amável com tôda a gente. Antônio Sales, como todos nós, experimentou aquela doçura de trato e aquela polidez que era peculiar ao grande escritor.

Eu não quero aqui praticar um ridículo ciúme de amizades. Mas, confesso que nunca senti pessoalmente qualquer diminuição de carinho na convivência que desde antes de Antônio Sales, desde os dias da — *Semana* — nos reunia a todos.

Podia dar provas: mas acho pouco interessante e algo ridícula, essa demonstração.

Afável, delicado, carinhoso talvez bem o era; o que, todavia, caracterizava Machado de Assis era a sua profunda insensibilidade, aliás sintomática e própria da terrível nevrose de que sofria.

Os epiléticos são indiferentes e é julgá-los mal avaliá-los pela afabilidade e exterioridades superficiais da convivência momentânea da sociedade.

É a mesma camuflagem dos histéricos.

Só conheci dois amigos íntimos de Machado: José Veríssimo e depois Mário de Alencar. Todos os outros,

nós todos, gozamos da afabilidade agradável do mestre em tom mais ou menos indistintamente uniforme.

Parece-me, todavia, que José Veríssimo e Mário de Alencar davam muito mais do que recebiam.

Posso estar em êrro como me tem sucedido várias vêzes, infelizmente; a verdade ou antes a sinceridade com que classifiquei o temperamento de profunda insensibilidade de Machado de Assis, originou-se de espetáculo que me dava a sua falta de atitude em tôdas as questões que agitavam a alma brasileira.

O seu tempo foi um tempo de vida intensa e memorável. Machado por aí passou incólume, absenteísta, sem a menor contração de nervos.

Houve a campanha tempestuosa do abolicionismo. Machado não tugi nem mugiu. Nem foi abolicionista nem foi escravocrata; foi sempre um ausente nesse tumulto, e habitava "Sirius" como queria Renan.

Fêz-se a República. E Machado nem era monarquista nem republicano. Todos nós nos dividíamos; êle apenas lia os jornais, ouyia as conversas e sorria...

Raul Pompéia que como nós era admirador do mestre, costumava dizer que Machado de Assis talvez era monarquista porque lhe iam dar o título de conselheiro que perdeu com a revolução. Mas ninguém o viu monarquista protestatário como Taunay ou Nabuco, nem republicano como Lúcio de Mendonça ou Araripe.

E isto, para só falar dos maiores, porque cada um de nós já havia tomado o partido.

No fim das contas, Machado era um eterno desinteressado das coisas.

Veio outra fase de intensas paixões, e foi o florianismo veemente, sanguinolento; estávamos todos divididos, Rui, Lúcio, Araripe, Nabuco. Machado pairava acima dessa questiúncula.

E essa questiúncula era apenas a maior das nossas guerras civis.

Podia ser superioridade; eu acredito, porém, que era a apatia, a insensibilidade do egoísta a razão dessa incômoda indiferença.

Quando Antônio Sales conheceu Machado, essas agitações tôdas tinham já cessado e por isso é que êle desconhece aquêles aspectos que de mais antiga convivência eu conhecia.

A — *Revista Brasileira* — no tempo de Antônio Sales, era já um lugar-comum de tolerâncias recíprocas. Havia ali de tudo em apaziguamento final.

\*

É possível dizer-se que a insensibilidade de Machado de Assis estava largamente compensada pelo amor da família e pela dedicação de dois ou três amigos.

É, entretanto, inteiramente inexato, a não ser na alma do crítico, que houvesse entre Machado e a minha pobre individualidade qualquer antagonismo, que, se existisse, pela distância enorme dos méritos, seria uma eventualidade insignificante.

Acresce que nessas reminiscências de Antônio Sales há outras flagrantes traições da memória.

Cito apenas uma delas porque me diz respeito.

\*

Afirma Antônio Sales que a propósito de uma eleição na Academia, José Veríssimo deixou de lá ir “indispondo-se com João Ribeiro”.

Dada a lealdade que reconheço no escritor, não posso admitir êsse êrro senão como um lamentável lapso de memória.

Naquela famosa eleição, eu estava do lado de José Veríssimo e com êle votei no candidato que naufragou. Quem apurou a eleição foi Rui Barbosa, nosso presidente. E o que estomagou a José Veríssimo não foi a escolha do eleito, mas foi a revogação intempestiva, por telegrama, dos votos já escritos em cartas e vindos do estrangeiro. Um dêstes era o de um dos seus mais queridos amigos.

Como, pois, atirar-me a essa galera!

As minhas relações com José Veríssimo interromperam-se em outra oportunidade, muito diferente, anterior e distante dessa, da eleição acadêmica.

Tenho ainda a carta em que José Veríssimo se despede das minhas relações e foi escrita quando apareceu a pequena — *História da Literatura* — que de mão comum escrevemos Sívio Romero e eu.

Não me cabia suprimir o meu colaborador que sabidamente não gostava de José Veríssimo. Algumas frases intercaladas no livro (José Veríssimo sabia bem que eu não as havia escrito) me foram atribuídas na co-responsabilidade da publicação.

Aceitei a situação sem vexame e não respondi à carta.

Contudo, mais tarde consegui do meu colaborador, em edição nova do livro, a supressão de conceitos que não cabiam num livro puramente didático.

A versão que A. Sales adotou não passa de inverossímil balela.

\*

Eu não sei se Antônio Sales tem algum *parti pris* contra a minha magra literatura. Mas, a verdade é que uma vez ou outra sinto a sua falta de simpatia pelo que escrevo.

Não me lamento dêste caso que é muito mais numeroso, e, dentre os que me não toleram, dou especial aprêço aos que me fazem sentir com franqueza os meus defeitos.

Os que exercem a tarefa ingrata da crítica aceitam ou sofrem de ânimo alegre tôda a sorte de prevenções e desagradados. Ao cabo de algum tempo o crítico cria um ambiente de hostilidade.

Entretanto, fui dos primeiros que sem favor algum exaltaram o poeta que me confunde agora.

É de meu interêsse porém protestar contra essa invenção de antagonismos, diminuição de carinhos e quejandas anedotas inverossímeis, arranjadas *post mortem* pela equívoca glossolalia dos últimos apóstolos.

É muito provável que Antônio Sales não esteja nem tenha estado no segrêdo de histórias íntimas da camaradagem literária que apelidou de — roda ilustre.

Como quer que seja, não estou disposto a reconhecer essa imposição de “desafetos” póstumos que nunca eu tive.

A verdade, melhor fôra que não existisse, se ela estivesse às ordens dos nossos apetites.

## II

Não quero fazer aqui a história de erros esparsos, de inverossimilhanças corredeiras que ganham asas na leviandade dos que as apanham de improviso no ritmo do *diz-que-diz-que* da bôca popular.

Seria grave injustiça atribuí-las ao poeta.

\*

Se há erros que podemos corrigir e outros com cuja correção não atinamos, há, o que é pior, erros graves de consciência que perduram além do arrependimento de os haver praticado.

Este é o caso que contra mim, decerto involuntariamente, formula o meu amigo Antônio Sales nas reminiscências que com tanta poesia e verdade tem recordado em páginas avulsas da imprensa.

O ilustre e suave escritor como para explicar certa desinteligência (que nunca existiu, devo dizer) entre mim e Machado de Assis, conta o seguinte caso:

“Em certo lugar, chegando a hora habitual das sessões acadêmicas, Machado de Assis, depois de algumas amabilidades aos que estavam presentes, dirigindo-se a João Ribeiro, disse: ‘Vamos, discípulo amado.’

“Esse qualificativo dava-o Machado por causa do nome de João, discípulo amado de Jesus. Mas João Ribeiro não entendeu a coisa assim, e, num tom irritado, retorquiu:

— Eu não sou discípulo de ninguém.”

Esta anedota parece-me hoje inverossímil. Mas, deve ser verdadeira por uma única razão e é que prezo em Antônio Sales um homem amigo da verdade e incapaz de mentir ou de inventar uma anedota de tal quilate.

Tenho dito muitas tolices e cometido necedades que envergonhariam ao mais tonto de todos os homens. Mas, nunca pratiquei ato de tão grande estupidez como aquêle. Só posso explicá-lo por uma obnubilação mental.

Sei como já está desacreditada perante todos os juizes a privação de sentidos. Agarro-me, todavia, a essa atenuante das advocacias de xadrez.

Não me lembra haver dito semelhantes palavras orgulhosas, tôlas e inoportunas.

Sempre me tive na conta de discípulo, pois que o meu fraco engenho não deu mais que para aprender algumas coisas, pôsto as tenha aprendido mal ou sem propósito.

A parte de inventiva e imaginação (que podia dar-me o orgulho de independência) é mesquinha e quase apartada e ausente de tudo quanto pude fazer.

Sempre fui discípulo e discípulo de numerosos mestres pela vocação natural de meu espírito.

Como poderia negá-lo?

Contudo, admitidos os fatos que não posso sem inconveniência desmentir, consola-me o dito de Quincey de que é preciso ter algum talento para dizer uma asneira grande.

E aquela é sesquipedal e honra-me um pouco.

Outra circunstância e analogia ainda me consolam do despautério.

Prefaciando um livro de mocidade, recusou-se Bernardo Shaw a fazer emendas, porque, dizia êle, na opinião de todos os fisiologistas e sábios da natureza, ao cabo de dez anos não se encontra uma só partícula, uma célula sequer das que existiram no indivíduo, sendo tudo inteiramente renovado. Eu sou outro agora.

Estou, pois, no meu direito de recusar hoje uma correção tardia e inútil. E se é verdade que todos nós nos renovamos de dez em dez anos, eu já estou literariamente na terceira geração de mim mesmo.

Não queira, pois, o meu bom amigo Antônio Sales, como na fábula do "Lôbo e o Cordeiro", responsabilizar-me por uma anedota de meu bisavô.

*Vale.*

## Acêrca da seleção humana

Meu amigo,

A sua vocação de apóstolo deve deixar em paz o indivíduo e trabalhar pela espécie.

Em nossos dias uma ciência nova floresce entre anglo-saxônios da Europa e da América, e que se intitula a *Eugenia* ou o estudo da boa procriação e da nobreza dos seres humanos.

Pretende ser, como estudo social que é, uma matéria subsidiária da política e uma advertência a futuros legisladores. Trata-se de melhorar a espécie humana, não brutalmente, segundo os estilos zootécnicos, mas por providências aceitáveis que impeçam a degeneração moral da sociedade.

*Eugenizar* quanto possível a família, é um dever da boa política e uma tarefa para futuros estadistas. E é também um dever doméstico, confiado à vigilância de todos os homens inteligentes e cultos.

Por tôda a parte se estuda esta questão. Existe já, em Londres, um *Laboratório Eugênico*, como lhe chamam, provido de todos os recursos; outros numerosos há na América, onde a mais alta autoridade no assunto é o Sr. Davenport.

Um interêsse crescente, denunciado em múltiplos *committees* de sábios professôres e filantropos, manifesta-se em largos documentos e inquéritos da ciência nova.

Em resumo, trata-se de instituir e regularizar a influência dos indivíduos na hereditariedade humana.



Todo êsse movimento se originou da verificação da chamada *lei de Mendel*, que é uma descoberta da biologia moderna.

Para confirmar essa nova opinião comum basta alegar o livro, a contracorrente, de Chesterton sôbre a *Eugenia e Outros Males de Agora*.

É incalculável o desleixo com que o homem, nas sociedades cultas, encara o futuro da sua descendência. O número de sêres defeituosos, insanos, imbecis, epilêpticos, idiotas, surdo-mudos, tuberculosos, dentro em pouco ameaçará a saúde pública e a integridade do gênero humano.

Fato averiguado é que os indivíduos degêneres e avariados proliferam com muito mais fertilidade que os sêres normais. O Professor Karl Pearson e David Heron, acharam para 26 *distritos* de Londres (*boroughs*), que a natalidade nas famílias de pessoas insanas ou doentes, oscila entre seis e sete, ao passo que entre os normais apenas a descendência máxima é de dois indivíduos.

Há que fazer uma reversão na ética da nobreza moderna: ela está no cuidado da prole e não na vaidade dos avós.

Nos Estados Unidos, onde os trabalhos de estatísticas são exaustivos, quase perfeitos e completos, parece coisa averiguada que enquanto a população, em dado período, cresce de 50%, o número de imbecis e insanos atinge a percentagem de 120.

Caminha-se para o *Nirvana* da inteligência com uma celeridade vertiginosa. Por felicidade dos povos, alguns cruzamentos normais amparam contra a destruição e o suicídio o andar progressivo da humanidade.

Até que ponto vai a evidência nessa melancólica constatação de ruína, não o sei dizer. Não é menos certo, porém, que ela suscita a curiosidade dos mais indiferentes à lúgubre profecia.

Desta vez, o *dies iræ* traz elementos melhores de persuasão.

A chamada *lei de Mendel*, que, na biologia, se tornou o ponto de partida dessas investigações demológicas e sociais, foi o achado de um monge, até há pouco inteiramente ignorado.

Gregor Mendel, de Brunn, foi um sábio experimentalista, modesto, todo entregue aos seus estudos da natureza e completamente alheio às conseqüências que haviam outros de deduzir das suas doutrinas.

A *lei de Mendel* expressava apenas alguns fatos da hereditariedade observada nas plantas e nos animais.

Não é nenhuma novidade para estudiosos.

No seu aspecto mais simples, despojando-a de complicações que a tornariam obscura ou difícil, consiste na verificação de que nos cruzamentos vegetais ou animais, sem excluir o homem, quando os procriadores são de raças ou variedades distintas, a primeira geração é integralmente mestiça e a segunda divide-se em uma metade mestiça e em dois quartos recorrentes, pois, cada um deles retorna, inflexivelmente, a cada tipo atávico.

A questão essencial é assinalar o *germ-plasma*, que determina a variedade da prole.

Suponho que haverá clareza maior no seguinte esquema, sôbre o gérmen que determina, por exemplo, a coloração:

A e B são os procriadores: um é branco, outro é prêto.

A primeira geração será do tipo *AB*, isto é, de côr cinzenta ou mista; é a geração dos mestiços.

A segunda geração, porém, derivada de *AB* dará uma descendência bipartida em dois tipos; a metade dela será *AB* (mestiça) e a outra metade será composta de tipos regressivos, um quarto de brancos (A), um quarto de prêtos (B).

Este esquema representa um caso muito elementar, o da coloração branca ou preta da plumagem das aves que forem da mesma espécie.

O êxito da *lei de Mendel*, que era uma observação restrita a poucos casos, foi a verificação geral de que ela domina todos os seres vivos, vegetais e animais.

Daí, a importância, ainda mais remota, de que havia de repercutir com o mesmo rigor na sociedade humana, e da triste verificação de que as famílias e os seres defectivos são três e quatro vêzes mais prolíficos que os indivíduos normais e sãos.

O Sr. Davenport fez a seguinte reflexão: O governo da União Americana gasta hoje, anualmente, cêrca de 100 milhões de dólares em internar e asilar doentes e criminosos; é natural que êle se preocupe, com uma relativa pequena despesa, de investigar a causa e os meios de combater êsse flagelo que compromete a segurança nacional e atrai, hoje em dia, a atenção do mundo. "Tão afeitos e acostumados andamos com os crimes, com a idiotia e com as doenças, que as julgamos quase *males necessários*. Isso era admissível e tolerável no tempo da ignorância; hoje, seria o maior dos crimes a ajuntar aos outros que proliferam graças à nossa indiferença."

Que temos feito, no Brasil, para o estudo dessa questão humana?

Coisa alguma, ao que suponho. Entretanto, somos um país de imigração, de cruzamentos intensos, de mesclada heterogeneidade, de descurada promiscuidade de adventícios e forasteiros.

Já que tanto se fala de degeneração do caráter, da regressão das virtudes nacionais, quem nos diz o que vai nessa caldeira humana, onde fervem tão desencontrados elementos?

## Acêrca da — “Colmeia”

Meu grande amigo,

Pode um escritor ou um escrevinhador falar de si próprio? eis a questão que proponho à argúcia e ao engenho de Vossa Mercê.

Às vêzes é de suma importância essa desesperada resolução. Contaram-me que o Visconde de Jequitinhonha (ou não sei que outro visconde) costumava nos duros tempos do ostracismo mandar à imprensa algumas mofinas contra si próprio.

Homem político, e, portanto, indispensável, não suportava o silêncio. Descompunha-se a valer, arremangava-se e descobria quanta pulha de arriero lhe vinha à memória.

— É preciso que falem de mim seja como fôr.

Êsse estado de consciência é a maior tortura do homem de letras. O silêncio é a alma do outro mundo que mais o assombra e atormenta.

Graças a Deus, não sou e nem fui jamais vítima da chamada conspiração do silêncio; e desgraçadamente, gozo de um bom comêço de popularidade.

Espero evitá-la a tempo, conforme as salutareas advertências de V. Mercê, grande inimigo de tôdas as vulgaridades odiosas.

Entretanto, a ocasião urge e sinto a comer-me dentro da alma o prurido de dizer alguma coisa.

Serei breve, e direi pouco.

Prepare V. Mercê o ouvido e a benevolência que é um esquisito ornato da sua pessoa.

Uma das tardes passadas, conversando com Vossa Mercê, já quase noite, fora da luz, aludi ao sistema de autocrítica que em tempo aconselhei a alguns literatos que se esmurravam e deitavam sangue pelas ventas, em honra de sua dama, a Poesia.

Foi isso há meia dúzia de anos na fase que se chamou a da — literatura do porrete — símbolo cruento de uma nova arte em que saíram alguns rapazes malferidos, e ainda hoje ostentam êles as suas cicatrizes da glória.

Ora, apresentando a Vossa Mercê um exemplar do meu livro — *Colmeia* — (que aparece agora) resolvi aplicar em mim mesmo os famosos métodos da autocrítica.

Sabe Vossa Mercê muito bem que os prólogos não passam de autocríticas feitas com alguma dissimulação. Por isso mesmo escreveu a propósito aquêle grande clássico:

“São os prólogos um antecipado remédio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros e as desculpas.

“Eu por ora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada; quem achar que dizer não me perdoe e nem será necessário encomendá-lo.”

Que palavras excelentes e tão bem achadas! Bem poderiam estar como as do antigo oráculo gravadas na porta do templo da sabedoria.

Pois bem. A autocrítica é um prólogo extraviado; nada mais.

\*

Eu escrevi a — *Colmeia* — perdão! necessito explicar-me...

Um etnólogo alemão disse que em vez de — eu penso — o verdadeiro era dizer — pensam em mim.

A frase ficou proverbial; e em verdade quase tudo que pensamos vem de fontes remotas, atávicas, inconscientes, aprendidas e mal aprendidas. O nosso pensamento é apenas uma memória crepuscular de coisas várias e antigas.

Somos todos vítimas desse equívoco que celebramos como originalidades palpitantes.

Quando digo — Eu — já passei, e não me posso apanhar nunca mais no perpétuo volver das coisas.

Refleta Vossa Mercê na justeza daquela frase — *pensam em mim* — e verá se não tenho alguma razão

Eu não escrevi a — *Colmeia* — escreveram-na. Senti sempre uma mão invisível, mas solerte e segura que me guiava os dedos inábeis e pueris.

Sente-se em tôdas as linhas a incerteza do rascunho. As garbulhas infantis, ora sobem acima da pauta, ora descem abaixo dela, conforme a vibração indisciplinada da ignorância.

Há uma filosofia a extrair desses contra-sensos, oitava acima e oitava abaixo do diapásão. Deixo, porém, essa matéria grave para os psicólogos.

A verdade é que me escreveram o livro. E se aqui não quero despir as penas do pavão é que as da gralha que sobrassem talvez não fôssem minhas.

Quero também poupar a Vossa Mercê o espetáculo desagradável dessa nudez.

A — *Colmeia* — compõe-se de favos e travos, de abelhas e vespões.

As condições da vida, cheia de quefazeres diversos, obrigam certos escritores e escrivães a essa literatura fragmentária e desconexa.

— Coisas de segunda ordem, é mel de pau — dizem aquêles velhacos que destilam, sabe Deus como, dolorosamente, os seus solecismos no romance e no conto.

Seja. Vossa Mercê, porém, ainda há de ler um romance da minha lavra, pois que aspiro a essa alta cavalaria da literatura.

Dê-me Deus vida e saúde (que petulância não me falta), e ainda hei de perlustrar, com auxílio de Vossa Mercê, e com a minha barraca, a feira livre da ficção.

Os turcos e o Grão-Turco são benévolos e condescendentes. Conto com êles nessa concorrência pacífica.

Ora, se Vossa Mercê passar os olhos muito por alto (como costume também fazer com a literatura nacional mais por falta de tempo que de apetite) verá que naquela reportagem da — *Colmeia* — também reluz o latão da fantasia escassa e mirrada do escrevinhador.

Falta-lhe sutileza, que é faltar muito; mas ainda assim o interêsse de alguns temas suaviza a grosseria e as asperezas da expressão cânhestra e imperfeita.

O mais do exotismo dos assuntos fica temperado por alguns lances anedóticos e obscuros da nossa história.

Para que é mais?

Amar a terra do berço é já um comêço de literatura.

O Brasil é o *leitmotiv* em todos os zumbidos, nos favos e travos da *Colmeia*. As nossas meliponas indígenas não são muito industriosas na sua arte divina do mel, mas fazem o que podem. Valha a verdade.

Que diz a isso Vossa Mercê?

\*

Há muito espírito gentil que reluta em “encadernar o jornalismo”. Dizia o Sílvio com muita graça que tôdas as vêzes que nós outros da imprensa fazíamos um *pacote*, abalávamos para o Garnier. Houve mais de um gênio que nasceu desta arte de embrulhos. As fôlhas avulsas à mercê do vento, devem morrer dispersas.

Sou também de igual parecer, e fio da sua discrição êste único segrêdo das minhas letras. Com ser pesadas, são elas volantes, aéreas e perdidas, por natureza. Não vá por aí revelar a origem dêsses linguados.

Reuni-as para as dar a Vossa Mercê que bem merece mais e melhor. Assim espêssas e compactas oferecem a singular vantagem de um só pescoço à foice do tempo.

Houve um tirano, Vossa Mercê bem o sabe das crônicas e histórias, o qual desejava para o seu povo uma só cabeça, pelo prazer de decepá-la dum golpe.

A — *Colmeia* — presta-se, como Vossa Mercê está vendo, a essa degolação sumária. Ah! se tôda a literatura assim fôsse mortal e precária, seria inútil o crime do califa que incendiou a biblioteca de Alexandria.

\*

Vamos, porém, ao livro.

Faça Vossa Mercê a angustiosa experiência. Leia um capítulo ou uma página, e não se esqueça de advertir, com as suas emendas, as minhas culpas e os meus erros.

Não sou impenitente nem recuso o conselho dos mais prudentes e avisados. Aponte, como diz o clássico, os achaques ainda a tempo de antecipar o remédio.

E aqui estou para obedecer a Vossa Mercê no que fôr servido mandar ao seu humilde criado.



## Acêrca da primeira religião dos Brasis

Eis-me de nôvo, meu senhor e amigo, a submeter à experiência e às luzes de um voltairiano e céptico, como é Vossa Mercê, um caso de consciência, duvidoso e incerto.

Vossa Mercê, bem o sei, não tem religião alguma, mas é amigo das religiões; encara-as amavelmente com aquela serenidade impassível dos filósofos e vagabundos que contemplam as estrêlas.

Há umas destas que parecem fixas, outras errantes, e muitas mais inumeráveis que não chegaram a ser vistas.

— Aquela que ali vês (disse-me gravemente Vossa Mercê) morreu há dois mil anos, mas alumia ainda e necessita agora vinte séculos para desaparecer. São assim as religiões.

Lobriço, porém, as coisas por outros óculos.

Sou nacionalista, e entendo que a nossa religião é e será sempre uma espécie de “caraimonhaga”.

O nome brasílico desapareceu, mas deixou luz para todos os tempos porvindouros.

\*

Venho oferecer, pois, à sua meditação um dos problemas da nossa psicologia étnica e coletiva.

Sabe, sem dúvida alguma, Vossa Mercê, tão bem informado das correntes filosóficas do nosso tempo, que ao lado da psicologia individual, de si mesma tão obscura e difícil, nasceu e formou-se a psicologia étnica (a

“Völkerpsychologie”) que estuda os resíduos comuns do pensamento em qualquer raça. Essa mais vasta concepção da psicologia explica muitos dos fenômenos individuais que não passam de impulsos da espécie, da alma do povo, anteriores e sobranceiros às idéias de qualquer indivíduo.

A raça não possui apenas formas e tipos exteriores, possui igualmente uma alma comum formada de lentas aquisições, alma da espécie e da família que antecede todos os momentos da personalidade.

É essa alma anônima a responsável pelos mitos, pela religião, pela linguagem, pelo direito e enfim por tôdas as criações primitivas e elementares.

Lazarus, Steinthal, Wundt foram os seus criadores, e o primeiro foi quem lhe deu o nome.

Aceitemo-lo, ao menos, por uma comodidade lógica.

\*

No Brasil como em tôda a América, o elemento civilizador trouxe a sua religião, o cristianismo ancestral de estrutura já definida através de lutas, de heresias e discordâncias milenárias, que embrecharam, se adaptaram ou desapareceram.

Sob o céu do Nôvo Mundo, com a diferença das raças e o antagonismo dos colonizadores vindos de todos os pontos cardeais, surgiram novas seitas, crenças extravagantes e singulares, como bem pode avaliar quem examina essa babel confusa e instável das civilizações americanas.

O velho Holtzendorff, numa notável contribuição para a psicologia étnica, estudou as várias formações das seitas norte-americanas, cujas perturbações políticas, sociais e éticas tanta importância oferecem ao sociólogo; e reconheceu o “alto interêsse” que o problema suscita na América.

Deixemos, porém, o hemisfério do norte com os seus mormões, com a sociedade Shaker, com os perfeccionistas, etc., e atendamos antes aos exemplos domésticos já numerosos e lamentavelmente tintos de sangue.

Dessas explosões místicas, eivadas de idéias políticas em diabólico consórcio, temos o exemplo recente e a dolorosa memória da matança de Canudos, do José Maria do Contestado com o sacrifício de tantas vidas preciosas.

Se cursarmos a pospelo a nossa história, encontramos a mesma cegueira nos quebra-quilos infensos ao sistema métrico, às mortandades do falso sebastianismo da Pedra Bonita...

E quantas dessas explosões místicas e sanguinolentas!

Tôda vez que a vaga civilizadora se desdobra sôbre o sertão inculto lá encontra o paredão selvagem que resiste e provoca a espumarada triunfante.

Esses fatos são, por assim dizer, quotidianos e multiplicam-se em pequeninos conflitos infinitesimais que passam, cá fora, despercebidos. Não é menos certo que se trava uma luta entre as idéias do sertanejo, cuja psicologia étnica representa uma fase diferente, retrógrada e às vezes incompatível com a dos conquistadores.

Ainda que um homem inteligente e perspicuo me houvesse dito com desatenção grave que tudo isso não tem importância, persisto em acreditar com Holtzendorff que o fenômeno tem a máxima importância na psicologia étnica, e sem essa consideração a sociologia seria menos que um absurdo metafísico, seria uma ocupação malsã da ociosidade.

Em regra geral, nessas formações de seitas místicas há o que se chama um sincretismo religioso, amálgama de princípios raciais diferentes e contraditórios.

Em tôdas as formas do misticismo brasileiro encontramos o influxo sincrético do africano, do índio e do peninsular ou do mestiço já caldeado.

É uma congérie de superstições que reagem entre si e acabam achando qualquer equilíbrio.

É claro que cada caso oferece aspectos singulares, e não quero apresentar a Vossa Mercê senão a pista de um dos casos mais antigos que conhecemos.

\*

Não leu acaso Vossa Mercê o livro recente e tão curioso da — *Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil* em 1591?

É um livro de confissões que jazia discretamente manuscrito nos arquivos da Torre do Tombo. Agora veio à luz por diligência de Paulo Prado, a quem a história pátria deve mais êsse serviço. Prefaciam o livro algumas páginas do maior dos nossos historiadores, Capistrano de Abreu.

Entre as confissões publicadas (algumas horripilantes pela baixeza moral que denunciavam) aparece uma espécie curiosa, a da formação de uma seita religiosa a — *Santidade* — como lhe chamavam, que atesta êsse mesmo fermento de que somos ainda testemunhas nos nossos dias.

O meu intento é demonstrar que êsse fenômeno de sincretismo religioso, que tamanhas perturbações tem causado ao Brasil, é antiqüíssimo e data dos primeiros tempos da colonização.

Duas ou três raças diversas, aqui submetidas à doutrina cristã, que era a religião imperial, desde logo começaram, à sua própria conta, a formar novos credos, religiões novas, superstições e fanatismos mais adequados ao baixo nível da sua cultura.

Esse é o caso da religião da — *Santidade* — que deu que fazer às autoridades religiosas e civis sob o governo de Teles Barreto nos últimos decênios do primeiro século.

\*

A — *Santidade* — ou a — *Caraimonhaga* — foi a primeira religião nova dos brasis.

Acreditavam êles na vinda de um feiticeiro vindo de fora para pregar a boa nova. Isso lembra um pouco aquela agitação helênica e romana por um deus forasteiro — “*Ignotus Deus*” — o deus desconhecido.

Desde os primeiros dias da colonização Anchieta, Lery, Nóbrega, Aspicuelta, segundo nos recorda Capistrano, todos êles e outros ainda observaram essa ansiedade profética.

Homens e mulheres, ebrifestivos, abandonavam o trabalho, e tudo esperavam da nova redenção. Para que caçar? para que colhêr peixes e frutos? tudo lhes viria à mão: a Terra, as árvores, os rios misteriosamente lhes trariam ignorados os tesouros.

No tempo dessas — “*Confissões*” — a *Santidade* foi criada e estimulada por um índio Antônio que havia estado no serviço de alguns padres em Tinhaaré e dêles havia tomado uma dose de cristianismo, como os sacristães apanham algumas pitadas de latim. . .

Com essa alforja saiu o índio Antônio a pregar a religião nova, e, logo, dando vozes, conseguiu um ajuntamento fanático de colonos estúpidos, de negros boçais e de mulheres visionárias.

Esse Antônio (cujo nome coincide com o do famoso Conselheiro místico) dizia-se papa, e arranjou uma gentia que era a mãe de Deus, e ambos faziam batismos “arremedando e contrafazendo os usos da Igreja” e sôbre um altar puseram uma quimera informe “nem peixe, nem bicho”, a que prestavam culto.

Essa erronia durou anos e só acabou a coronhadas de espingarda quando já comprometia o trabalho e a paz pública.

\*

Acha Vossa Mercê que isso não tem importância? Não o creio. Tôdas as sociedades em formação, enquanto não alcançam equilíbrio e homogeneidade, contêm em si perigosos explosivos.

Qualquer reacção pode produzir uma catástrofe ou um terremoto.

O grande cuidado, o máximo cuidado dos civilizados deve ser o de apagar essas diferenciações mortais entre os homens que respiram sob o mesmo céu.

Há certas vantagens na intolerância como as há no despotismo esclarecido.

Nosso dever não é tanto o culto da liberdade como a diligência que inutiliza a necessidade das tiranias.

Se Vossa Mercê um dia quizer fundar uma — *Santidade* — aqui estou para servir de acólito (que para mais não sirvo); mas não se espante nem leve a mal que o sacristão (com algumas pitadas do latim de Vossa Mercê) saia a fundar uma *Santidade* nova.

Uma propriedade geral de tôdas as reformas é que elas se multiplicam ao infinito.

E, conquanto o mundo haja mister de uma reverendíssima reformação, estou que o melhor é ficarmos tranquilos e morrermos com a fé que bebemos no berço.

No fim de contas, que importa à máquina do universo ser Vossa Mercê ou eu um profeta?

Nem por isso hão de falhar as tábuas dos eclipses nem a veneração que dedico a Vossa Mercê.

Creia-me, etc.

## Ainda a religião dos Brasis

*(Ao mesmo enderêço)*

Há poucos dias entretive o raro amigo (se acaso o pude entreter) com a história sempre repetida do misticismo sertanejo e das falsas religiões que se formam no deserto, longe do contacto da civilização.

De como são perigosas e malélicas essas perversões da religião culta não se há mister apresentar longos argumentos e demonstrações.

A nossa história é o testemunho vivo e doloroso de fanatismos e crises dessa espécie.

Com o seu estilo suave e sutil, não há muito, recordava-nos Múcio Leão a "história do reino encantado", uma das formas serôdias do sebastianismo português.

E penso com êle que o paraíso sonhado por êsses loucos e visionários é uma ondulação que se repete ainda e não expirou na tranqüilidade esperada da nossa civilização.

De vez em quando, surpreende-nos êsse ritmo de sangue e de ioucura.

O remédio talvez único é povoar e civilizar. Mas, nós não queremos ou não temos recursos para povoar e tudo esperamos da lenta expansão vegetativa da faixa marítima.

E nem sabemos civilizar, deixando na ignorância as almas que, ao desamparo, retrogradam às suas origens selváticas primitivas.

Desta arte, cultivamos o antagonismo com que se defrontam o sertanejo e o conquistador, um e outro alvo rotados permanentemente por incompreensão mútua.

\*

Foi sob essa inspiração da nossa história e do livro curioso da *Visitação do Santo Ofício* no Brasil, no século XVI, que encontrei uma das primeiras revelações do fenômeno social, étnico e religioso entre as nossas gentes incultas.

Cumpria apontar essa origem, por antiga que era e pelas feições que ainda são as mesmas da hora presente.

De mim, não sei se cedi a algum influxo telepático perdido no ambiente.

Em minha consciência, não fazia eu mais que recordar um momento remoto e quase apagado das cogitações habituais e quotidianas.

\*

Eis senão quando me chega a notícia de que a velha tragédia contumaz de nôvo reaparece nas fronteiras incultas do Paraná e Santa Catarina, quase na mesma região que não há muito foi o teatro de conflitos monstruosos e de lutas sanguinolentas.

Agora mesmo, anda a polícia local às voltas com um nôvo bando de "fanáticos" dispostos a aniquilar os frutos nascentes da civilização que já vão alentando aquêles remotos rincões da nossa terra.

Apareceu ali um certo José Vitorino que se diz o Messias e mais particularmente se intitula S. João Maria. Esse bandido alucinado arranjou como pôde (e não seria coisa difícil) uma Nossa Senhora, formosa cabocla de olhos negros escravizada pela diabólica sugestão daquele a quem ela chama o — Santo — o Padre Eterno e nôvo Jesus.



Cercam a divindade nova os carinhos femininos das vítimas do histerismo e da torpe abusão.

Não parecem mais fortes os homens cuja varonil firmeza, quebrantada e vencida, jaz aos pés do grande Santo que ilumina o deserto.

Léguas em tórno, buscam-no os desamparados, os enfermos e os crentes na esperança de melhores dias.

Abrasados de zêlo se encaminham ao tugúrio do profeta.

\*

E porque a volúpia e a luxúria nem sempre são incompatíveis com o ritual dêsses santarrões da floresta, o nôvo Messias arrebanhou cinco virgens para a sua côrte celeste e seu serviço divino.

O teatro dessas misérias é o lugar conhecido por Papuã, na fronteira setentrional catarinense, mas ou menos na bacia do Rio Negro. A *Gazeta do Povo*, de Curitiba, assegura que eram já trezentos os fanáticos de Papuã que se ajuntaram naquele reduto.

A pobre gente daquele deserto que se não submete ao nôvo Jesus tem abandonado os seus haveres e as suas terras, buscando a longínqua e demorada proteção das leis civilizadas. São os díscolos da igreja nova.

Aquêlê Jesus, verdadeiro louco, místico desvairado e criminoso, pregava uma espécie de reino encantado de eterna felicidade para os seus sequazes. Mas, ao mesmo tempo preparava a guerra santa contra os ádvenas e o exterminio da fôrça pública se ousasse afrontá-lo nos seus ermos.

\*

Estavam as coisas nesse pé, quando um delegado de policia de Mafra assaltou de emboscada o reduto da-

quele famigerado Jesus, e conseguiu prender Jesus, Nossa Senhora (que era uma tal Antônia Gomes) e duas virgens celestiais, Júlia Soares e Helena Custódia.

Uma dessas virgens conta apenas quatorze anos de idade, e confessou à polícia que o diabólico santo lhe "prometera um lindo palácio de ouro onde S. João appareceria formoso e môço. Nesse palácio encantado, no Céu, ela seria feliz, eternamente feliz".

A Nossa Senhora, tomando a mão, ali fêz declarações sensacionais, como esta, recolhida por um repórter:

— "Seu môço, a gente é bôba nesses matos; *credita* em tudo. Êle dizia que era Deus, falava tão bem que tudo *creditou*."

A lábia dêsse deus velhaco promovia um passadio excelente, à tripa fôrra. O patife diâriamente reclamava manjares delicados e substanciais sob as duas espécies de galinhas e ovos.

Parece, pois, que a tragédia abortou nos primeiros atos, e com um pouco de energia é já possível evitar a catástrofe.

Ainda que a ignorância e a loucura possam explicar êsses acontecimentos, não é de bom conselho aplicar na classificação de tais crimes as atenuantes, mais sentimentais do que científicas, para a repressão de semelhante banditismo.

Há, por quase tôda a região sertaneja, um fermento de misonéismo contra a civilização, que convém destruir e extirpar sem falsas benevolências enquanto não cresce o tumulto sanguinário do fanatismo.

Os bandos de Papuã, ao que parece, dispersos pela ação policial, rápida e eficiente, vão, sem dúvida, repetir-se daqui a pouco, mais longe, com a perversa assiduidade de sempre.

A sinceridade dos místicos e epilépticos é muito problemática. Há nela sempre um fundo de velhacaria e tratantice a que dá côres de fascinação a estudada santidade de seus apóstolos.

Realmente, não é desagradável viver da santa preguiça com um escolhido harém para as divinas horas de relaxação apostólica.

As volúpias ascéticas não são estranhas às religiões. Provam-no o Paraíso maometano das huris ou a morada edênica das louras valquírias.

Passemos por alto e esqueçamos as queridas freirinhas de Odivelas, para não afrontar a civilização doméstica.

O pior é que essa libertinagem passa facilmente do erotismo à cólera sanguinolenta que tudo aniquila e destrói.

Raciocinemos, um momento.

A religião culta dificilmente se acomoda aos grosseiros processos da gente bárbara.

Vai para muitos anos, nas terras do Norte andava uma missão de capuchinhos italianos no serviço da salvação das almas.

Imaginaram êsses piedosos frades que seria um espetáculo persuasivo da catequese celebrar ao vivo a paixão de Cristo, com todos os seus passos lacrimosos.

Arranjaram, como foi possível, alguns apóstolos, judeus e soldados-romanos de capacete e lança em punho.

O José caboclo, amarrado a uma cruz, servia de Cristo. O efeito teatral foi surpreendente, e muitas lágrimas se derramaram com o lutuoso espetáculo.

Na hora sombria do Calvário, o soldado romano fazia chegar com a lança uma esponja de fel à bôca de Jesus.

Por deferência, porém, a José caboclo, achou-se prudente substituir o fel amargo por cachaça forte.

O José caboclo, é fácil imaginar, sorvia àvidamente a esponja, e para estimular o soldado romano dizia, baixinho, do alto da cruz:

— Mais fé!

Para satisfazer a essa infinita amargura, foi preciso abrir um alambique próximo naquele santo dia fechado em piedosa homenagem à Sagrada Paixão.

\*

Quando o tiraram da cruz, José caboclo estava realmente morto; e, coisa que foi muito mais impressiva para a fidelidade histórica, ressuscitou facilmente no dia seguinte.

A ressaca foi tida por um milagre assombroso, e creio que desde êsse momento o José foi incorporado definitivamente à santa missão dos capuchinhos.

Daqui a um século, dada a confusão do tempo e das histórias, José talvez esteja canonizado.

## Acêrca do tipo nacional

Meu senhor,

Venho de nôvo bater à porta de Vossa Mercê, a quem muito considero e respeito, para propor uma questão insólita, mas instante e de perene atualidade.

Se eu propusesse a questão sùbitamente, perguntando se Vossa Mercê é branco ou mulato, decerto não me perdoaria a insolência do seu submisso criado.

Mas, a pergunta é essa mesma, toucada embora com os eufemismos que não se dispensam em tais casos.

Não quero estabelecer nenhuma investigação; nem eu professo nenhuma dessas curiosidades inconcessas e malsãs que V. Mercê com justa razão desdenharia talvez com repugnância.

Ouçõ dizer que todos aqui são mestiços mais ou menos, e talvez mais do que menos.

Qual seria a posição de V. Mercê nessa difícil conjuntura sem livros de linhagem autêntica?

Muitos anos há que o nosso govêrno oficialmente deu uma prova de sabedoria e prudência mandando riscar das listas do recenseamento a lúgubre e fatídica coluna onde se pedia a confissão ingênua: *Branco, pardo ou prêto?*

A experiência havia demonstrado à saciedade, em casos anteriores e repetidos, que todos os pardos sorrateiramente haviam passado a ser brancos: e os pobres prêtos acharam mais avisadamente que deviam desaparecer como convinha àquela côr que por definição era a ausência de tôdas as outras.

É um princípio fundamental que o prêto não reflete ou reflete muito pouco. Seria injustiça culpá-lo por tão inócua irreflexão.

\*

Também eu, pois que em casa de ladrão não se fala em corda, estou a convencer-me de que sou branco.

É verdade que um ou outro inimigo meu, com detestável literatura, me atira a pecha de mestiço desprezível. Parece que isso lhe dá qualquer superioridade tática aproveitável.

É uma lábia corriqueira.

Tenho resistido, como faria Vossa Mercê (que é meu mestre em tôdas as coisas), a essas frívolas insolências da inimizade.

Um dêesses inimigos num livro recente consagrou-me um interessante capítulo para xingar-me dois impropérios decisivos, a saber, que sou pardo e burro.

Esse autor de bolostrocas literárias pela primeira vez proferiu duas verdades irresistíveis.

Com que então, poderia eu sair à rua e vir a público dizer que sou branco ou que tenho um grande talento? Que falta de tato do amarelo filisteu.

Vossa Mercê, que é tão grave como os Pisões, não conteria o riso.

Branco e talentoso seriam epítetos amáveis e arabescos ornamentais de grande efeito. Não o negarei jamais.

Entretanto, há recursos novos contra essa enfermidade antiga. Hoje em dia, a água oxigenada faz maravilhas como os *chassepots* de Napoleão III.

Uma e os outros trabalham pela unidade humana.

Demais, nesses doestos há um fácil cálculo de probabilidade que aconselha a ser o primeiro na agressão.

Que branco de homem! Se êle não tivesse escrito as bolostrocas! e não viesse donde veio!

Mas, vamos à questão proposta. Lá pelas terras do Norte vive na bôca das gentes um lindo têrmo, misto de tupi e português, que exprime a delicada coloração atávica de algumas moçoilas mestiças de pele branca e de olhos claros. A genealogia dá muitas vêzes tais saltos.

Já tive a honra e o prazer de fazer êsse registro num dos meus alfarrábios esquecidos.

A aquelas formosas criaturas, que ressumbram alvuras avitas, chamam — *brancaranas*.

As brancaranas parecem brancas e são até branquíssimas quando acaso se perdem os papéis genealógicos da família.

Foi valendo-se de tão gentil vocábulo que o nosso poeta Bittencourt Sampaio verteu para linguagem o lindo poema de Longfellow — “The quadroon girl.”

Her eyes were large and full of light,  
Her arms and neck were bare,

.....  
And her own long raven hair.

A estas horas a brancarana sofreu novas metamorfoses ou foi varrida pela civilização tão fértil em malefícios.

Existe, entretanto, na poesia e na verdade.

Com a desapareição sofreu a escola indigenista a perda de uma das mais suaves nuances da sua galeria poética.

Já ouvi lamentações de alguns velhos gramáticos e de bardos *démodés*, pela extinção do gracioso sufixo que punha na paisagem das canaranas agitadas pelos ventos o vulto e a rima pobre das brancaranas sutis e fascinadoras.

Hão de nascer outras rimas ricas, estou certo, segundo o princípio:

O rima que a tanto obligas  
Que haces blancas las hormigas.

\*

Quando propus a questão acima ao espírito magnífico e generoso de Vossa Mercê, foi com o intento de receber das luzes e experiências de um sábio a aprovação de uma teoria que parece conciliar a eterna discrepância entre brancos e prêtos.

Considero o achado como a mais portentosa das maravilhas contemporâneas.

Leio num autor americano que o seu tipo ianque e nacional já não se pode esconder em parte alguma.

A prosódia e o tipo logo o denunciam. Qualquer barbeiro, alfaiate ou sapateiro, ao primeiro lance de olhos, em tôda a Europa, em Londres ou em Viena, conhece o americano e distingue-o de qualquer tipo anglo-saxônio.

A razão é que já existe desenhada a sua anatomia e expressão corpórea.

O tipo esgalgado e fino do Uncle Sam é já um vestígio agonizante do anglo-saxão da antiga colônia.

O americano de hoje, observa o agudo Wells, é mais baixo, menos magro, mais impressivo em suas feições novas.

Um dos traços anatômicos mais característicos nos homens e, principalmente, nas mulheres que são formosíssimas, é das maçãs do rosto um pouco salientes, mas suaves. Esses e outros traços anatômicos provêm da raça indiana, mas não se transmitiram pela prole, pelos mistérios da geração.

É anatomia própria do meio e da América; é um influxo virginal criado pela terra.

Destarte, as camadas européias que se assentaram sobre o solo sofreram e sofrem essa perfuração do tipo



primitivo indiano que vem subindo à tona através da onda humana.

A anatomia, a fisiologia, o próprio espírito é o autóctone, independente das origens exóticas.

O americano, europeu ou asiático, tende a tornar-se índio.

Todos os adventícios vão pouco a pouco se ajeitando a êsses moldes da raça pré-histórica por uma fatalidade étnica irresistível, que restitui à América o homem americano.

\*

Examine Vossa Mercê essa questão obscura e de cujos mistérios depende a paz de muitas famílias.

Vamos nós (como os americanos do Norte) ficando índios? Parece que sim.

Os nossos avós tupinambás ou caetés reclamam os seus privilégios de *dii patrii*.

O indianismo, longe de perder os seus créditos literários, é hoje uma formosa hipótese da etnologia.

É um contínuo *werden*, um admirável *devenir* que vem prestar mão forte à harmoniosa unidade nacional.

Se Vossa Mercê, como eu, sentir-se vexado de dizer se é branco ou acaso mulato, aqui está a mezinha salvadora. Queira aceitar essa fórmula nova que abrange, aquieta, resolve e coere tôdas as diversidades.

Sinto que vou abrir fraternalmente os braços ao autor das bolostrocas.

Tinham razão os homens da independência e viam longe, muito longe quando, perspicuos, passaram a crismar-se de Caragatás, Caramurus, Araribóias, Cunhambebes e Caraíbas.

O gentio é o tipo do futuro predeterminado.

Não há mais que ver. Todos nós somos caboclos.  
Eu mesmo sinto às vêzes que vou ficando mo-  
rubixaba. E Vossa Mercê?

\*

Se Vossa Mercê não quiser abrir mão dos seus  
rançosos e atrasados preconceitos de homem branco,  
nem por isso pode fazer parar as verdades eternas.  
Mas seja como fôr, continuo sempre a servi-lo com a  
dedicação de amigo e velho caboclo.

*Erê jupê?*

## Das leis da política

Meu velho amigo,

Só agora, após tantos anos decorridos, torno a vê-lo na sua envergadura nova de político militante, governador de homens, mistagogo dessa religião confusa da salvação da pátria.

Em sua intenção li hoje um autor grave e desconsolado.

O Professor Krükmann, da Universidade de Munster, escreveu recentemente um pequeno ensaio sôbre as "leis da política" — ("Gesetze der Politik") no número de fevereiro, agora distribuído, do *Velhagen-Klasing*.

É uma série de reflexões aproveitáveis para o conhecimento da atualidade alemã.

O Professor Krükmann acha que as leis da política como as da natureza estão por vêzes sujeitas à aparente inação quando há interferências perturbadoras. A pedra incluída num muro não cai ao solo: sua gravidade própria desaparece no material subjacente em que repousa.

Há leis cuja pressão não se sente, mas são efetivas.

Tôdas as transformações impostas à Alemanha criaram uma ordem de coisas insustentável e que procuram um equilíbrio impossível.

A revolução imposta de fora para dentro, a democracia, a fragmentação do território, o pacifismo obrigatório pelo desarmamento, são coisas antialemãs, sem ali-cerces, extranaturais, sem história e por isso mesmo precárias e dolorosas.

Os pacifistas alemães foram sempre espíritos destrutivos como o seu chefe A. Fried que julgou conveniente salvar a pele na Suíça ao abrigo do canhoneio e ao mesmo tempo arrojara a pátria pelo desânimo aos pés do inimigo.

A piedade humana dos pacifistas é uma falácia desastrosa e contrária à lei política por excelência: a lei vital da organização do Estado.

O Estado, subentende-se, é sempre o órgão da paz mas não é o de um doentio pacifismo. O Estado é uma organização protetiva tanto nos homens como nas sociedades animais.

É a razão de ser das sociedades, dos bandos e gregários primitivos. Os lobos caçam juntos como trabalham juntas as abelhas e as formigas. Essas organizações protetivas fundam-se pela união na força, e quando esta é impossível no mimetismo, na vida noturna, em todos os recursos de astúcia necessária. Os macacos, é sabido, têm sentinelas, e vigias. Só animais excessivamente fortes são solitários, como o leão ou o tigre. Estes, podem ser pacifistas.

Tôdas as associações humanas são por fraqueza necessariamente armadas, e a força é a sua primeira garantia. Sob as armas, levantou-se a Grécia, e com elas floresceu a cultura e a civilização romana.

O defeito da Alemanha foi não o militarismo, mas a insuficiência e a fraqueza do seu apregoado militarismo que não libertou o país da escravidão atual. "Nunca entre nós foi tomado a sério o dever de defesa nacional como por terra e por mar fizeram com extremos de força a França e a Inglaterra."

Eis uma afirmação que não será crida.

E acrescenta ainda:

“Faltamos ao grande fim do Estado, à sua finalidade protetiva porque nos deixamos embalar por uma frase e palavra vã de que o militarismo era o inimigo da civilização.”

\*

Outra lei que ferimos mortalmente foi a do princípio construtivo, o da forma de govêrno que desapareceu com o auto-extermínio das instituições.

Não se deve jamais confundir os meios com os fins. A democracia é apenas, como outros, um meio. Não pode ser o objeto do Estado mais ou melhor que por exemplo o comércio livre ou o proteccionismo aduaneiro. A democracia onde cabe é apenas um meio ou instrumento mais ou menos adequado.

Monarquia ou democracia levam aos mesmos perigos ocasionais do despotismo ou da oclocracia, o império odioso das turbas.

Como simples meios que conduzem a determinado fim, será sempre preferível e prático um sistema misto e temperado, em que se não percam as linhas anteriores do desenvolvimento natural da sociedade, evitando-se qualquer transformação de catástrofe.

\*

Outra lei fundamental da política é a pressão geográfica, que os reformadores do mundo esquecem no espaço como esqueceram no tempo a continuidade do espírito, e o trabalho da história.

O Professor Krükmann cita a frase já centenária de um inglês, Seeley: — “A medida da liberdade política de um país é inversamente proporcional à pressão político-militar que pesa sôbre as suas fronteiras.”

Isto significa para a Alemanha, diz o Professor Krückmann, que a sua estólida constituição de hoje seria apenas tolerável se os alemães tivessem uma saída livre para o mar por Bordeaux ou Marselha e mais se interpusse entre êles e a Rússia um oceano ou uma cordilheira. São hipóteses absurdas e gratuitas, já se percebe.

Mas a Alemanha tem nos seus flancos a França sempre ávida de glória e animada de vingança, de capricho e de orgulho, e, de outro lado, os tchecos e polacos entranhadamente inimigos.

A Alemanha está exposta, em todos os pontos cardeais, a invasões possíveis, enquanto a Inglaterra só poderia sofrer uma guerra periférica, naturalmente efêmera ou sem consequências. Assim, as suas liberdades estão em função de seus próprios perigos.

Temos necessidade, ditada pela "pressão geográfica", de concentrar em uma só mão o poder do Estado. Essa unidade de comando é incompatível com a volubilidade democrática e a oscilação dos partidos.

"Por isso cada povo tem de resolver o seu problema constitucional, por si mesmo e do modo que melhor lhe convenha. Uma constituição uniforme e universal não existe."

"Se na América a República é uma convenção possível, deve-se à vastidão do solo ainda inproveitado. O espaço é um grande alicerce da ordem política, se bem que a liberdade americana de fato corre com botas de sete léguas para a escravidão plutocrática. Mas a terra ali muito longe está de ver esgotadas as suas possibilidades, e a plutocracia pode ainda lograr uma longevidade incalculável."

\*

Além dêsse princípio geográfico fartamente documentado pelo exemplo da Inglaterra, da França e das terras insulares da Grécia e do Japão, o Professor Krükmann consagra uma página à "lei da ação indireta" na política.

A política das massas, da estreita democracia, só percebe o que está à mão, em contacto e influxo direto.

As coisas desinteressadas, as obras do espírito, a arte e a ciência pouco valem no conceito das democracias sempre dispendiosas. É um govêrno de temperamento proletário que pensa e vive "au jour le jour". Em qualquer parte o govêrno democrático é o mais caro do mundo.

Na república alemã cada *parvenu* do funcionalismo reclama agora um automóvel, "enquanto o antigo chanceler apenas dispunha de um carro e os outros ministros iam a pé ou como podiam".

Fala-se da lista civil. Mas "um presidente 'barato' agora atira pela janela diàriamente tantos milhões quantos economizava o Imperador em um ano".

"Numa monarquia, a Tammany Hall de New York seria impossível."

A ação indireta mas efetiva contra os caçadores de fortuna é certamente no Estado um dos elementos de sã educação popular e de restrições salutaes incalculáveis.

\*

Enfim, o Professor Krükmann é muito mais militarista e político que filósofo ou historiador.

Falta-lhe, como se vê, a tranqüilidade que lhe daria seguramente maior isenção de juízo.

Sem dúvida, há "leis políticas" que não convém desconhecer. Cada povo tem em si próprio o germen de

processos espontâneos e segue as linhas do seu próprio desenvolvimento.

O momento atual ressent-se da turbulência inevitável da reconstituição dos povos. Agora, a Grécia chama do exílio o seu monarca, a Hungria pede um rei e não é impossível que a autodeterminação de Wilson venha de novo submeter-se às sugestões e necessidades criadas secularmente pela história.

O futuro di-lo-á.

Parece-nos, todavia, incrível que a Alemanha possa reconstituir a antiga monarquia. Depois da democracia, só há a democracia outra vez. Não existe outra herança legítima.

E essa é uma lei que não parece menos inflexível que as outras.

1921.



## José Gorani em Portugal

(Sem enderêço)

Tudo quanto se passa em Portugal, ou repercute em sua história, acha ressonância imediata entre os brasileiros.

Andei a ler nestes últimos dias as aventuras de um fidalgo italiano, verdadeiro nômade que não parava em terra alguma, sempre ao léu da boa e má fortuna.

Giuseppe Gorani era o seu nome, diminuídos uns quatro outros prenomes de sobressalente, sinal de gentileza e ilustre prosápia.

Era fidalgo? talvez. Parece que êle descobriu em velhas crônicas do Norte a existência de um certo Goran, rei da Escócia antiga, vencedor dos ferozes Pictas. A semelhança dêsse nome Goran deu-lhe ensejo a desenvolvimentos genealógicos arborescentes.

Êsse fidalgo italiano descendia, pois, do rei Goran.

Acharão alguns cépticos tortuosa e longa esta linhagem; contudo, mais tortuosa e certamente mais longa é a de Adão e Eva.

Encurtemos, pois, e demos a Goran escocês a verdadeira origem de Giuseppe Gorani.

Ei-lo nobre de longa estirpe como tantos outros do nosso tempo e da nossa terra que tiram grandes vantagens nobiliárquicas de certas homonimias casuais.

E até há mais fidalguia nessas fraudes. Fidalgos tais podem dizer como aquêle que disse espirituosamente: *Nous sommes les ancêtres de nous-mêmes.*

Giuseppe Gorani serviu no exército imperial da Áustria no tempo em que esta era atacada pelo grande rei Frederico.

E a êste propósito, conta algumas anedotas curiosas daquele grande rei. No exército prussiano andavam alistados alguns franceses, e um dêles certa vez achou prudente desertar. Foi prêso e levado à presença de Frederico, que sabidamente só reconhecia qualidades de espírito no povo francês.

— Por que desertaste, meu velho camarada? — perguntou o rei afavelmente.

O francês respondeu com inteiro sangue-frio:

— *C'est que les affaires de votre Majesté vont trop mal.*

— *Eh bien! (disse o rei). Retourne à ton drapeau. Demain, je vais livrer une bataille et si je la perds nous déserterons ensemble.*

\*

Depois de correr ceca e meca, veio Gorani aonde o atraía a fama do Conde de Oeiras, o futuro Marquês de Pombal (um tanto afidalgado como êle por artes mágicas e ocultas).

A jornada entre Espanha e Portugal é pitoresca e cheia de incidentes burlescos. Vinha para curar-se de uma paixão contraída na Espanha e por vêzes pensou em retroceder para cair aos pés da sua infiel Dona Angélica, pedindo perdão.

É da psicologia da península essa humilhação diante das espanholas.

Creio que um escritor português já a aproveitou com espírito num dos seus melhores romances.

Incerto, porém, do perdão, o nosso Gorani prosseguiu na viagem, esperando do tempo o grande remédio a tôdas as tristezas.

E assim foi.

Em terras portuguezas journadeou por montes e devesas na companhia de arrieiros e estudantes, e, nesse

comenos, ia deletreando os — *Lusíadas* — à custa de algum latim e espanhol, já familiares.

Ia com o aprumo de gentil-homem do Norte, ainda que lhe soassem ao ouvido os versos populares:

Veneziani gran signori,  
Padovani gran dottori,  
Vicentini mangia-gatti,  
Veronesi mezzi-matti.

\*

*Et reliqua.*

Ao fazer a remonta de um rio, ficou assombrado quando lhe pediram *mil e duzentos réis* pelo frete do fidalgo e do jumentinho que o levava.

A moeda desorientava-o. Êle não percebia que o real era apenas uma imaginação que sobrevive de realidades paleolíticas.

Aquela quantia pareceu-lhe uma fortuna. *Mil e duzentos!*

Afinal, veio a saber que êsses mil e duzentos réis eram apenas o número astronômico de quantia ridícula.

Em Lisboa, albergou-se na hospedaria das — *Santas Almas do Purgatório* — infecto pardieiro onde se acolhia um rebotalho de gente vagabunda e errática.

Nessa hospedaria podia ver-se o cubículo vizinho por cima dos baixos biombos que dividiam as células, quando com um pouco mais de prudência através das rachas e fendas também se podia ver a mesma coisa.

Passamos em silêncio algumas das suas aventuras de baixa galantaria em Lisboa.

\*

Gorani trazia umas cartas de recomendação para o Patriarca de Lisboa, mas teve o bom senso de não entregá-las.

O momento era impróprio. Pombal havia, então, publicado o edito contra o abuso das capelas. Esse edito voltairiano assim começava:

— A política de Roma sempre achou melhor o partido de colocar na cadeira de S. Pedro algum velho decrépito que se presta, em sua fraqueza, a tôdas as maquinações da vil intriga....

.....

O esperto Gorani não precisava de mais para orientar-se. Longe de buscar o cardeal, arranjou equipagem a crédito e com grande pantomima e estrondo foi direito ao Conde de Oeiras. Ele sabia que essas pantomimas são rituais na alta sociedade e que infalivelmente impressionam “tanto a côrte como a canalha”.

Aliás, não sabemos como Gorani logrou impingir ou provar o seu parentesco, talvez verdadeiro, com a Condessa de Oeiras e daí o começo da sua boa fortuna.

Foi logo nomeado capitão de granadeiros com 32\$000 por mês. Aqui lamentou que êsses réis, aos milhares, fôsem tão pouca moeda, ao contrário do que lhe parecera na primeira impressão.

Gorani chegou alguns anos depois do terremoto, mas ainda viu os escombros da grande eversão. O seu parecer, igual ao de Beule, é que Bulwer e Plínio o môço caluniaram o Vesúvio; a destruição das cidades não foi devida ao *lapillo* vulcânico, mas ao incêndio das casas abandonadas e caídas por terra. Em Lisboa, a maior destruição, diz êle, foi a do fogo das lareiras e das festas de Todos os Santos nas igrejas. O resto foi obra do banditismo dos ladrões.

Caindo nas unhas mesmo amorosas de Pombal, ao cabo de certo tempo o nosso herói imaginava escapar de tão felino protetor e parente.

Já havia assistido a crueldades inauditas do pulso de ferro que governava em nome do Rei. Por um momento se vira abarbado nas teias do terrível e nôvo tribunal da *Inconfidência* que sucedeu ao já abolido Santo Ofício, e não era certamente muito pior que a Inquisição.

Daquele mais do que desta bem sofreram alguns brasileiros ilustres, os patriotas da Conjuração Mineira.

As estréias do tribunal da Inconfidência, sem o lúgubre aparato dos autos-da-fé, consumavam iguais atrocidades.

Gorani, afinal, socorreu-se de um stratagem; fêz escrever da Itália uma carta em que se noticiava a morte de seu pai. Desta arte, o suposto órfão, com ar compungido e tristonho, pediu licença ao Marquês para voltar à pátria.

Deram-lha; e êle saiu alegremente, sem aquela *saudade* portugêsa característica das longas ausências.

\*

Gorani traduziu o episódio de Inês de Castro dos *Lusiadas*, compôs uma *Visione* em 78 estrofes impressas em Lisboa, e parece que é dêle uma *Vita di Sebastian Giuseppe di Carvalho*, anônima.

Os títulos do escritor, porém, consistem nas admiráveis *Memórias* de sua vida tão agitada e tão cheia de anedotas da mais interessante e curiosa de tôdas as épocas, a da última metade do século XVIII.

Os episódios que referimos de sua passagem por Lisboa empalidecem diante das páginas que escreveu, como testemunha presencial da Revolução Francesa.

Conheceu os grandes demagogos do tempo, de Mirabeau a Robespierre. Define-os a todos com grande

exação e fina sensibilidade. Nunca o enganaram o gênio, o charlatanismo, a estupidez, a imprudência e a perversidade das pessoas daquele grandioso drama da história.

Gorani, entretanto, era a contradição em pessoa. Sofreu tôdas as metamorfoses com extremada volubildade: foi *citoyen français*, girondino, monarquista e republicano, protestante e católico.

E acabou esquecido de todos, pois quinze anos antes de morrer o *Dictionnaire d'histoire* publicava o seu necrológio.

A sua grande volúpia era ser e não ser. E isso que era um problema para Hamlet foi o sentido verdadeiro de sua existência.

## As festas de Gonçalves Dias

Meu querido amigo:

Remeto, conforme o pedido de Vossa Mercê, todos os retalhos que pude haver à mão, das notícias e discursos (sempre os discursos) do centenário do glorioso poeta.

Por eles verá Vossa Mercê como somos incapazes de passar além da bôlha de sabão da boa retórica. "Words, words!"

Faltou o principal da apoteose.

Gonçalves Dias não tem sequer a edição regular de suas obras, e, agora, escoo talvez o momento mais oportuno.

As suas cartas admiráveis (como as que foram, há já muitos anos, publicadas no velho órgão) bastariam para dar-lhe o renome de prosador tão grande como era o poeta. Essa correspondência, que não sei se mais extensa e volumosa, não é, de todo, anedótica ou familiar; inculca idéias e opiniões acêrca da literatura nacional e dos seus meios de expressão autonômica.

Convinha reproduzi-las nesse momento fugitivo, uma vez que não entraram nas obras póstumas do poeta.

Nas festas aqui organizadas, os programas deixam muito a desejar. Para servir à frivolidade dos auditórios vulgares, meteram um pouco de música ao caso: Massenet, Chopin, arietas de óperas e romanças italianas. Que falta de discernimento! que despropósito!

Bem se poderia satisfazer o inculto esnobismo da nossa gente, sem excluir o caráter nacional e próprio da glorificação.

Há uma dúzia ou mais das formosas poesias do maranhense postas em música e que ainda se cantam pelas terras do Norte.

Confessou-me uma vez Vossa Mercê que, das modinhas nacionais, nenhuma era mais melodiosa que aquela dos — “Seus olhos negros, negros...” ou a do — “Meu anjo, escuta!”.

Mas isso que é, diante das árias francesas ou alemãs? Quem, dos nossos esnobes, suportaria a modinha brasileira?

Entretanto, era essa a feição típica e característica no momento.

E tudo brilhou pela ausência, a música, a caricatura, a polémica, o próprio jornalismo do poeta, que foi também jornalista.

Chamaram essas festas de “gonçalvinas”, mas têm sido antigonçalvinas por excelência, porque nada trazem da sua personalidade.

Creia; não estou exagerando.

Fomos surpreendidos de improviso, e nada preparamos para a apoteose.

Até agora, nenhum artigo, sequer, nenhum livro de crítica, nenhuma edição do poeta buscou perpetuar ou prolongar a hora que passa.

Exceção feita de uma ou outra inspiração do pincel de alguns artistas, apenas duas contribuições impessoais, a de Humberto de Campos e a de Mesquita Pimentel, mostram os aspectos íntimos menos conhecidos do poeta. Muito valiosa a descoberta que fêz Pedro Gomes de uma poesia juvenil, que se considerava perdida.

O resto compõe-se de banalidades e lugares-comuns, de discursos de mera egolatria dos discursadores.

— Eu, diz Paulo, acho que Gonçalves Dias é extraordinário...

— Sim, senhor, é uma grande glória nacional, na minha opinião, atalha Sancho.



— E eu (arrisca Martinho) estou convencido de que é um gênio, criador de beleza...

Afinal, Paulo, Sancho e Martinho o que querem é falar de si próprios, e, de caminho, endossar e mesmo valorizar, com "sua alta autoridade", o mérito já consagrado do poeta.

Porque, enfim, é preciso que o público conheça as opiniões de Paulo ou as de Sancho...

É incrível de fátua esterilidade êsse exibicionismo serôdio e inoportuno.

Vossa Mercê deve ficar ensurdecido com êsse babaréu...

Não tem, todavia, razão alguma.

\*

Entre nós, a retórica, o discurso, a falação não é propriamente um vício inextirpável. É, feitas as contas, um sinal de ignorância, de fraqueza, de incapacidade e de preguiça.

Disparar trinta ou quarenta períodos vazios e sonoros sobre o auditório inerme, mas condescendente, dispensa o estudo, a crítica, a pesquisa e o trabalho.

São girândolas inofensivas, que contribuem para o ruído essencial às glorificações. Quando espoucam em recinto fechado, o estardalhaço é bem razoável; mas, quando, no outro dia, aparecem (veja os retalhos das fôlhas que envio a Vossa Mercê) são figuras tristes, evanescentes, como certas almas do outro mundo tardias, que se deixam surpreender pela luz solar.

"Like a poor ghost caught in the daylight"...

Perderam a sua única propriedade, que era a de espantar.

\*

Estou muito longe de pensar que os esnobes que amam todos êles a fluidez do vácuo, e definem o talento e o valor das coisas pela superfluidade, queiram admitir (fora do "Ba-ta-clan" físico e moral em que nos abismamos) as indigestas lucubrações, duras e pesadas, anti-poéticas e anti-retóricas, de um ou outro raro espectador dessas frioleiras.

A verdade é que ainda não chegamos a êsse grau de seriedade e de circunspecção asinina. Ainda não achamos a fórmula compósita que associe ao foguete, aéreo, brilhante e fugitivo, alguma substância menos fosfórica e mais nutriente...

Estou que lá chegaremos um dia, e felicito-me por ir embora antes dêsse suspirado cataclismo.

\*

Há, entretanto, um sintoma agradável a registrar: e é essa unanimidade de entusiasmo ou, pelo menos, de alegria, num povo antiintelectual e quase inimigo da literatura, povo que não lê, nem presta a menor consideração aos homens que se dedicam ao ingrato ofício das letras, quando estas não coincidem com qualquer posição oficial, com o dinheiro ou a perspectiva do dinheiro, ou, em falta de todos êsses méritos, com a lábria e a cavação.

Não estou, Vossa Mercê bem o compreende, lamentando essa inferioridade, se inferioridade ela é. Estou definindo-a, apenas: pois que não é compatível com os nossos primeiros passos outra magnificência.

A incapacidade dos povos jovens é apenas uma fase inicial e necessária, por inevitável, se a todo o propósito ela se torna visível como agora.

Não podemos fazer melhor, por enquanto. E, no fim de contas, é já fazer alguma coisa, sem descreer, nem desesperar.

Os discursos, que tanto desagradam a Vossa Mercê, formam o gênero infantil e inicial. Podemos dizer, como aquêle nôvo simbolista:

I love the preliminary things...

E, freqüentemente, um discurso qualquer salva de terríveis apuros um sujeito que não tem nada que dizer.

\*

Venha sem tardar, que ainda haverá dois outros dias de festa.

E — quem sabe? — talvez tenha V. Mercê de pedir a palavra e encantar o auditório...

Do muito seu etc.

## O — indianismo — na literatura

Meu amigo,

Há entre nós um problema ou uma questão literária que nasceu com o romantismo e com a nacionalidade.

Comunico a Vossa Mercê as reflexões que me acodem ao espírito e espero que não as ache inteiramente insensatas.

As injustiças da ordem social, os próprios males da civilização sempre despertaram no homem a idéia de que uma — “idade de ouro” — se ela existiu acaso, só poderia ser colocada nos tempos primitivos.

A felicidade humana era assim uma concepção pe-lásgica que tinha só realidade nas afastadas origens e nos remotos paraísos da história.

Muito depois dessa intuição clássica a cronologia da idade de ouro foi reforçada nos tempos modernos pelos filósofos da igualdade social e do homem da natureza, como o queria Rousseau.

Ora, experimentalmente, a América apresentava o exemplo do — homem da natureza — dos filósofos da Enciclopédia: a boa fé, o comunismo e a ingenuidade das tribos selvagens impressionavam os sonhadores de sistemas políticos. O homem nu era quase o modelo da suspirada igualdade humana.

Este era o sonho que se sonhava na era do despotismo civilizado.

Desde logo o índio americano transformou-se num mito da política idealista dos direitos do homem.

Se todos fôssemos índios!

\*

Entre nós, parece que não era difícil essa transformação.

Os brasileiros da época da Independência, humilhados pelo conquistador branco e envergonhados pela escravidão negra, acharam no índio fugitivo e autóctone o símbolo mais expressivo da terra e da nacionalidade.

Nessa colisão, o índio era o *tertius gaudet*, na eleição da raça que mais resistira à escravização.

\*

O — “indianismo” — foi no decênio da Independência um sentimento ou uma voluntária ilusão generalizada pelos nativistas.

Todos queriam ser índios, quaisquer que fôsem os ingredientes dessa mistificação da história. Os próprios mazombos (que assim eram denominados os brasileiros de pura descendência branca sem mistura), entravam nessa aspiração comum que identificava a terra libertada e o bravo aborígine.

Ao ler os documentos que nos restam do tempo, os jornais, as fôlhas volantes, as canções patrióticas da revolução da Independência e do Primeiro Reinado, com os dissídios entre brasileiros natos e portugueses — parece ficar a impressão de que um povo autóctone e selvagem pelas origens alcançava depois de três séculos de guerra o triunfo e a posse incontestada da sua terra.

Essa epopéia, falsa a não poder ser mais, definia o entusiasmo da época da liberdade.

Os antigos valores coloniais inverteram os seus rótulos: os Sousas, os Bastos, os Silvas, os Oliveiras e os Carvalhos, passando por um novo batismo nacional, mudaram-se em Caramurus, Utinguaçus, Tupinambás e Goitacás.

No — *Cancioneiro Patriótico* — coligido por Vaz Carvalho, vemos as ladainhas tupis, os versos em nheengatu e outras frioleiras mal escritas em algaravia quase ignorada dos próprios poetas que as fabricavam, em honra do povo que arrebatava os grilhões do despotismo colonial.

Destarte não necessita demonstração alguma o fato de que a ilusão do indianismo era uma mentira convencional, e começou como um sentimento político antes de ser a inspiração da literatura.

Nascendo em 1823, Gonçalves Dias foi embalado no berço por essa mistificação patriótica.

Neste sentido êle difere essencialmente de Alencar. Sem dúvida, o Alencar de — *Iracema* — o Magalhães dos — *Tamoios* — seriam impossíveis sem a magia criadora do poeta maranhense.

Mas, no tempo de Alencar, a ilusão indiana e patriótica havia quase desaparecido, e o romancista inspirou-se muito menos no sentimento nacional do que na imitação estrangeira. A ficção patriótica que alentara Gonçalves Dias sucedeu a imitação, por vêzes literal, dos romances exóticos de Chateaubriand.

No seu indianismo, Gonçalves Dias nada parece dever à literatura francesa. Se fizermos exceção de algumas obras meramente informativas, de relações de viagens, é difícil encontrar na poesia americana de Gonçalves Dias qualquer fonte de inspiração fora das coisas brasileiras.

No seu tempo, a América bastava, e quem não era Caramuru podia ser Montezuma ou Atahualpa. Tupis ou astecas, pouco importava, para significar o nôvo espírito antieuropeu.

Em Gonçalves Dias é o seu tempo e é a sua gente quem cria e difunde a ilusão do indianismo; é êle o poeta da sua raça imaginária, e da sua terra, quaisquer que

sejam os erros de prosápia no pergaminho nobiliárquico que lhe improvisaram.

Em Alencar, o indianismo é uma graciosa falsificação erudita e pessoal, tomada duas vêzes de empréstimo: do poeta e do exotismo francês.

A independência política explica e justifica a poesia americana de Gonçalves Dias. É o patriotismo em estado nascente.

Em resumo, as afinidades entre Gonçalves Dias e Alencar, ainda que evidentes pelas exterioridades, são duvidosas e equívocas quanto ao sentido substancial.

Gonçalves Dias acreditava no seu ídolo, e via no índio a pátria verdadeira. Essa ilusão não a tinha, nem no seu tempo podia ter, Alencar. No romance dêste, a parte de velhacaria excede a da sinceridade; para êle, o "índio" era um belo motivo exótico e os motivos exóticos eram exatamente os mais prediletos do romantismo francês.

\*

No fim de contas, a falsificação, nacional ou estrangeira, era de qualquer máneira uma falsificação.

E, podemos acrescentar, uma falsificação grosseira, aos olhos mais argutos dos etnólogos. Gonçalves Dias e Alencar conheceram o índio pelas crônicas dos padres e pelos dicionários imperfeitos que havia. Os erros de palavras e de etimologias, os absurdos que semearam, podiam oferecer margem a comentários pitorescos, sem dispêndio de pedantismo.

Por igual são monstruosas as paixões e as idéias que emprestaram ao selvagem, dando-lhe altos sentimentos de amor, de piedade, de ação e de patriotismo, que nunca tiveram. A pobre gente foi transformada em nação de heróis, como nas antigas fábulas e legendas clássicas.

Tôda essa literatura tamoia, isto é, antiportuguesa e aliada casualmente ao francês, foi desaparecendo aos poucos e dela já não resta vestígio apreciável.

\*

O indianismo, portanto, quanto posso alcançar na perspectiva da nossa história literária, foi sucessivamente uma ficção patriótica e uma imitação francesa.

Na primeira fase, que é a do patriotismo, forma a nossa epopéia original e talvez a única que na história das nossas letras possa acusar uma fonte e origem profundamente nacional; na sua segunda fase, de imitação francesa, colheu já fria e morta a ilusão patriótica, mas rejuvenesceu-a, penetrando na corrente universal do romantismo.

É possível que ainda tenhamos de ver no curso do tempo uma ressurreição do autóctone. Os povos da Terra não cessam de fabricar brasões de fidalguia e antiguidade, e não tardará muito que um Enéias fugitivo aporte às nossas plagas trazendo-nos\* qualquer origem troiana...

...Trojæ qui primus ab oris.... venit...

Até lá, podemos ser índios com Gonçalves Dias ou tabaréus com o Catulo Cearense. Nem português, nem prêto, nem mulato — justamente as quase únicas verdadeiras da história.



## O poeta — Dranmor

Um dia, minha doce amiga, teremos um calendário em que ao lado dos santos e mártires apareçam as nobres figuras da inteligência.

Conheces, sem dúvida, os lindos versos de Dranmor, versos de amor e de morte como os que tu inspiras.

Vai perfazer agora cem anos do natal dêsse poeta que viveu a maior parte de sua vida no Brasil.

Dranmor (era o pseudônimo que usava), nasceu perto de Berna, capital suíça, a 22 de julho de 1823. Era alemão pela raça, como Rousseau era francês, ambos oriundos daquela paz helvética que se equilibra acima de três nacionalidades.

Não é raro que em numerosas antologias da poesia alemã encontremos o nome de Dranmor ao lado de Leuthold ou de Conrado Meyer, todos notáveis poetas suíços da mesma geração romântica.

O nome verdadeiro de "Dranmor" era Ludwig Ferdinand Schmid.

Conversemos um pouco acêrca da sua curiosa individualidade.

Não tinha ainda vinte anos de idade quando publicou o seu primeiro livro de versos *Blatt aus der Knabenzeit* — considerado por alguns dos seus críticos como o mais belo e inspirado dos seus trabalhos, tanta é a encantadora simplicidade daquelas estréias.

Aos vinte e um anos chegava êle ao Brasil, imigrante desconsolado, a tentar a fortuna que lhe não foi muito infiel ou tardia. A planta deu-se menos mal e amadureceu ao sol dos trópicos. Fêz-se negociante e enrique-

ceu; pelo menos, adquiriu o bastante para voltar ao Velho Mundo, viajar tôda Europa, por seis anos (1847-1852) e, afinal, estabelecer-se no Rio de Janeiro.

Dentro em pouco lhe vieram contrariedades e infortúnios, com a crise e depressão dos negócios; mas, nenhum desengano o abatia e, cheio de esperanças, confiava demasiado no futuro. Sabia que os amigos eram mais assíduos na boa fortuna que nos tempos adversos. Pouco importa. Às vêzes a solidão é a mais fiel de tôdas as companhias.

Em verdade, escrevia, não é ruim o homem, é apenas fraco e covarde (*zwar ist die Menschheit nicht schlecht, nur schwach und feige*).

Era êsse o seu temperamento de optimismo.

A tormentosa vida dêsse poeta, a um só tempo repartida pela dupla personalidade absurda de comerciante e de sonhador "poeta e corsário", como dizia, formava um contra-senso que havia de acabar pela ruína de tôdas as esperanças.

Aos 46 anos, numa das suas numerosas viagens, conheceu, em Paris, uma rapariga, Lise Aglae, com quem se casou no Brasil. Era esta mulher uma nova Xantipa para o pobre filósofo? Disseram-no; mas, sem fundamento razoável. No poeta nenhuma traição do pensamento o confirma.

Era ou devia ser ela o bom senso de um Sancho Pança de saias contra as quixotadas do espôso versátil, ativo, mas inconstante, vítima do seu próprio idealismo inadequado à vida prática.

Lise Aglae sofria dessas aventuras do espôso. Uma pouca de prosa faria bem a tão desordenada imaginação.

A verdade é que, se Dranmor fazia sempre bons versos, também fazia quase sempre maus negócios.

\*

Quarenta anos de Brasil deram-lhe fortuna, dissipações, bem-estar e ruína. O Nôvo Mundo, de que fizera segunda pátria, criou-lhe prodigalidades e sacrifícios generosos. Mas, ensinou-lhe a conhecer as asperezas da terra dos diamantes e a esquecer aquela falsa e malsã literatura que fala do tio rico da América ou do Nababo do Oriente.

A árvore das patacas que atormenta algumas imaginações européias, só aproveita realmente ao Brasil. É ela um chamariz para tôdas as audácias e energias longínquas. É um imã civilizador. E foi sempre entre as dores das desilusões e dos desenganos que nasceu a prole americana.

\*

Um aspecto curioso da vida de Dranmor, na sua velhice, no Rio de Janeiro, foi o jornalismo que exerceu, excitando entre alemães a propaganda da imigração, do abolicionismo e da educação dos escravos, da mudança da capital do Império para o planalto, verdadeiro núcleo do povoamento futuro.

A êsses temas inteiramente práticos e positivos ajuntava o seu incurável idealismo o cuíto da poesia, que era, em verdade, a face mais luminosa de sua alma.

Como êle vivia, viva e insopitável, a saudade da pátria, voltou à terra natal, pela última vez, para aí deixar os últimos despojos.

A pedra que assinala o túmulo do poeta, traz essa colegial inscrição:

## PER ASPERA AD ASTRA.

Assim foi. Nada mais trivial na história do imigrante e do poeta.

Incompreendido, incompreendente e incompreensível no ambiente que preferiu respirar, nômade e errante, a sua musa inspirou-se no sentimento da saudade.

Entre os seus versos avulsos mais característicos estão os que intitulou com a palavra portuguesa — “Saudade” — e os que trazem o título quase idêntico de “Heimweh”.

É curiosa esta palavra: “Heimweh”, é a dor da pátria, o desejo de voltar a ela, o “desiderium patriæ”. Hoje, é um vocábulo vulgar e corrente na Alemanha, mas, subiu e veio da Suíça; há um século no tempo de Goethe e Schiller, que nunca a empregaram: era desconhecida a expressão.

Os próprios médicos antigos confirmavam essa origem, admitindo uma moléstia singular a — “nostalgia helvética”.

Enfim, pouco difere da “saudade” portuguesa.

Dranmor sentiu-a na sua linguagem nativa, com a ressonância uníssona e amplificadora da língua que veio conhecer no Brasil.

\*

Entre os críticos da poesia alemã, o nosso poeta é considerado como um discípulo de Platten, isto é, uma espécie de poeta parnasiano (como dizemos à moda francesa), escrupulosíssimo em questão de forma e de exterioridades de expressão.

Esse formalista, entretanto, tem grandes suavidades espontâneas, que não parecem acusar o azeite das lâmpadas de Demóstenes.

Nada mais natural nem mais simples, infantil ou ingênuo, que os seus primeiros cantares da adolescência.

“Eu quisera” (diz êle numa das suas formosas poesias) “eu quisera enfim, adormecer, lá na campina verde, lá onde se erguem os pinheiros; aí quisera dormir à sombra dêles, livre dos tormentos do coração, e pela primeira vez ver as nuvens azuis e dormir eternamente.”

Essa dessaborida prosa corresponde aos belos versos que vou transcrever para que possas senti-los na sua admirável simplicidade:

Ich möchte schlafen gehn,  
 Dort auf den grünen Matten,  
 Dort wo die Tannen stehn,  
 Möcht'ich in ihren Schatten,  
 Befreit von Herzenqual,  
 Zum letztenmal  
 Die blauen Wolken sehn  
 Und ewig schlafen gehn.

O tom luso-brasileiro da nossa cultura não nos permite apropriar-nos de um poeta alemão, sem embargo de que no Brasil há um milhão de almas que ainda representem o pensamento germânico.

Todavia, Dranmor é um bocadinho nosso. Aqui passou a maior parte e a mais intensa da sua vida; aqui achou inspiração em algumas das nossas histórias populares e interpretou algumas das jóias poéticas do nosso parnaso.

Agora, que vai passar o centenário do seu nascimento, lembrou-me escrever essas linhas de saudade e de admiração pelo poeta <sup>1</sup>.

Minha doce amiga, sinto-me como êsse poeta foragido do meu lar que seria a tua alma e nem sabes que a cristalização de tua imagem é a minha única visão interior.

Perdoa-me e crê em mim,

Do teu...

---

(1) As poesias de Dranmor (*Gedichte*) contam cinco ou seis edições. Acêrca do poeta, escreveram, no Brasil, C. von Koseritz, Silvio Romero e J. Winiger (*Litteratische Skizze* no *Musterreiters Kalender*, 1904, Santa Catarina) e outros mais de que não tenho notícia. Recentemente, num volume de *Wissenschaft and Bildung*, de vulgarização, o Professor Adolf Frey, no livro *Schweizer Dichter* (2.<sup>a</sup> ed.).

O pseudônimo Dranmor é uma palavra normanda-francesa, que significa "ao mar!" — bem característica para um *globetrotter*, amigo das viagens e das aventuras. Tantos trabalhos (diz êle num verso que seria o seu melhor epítáfio) tantos trabalhos por uma mortalha!

## Humor versus vernaculismo

Meu grande amigo,

“Os brasileiros zelam mais o vernáculo do que os portugueses.”

Essas palavras de Júlio Dantas merecem o comentário que remeto a Vossa Mercê que é o escoliasta mais provector dessa redondeza.

O meu intento é explicá-las agora, abonando-as com os documentos da psicologia nacional.

Dois dos nossos humoristas trataram já com grande excelência deste curioso caso que tanto lisonjeia o gentio e nobilita a pátria.

Prefiro a lição dos humoristas à da história, porque dificilmente deletreio as coisas graves, e sou por natural melancolia inclinado às joviais anedotas.

Dois humoristas nossos dão-me a chave desse enigma vernacular, que sem eles me pareceria indecifrável.

Um desses humoristas é o Monteiro Lobato e o outro, o Mário Brant.

Valem ambos por historiadores e arqueólogos, tanto e tão profundamente penetram a alma nacional.

Contarei, pois, a Vossa Mercê os dois casos de Aldrovando Cantagalo e do José Cigarreiro — personagens representativas do quinhentismo sadio, transplantado.

Verá Vossa Mercê que Aldrovando Cantagalo foi quem lançou a semente, e o José Cigarreiro quem colheu o fruto. Ambos bem-mereceram da pátria, e para mim são verdadeiros heróis e demiurgos simbólicos que he-

rôicamente dissiparam o imundo vasconço, e fundaram a linguagem triunfante e eterna.

\*

Aldrovando Cantagalo, que Monteiro Lobato vulgarizou, é o verdadeiro tipo do apóstolo gramatical.

Leia V. Mercê êsse formoso conto, onde há tudo que aprender para certos usos caseiros, a verdadeira mezinha doméstica dos males espirituais que nos afligem.

Aldrovando é insigne no seu estilo de indagação contra os tarelos; pedia contra os incrêus da língua leis severíssimas e pelourinho infamante:

— “Leis, senhores, leis de Dracão que diques sejam, e fossados, e alcáçares de granito à defesa do idioma prepostos. Mister sendo, a fôrça se restaure, que mais o baraço merece quem conspurca o sacro patrimônio da sã vernaculidade, que quem ao semelhante a vida tira.”

Assim guerreava a sua guerra santa.

Como é gracioso êsse ódio teologal de Aldrovando Cantagalo! Estou que êle torceria o pescoço a uns dois terços da nossa Academia, que é caridade grande apressar a morte dos que sofrem sem remédio.

Para o Aldrovando, os jornalistas eram: “galicígrafos de papel e graxa, que à língua lusa ofendem”.

Sentindo o orgulho e santidade da sua vocação, Aldrovando Cantagalo saiu de ponto em branco pelas ruas e praças a endireitar os tortos gramaticais, a pôr em pé com unção os pronomes, a restaurar os Endovélicos e Viriatos que desde as suas cavas reclamam o respeito das velhas tradições gloriosas.

O seu estilo apostólico tem veemências sagradas e quinhentistas:

“Fogem-me à férula os maraus de pau e corda? . . . filá-los-ei pela gorja! . . . Salta rumor!”



“Amigo” (diz êle suavemente a um ferreiro) “amigo, natural a mim me parece que erres, alarve que és... Mas da boa sombra do teu focinho espero que ouvido me darás.”

E todos prestavam ouvido atento.

Segunda vez no lapso dos tempos, quatro séculos depois da conquista, ouvimos na selva brasílica a voz dos nossos missionários que hoje, ao invés de dilatar a fé e o império, nos edificam os pronomes e nos salvam a alma, sob as duas espécies das partículas santas.

Como era de prever, o apóstolo da gramática não podia deixar êste mundo sem o martírio.

Morreu efetivamente de um êrro gramatical que lhe atribuíram alguns tipógrafos malvados.

Numa tarde serena de céu limpido e azul, subiu sua alma, leve como fumo de incenso, ao seio do Criador.

A vinha que ela plantara floresceu e frutificou. Hoje bebemos o vinho celestial da sua doutrina, esquecidos e ingratos que somos do serviço daquele apostolado admirável.

A Aldrovando Cantagalo, ou melhor (pois que nunca é tarde para fazer justiça), a Santo Aldrovando Cantagalo devemos a polidez hodierna, a virtude quotidiana da boa linguagem. Louvores lhe sejam dados.

Desapareceram já os tarelos, os galiciparlas, franchelhos, franchinetes, tratantes e chatins de terras viciosas e corruptas.

O Brasil, hoje, é de nôvo sutil e manuelino, como a Tôrre de Belém e o Doutor João de Barros.

\*

Ora, é nesse estado de pureza imaculada do idioma que entra o nôvo humorista que V. Mercê bem conhece.

O segundo humorista é Mário Brant, Secretário das Finanças das Minas Gerais, grande jornalista, e escritor devorado, como tantos outros, pela política.

O herói do conto de Mário Brant é o José Cigarreiro, pobre-diabo que lutava pela vida, vendendo charutos e cigarrilhos.

Quando êle se estabeleceu, o tempo e o lugar eram climatéricos; na mesma rua havia concorrentes formidáveis, ricos e afreguesados. O José principiava a vida, e queixava-se dos maus negócios. Ninguém lhe batia à porta, quando por inspiração do alto lhe veio uma idéia.

Era já o tempo em que, graças à sementeira e aos trabalhos de Aldrovando, tôda a gente conhecia o vernáculo: ninguém mais ofendia a syntaxe nem as partículas.

Falava-se já uma língua de Quinhentos, em edição "ne varietur".

— Pois é assim? pensou o José Cigarreiro. Vão ver agora.

E logo suspendeu à porta da sua mísera tabacaria sem fregueses uma tabuleta nova, em letras garrafais: *Vende-se charutos e cigarros.*

E esperou, resignado, a indignação universal.

Logo cedo, entrou um sujeito na loja:

— Tem você aqui cigarros do Pomba?

— Tenho, sim, e de três marcas.

— Vou levá-los todos.

E, em seguida, ajuntou:

— "Seu" José, esta tabuleta não está muito católica. Ninguém hoje diz — "vende-se charutos". É erro grave. "Vendem-se..." é que é. Mude essa tabuleta.

Pagou e saiu. E logo entra outro indivíduo:

— Dê-me uma caixa de charutos da Bahia.

Foi imediatamente servido o nôvo freguês que, ao retirar-se, não se conteve:

— “Seu” José, há um êrro na sua tabuleta. No século vinte, é espantoso! Camões nem Aldrovando Cantagalo aceitariam essa lição do — “Vende-se charutos”. Pelo amor de Deus, corrija semelhante despautério.

Pagou e foi-se embora.

Ao cabo do dia, ao sol-pôsto, a gaveta do José regurgitava de moedas e a loja formigava com o entrar e sair da freguesia.

Se um êrro matou o Aldrovando, outro êrro reabilitou o José Cigarreiro.

Essa é, na verdade, a história de todos os mártires, e é também a filosofia da nossa história.

\*

Coteje Vossa Mercê êsses dois fatos tão diversos, e todavia tão iguais.

O êrro é o melhor estrume da verdade, e às vêzes vale a pena cometer uma asneira grande.

Entre as asnidades que tenho feito, pique um alfinete nesta e ponha na sua coleção.

Deus guarde a Vossa Mercê, como sói fazer a todos os apóstolos e colecionadores.

## Epílogo

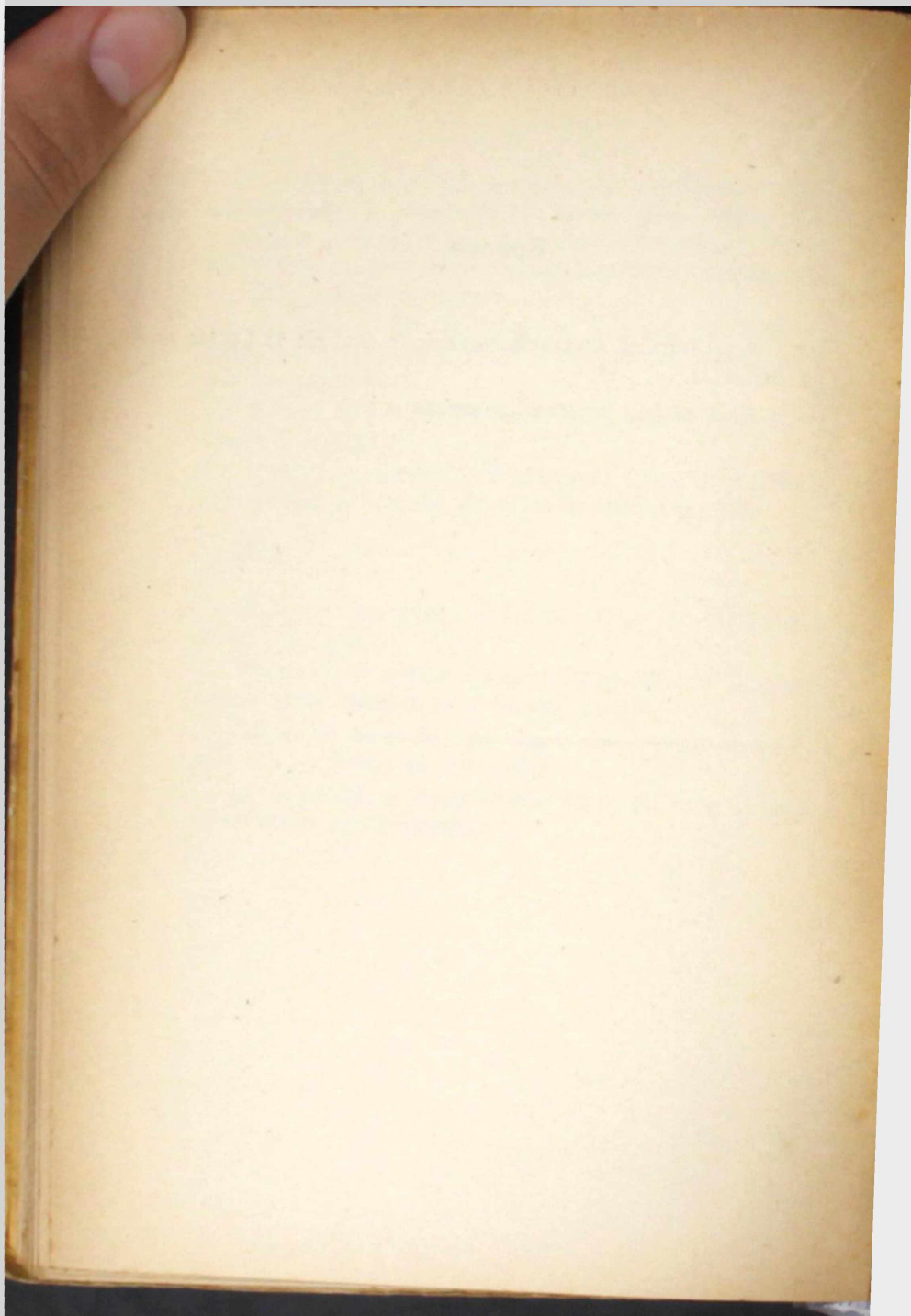
Aqui termina a correspondência, e com ela as *Cartas Devolvidas*.

*Post malam segetem serendum est.*

\*

Até outra vez.

J. R.



## ÍNDICE DAS CARTAS

Acêrca da difícil simplicidade .....	5
Dum velho maço de papéis .....	11
Sete anos de pastor... ..	17
Acêrca dos inimigos literários .....	22
Acêrca da questão ortográfica .....	27
Acêrca de S. Pedro .....	32
Acêrca do inimigo hereditário .....	37
Acêrca da brevíloquência .....	41
Acêrca de quem inventou a palavra — “tupi” .....	45
Do carnaval .....	50
Um acadêmico do século XVIII .....	56
De um velho maço de papéis. <i>Pedindo o voto na Academia</i> .....	62
Depois da recusa do voto .....	66
A propósito das tragédias .....	69
Acêrca da confederação luso-brasileira .....	74
Que é a verdade? .....	79
Acêrca de vários jacobinismos .....	84
Um bilhete sem enderêço. Profissão literária .....	89
Acêrca das inconveniências da teoria reunida à prática. Breve novela. ....	92
Acêrca de Gregório de Matos .....	96
Acêrca das coisas adequadas .....	103
Um grão de loucura .....	107
Da antigramática .....	112
Os Perós e os Maíres .....	118
A língua nacional .....	125
A psicoanálise literária .....	130
Acêrca do último imperador .....	137
A morte que vai morrendo... ..	144
Do gênio de Cristóvão Colombo .....	149
Acêrca do dicionário da Academia .....	155
Coisas que passaram... ..	159
Acêrca da seleção humana .....	167

Acêrca da — “Colmeia” .....	171
Acêrca da primeira religião dos Brasis .....	176
Ainda a religião dos Brasis .....	182
Acêrca do tipo nacional .....	188
Das leis da política .....	194
José Gorani em Portugal .....	200
As festas de Gonçalves Dias .....	206
O — indianismo — na literatura .....	211
O poeta — Dranmor .....	216
Humor versus vernaculismo .....	222
Epilogo .....	227

\*

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRÁFICA DA  
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" S. A., A RUA  
CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,

PARA A  
LIVRARIA SÃO JOSÉ  
EM 1960.

\*



150

8/2

12/9



Alguns livros sôbre

MACHADO DE ASSIS

*Publicados:*

AUGUSTO MEYER

MACHADO DE ASSIS

EUGÊNIO GOMES

MACHADO DE ASSIS

DIRCE CÔRTES RIEDEL

O TEMPO NO ROMANCE MACHADIANO

AFRÂNIO COUTINHO

MACHADO DE ASSIS NA LITERATURA BRASILEIRA

AFRÂNIO COUTINHO

A FILOSOFIA DE MACHADO DE ASSIS

ASTROJILDO PEREIRA

MACHADO DE ASSIS

MOYSES VELLINHO

MACHADO DE ASSIS

*Brevemente:*

*J. Galante de Souza* — O Negro na vida e na obra de Machado de Assis

*Francisca Bastos Cordeiro* — Machado de Assis que eu Conheci.



LIVRARIA SÃO JOSÉ

RIO DE JANEIRO

# COLEÇÃO "ENSAIOS"

- 1 — O PRETO NO BRANCO — Exegese de um poema de Manuel Bandeira — por Lêdo Ivo.) Análise e explicação dos processos e da criação poética do autor do "Mafuá do Malungo" — Volume de 90 páginas, brochado ... 50,00
- 2 — INGLATERRA — Notas breves e considerações à margem — por Castilhos Coycochêa. Uma visão rápida e segura dos costumes, hábitos e curiosidades do povo inglês, na linguagem clara e personalíssima do autor. — Volume de 90 páginas, brochado ..... 50,00
- 3 — ESFINGE CLARA — Palavra-puxa-palavra em Carlos Drumond de Andrade — por Othon Moacyr Garcia. Constitui este opúsculo mais uma das manifestações da crítica científica que começa agora aparecer no Brasil. Estudo de grande profundidade de um dos processos poéticos de C. D. A. — a associação semântica e paronomástica ou jôgo de palavra-puxa-palavra. — Volume de 83 páginas, brochado ..... 50,00
- 4 — LE BATEAU IVRE — Análise e interpretação — por Augusto Meyer. Notabilíssimo trabalho de crítica e compreensão das fontes da poesia de Rimbaud. Abre o volume uma tradução felicíssima do genial poema — LE BATEAU IVRE — magistralmente realizada por Godin da Fonseca. — Volume de 85 páginas, brochado 50,00
- 5 — ARTHUR AZEVEDO E A ARTE DO CONTO — por Josué Montello. — A originalidade da obra do criador de um novo tipo de contos, personalíssimo na literatura brasileira, explicada e compreendida pela análise profunda e meticolosa de Josué Montello. — Volume de 70 páginas, brochado ..... 50,00
- 6 — TEORIA DA METÁFORA & RENASCENÇA DA POESIA AMERICANA — de Oswaldino Marques. Dois ensaios notáveis — Volume de 107 páginas ..... 50,00
- 7 — ESCOLA DE TRADUTORES — de Paulo Rónai. O problema e a temática das traduções examinadas em grande profundidade por um especialista — Volume de 90 páginas ..... 50,00
- 8 — CAPISTRANO DE ABREU E A SINTESE HISTÓRICA — por E. de Castro Rebello. Dois ensaios de grande mérito — Brochado ..... 50,00
- 9 — ROTEIRO DE ADOLFO — CAMINHA — de Saboia Ribeiro. Valioso trabalho de interpretação da obra do romancista de "A NORMALISTA" — Volume de 90 páginas, brochado ..... 50,00
- 10 — ALBERTO DE OLIVEIRA — 1857-1957 — por Phocion Serpa. Biografia do grande parnasiano. — Volume de 200 páginas, impresso em ótimo papel. .... 100,00
- 11 — CAMÕES, O BRUXO e Outros Ensaio — por Augusto Meyer. Notável trabalho de exegese da obra camoniana realizado pelo grande ensaísta brasileiro — Volume de 123 páginas ..... 60,00
- 12 — CONSELHOS À REGENTE — por D. Pedro II. Introdução e notas de João Camilo de Oliveira Torres. — Volume de 80 páginas ..... 60,00
- 13 — CONVERSÃO DO GENTIO — de Mecenas Dourado. Tese de concurso para Cadeira de História do Colégio Pedro II. — Volume de 212 páginas ..... 120,00
- 14 — O TEMPO NO ROMANCE MACHADIANO — de Dirce Côrtes Riedel. — Volume de 230 páginas ..... 120,00
- 15 — LUZ E FOGO NO LIRISMO DE GONÇALVES DIAS — por Othon Moacyr Garcia — Volume de 102 páginas ..... 50,00
- 16 — O MUNDO QUE JOSÉ LINS DO REGO FINGIU — por João Pacheco. — Volume de 100 páginas ..... 50,00
- 17 — JORGE DE LIMA — Roteiro de Uma Contradição. — de Antônio Rangel Bandeira. — Vol. de 140 páginas, brochado ..... 100,00
- 18 — EVOCÇÃO DE B. LOPES — por Mello Nóbrega. — Volume de 100 páginas ..... 100,00
- 19 — DOIS RETRATOS DE MANUEL BANDEIRA — por Ribeiro Couto. — Volume de 90 páginas 100,00
- 20 — MACHADO DE ASSIS NA LITERATURA BRASILEIRA — por Afrânio Coutinho. — Volume de 110 páginas, brochura 120,00